

**UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**EDUCAÇÃO E CIVILIDADE: O DISCURSO DA  
ORDEM MISSIONÁRIA SERVAS DO ESPÍRITO  
SANTO (1907 – 1955)**

**RITA DE CÁSSIA LUIZ DA ROCHA**

**PIRACICABA, SP  
2007**

**EDUCAÇÃO E CIVILIDADE: O DISCURSO DA  
ORDEM MISSIONÁRIA SERVAS DO ESPÍRITO  
SANTO (1907 – 1955)**

**RITA DE CÁSSIA LUIZ DA ROCHA**

**ORIENTADOR: PROF. DR. ADEMIR GEBARA**

**Dissertação apresentada à Banca  
Examinadora do Programa de  
Pós - Graduação em Educação da  
UNIMEP como exigência parcial  
para obtenção do título de Mestre  
em Educação.**

**PIRACICABA, SP  
2007**

## **BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dr. Ademir Gebara - Orientador

Prof. Dr. Elias Boaventura

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Magda Sarat

## AGRADECIMENTOS

**Aos cronistas deste momento!**

*O que mesmo você estuda minha filha? Ah! Então vai!* Ao meu pai **Cecílio** e minha mãe **Santina**, que na sua simplicidade sempre buscaram palavras de incentivo.

*Pegou tudo? Passagem? Documentos? Livros!* Ao **Nelsinho**, ao seu lado construí duas histórias apaixonantes! História que se prolongará... Nossos filhos:

*Traz alguma coisa de Pira!* **Guilherme**

*Bom dia flor do dia!* **Ana Rita.**

*Não! Não! Esse ponto não pode ficar aí!* Ao meu irmão **Zé Carlos** pela paciência.

*O 'transmuamba' chegou!* **À Regina** pelas viagens confidenciais.

*E ai pessoa, fez boa viagem?* **À Lílian** pelos maravilhosos momentos na *Lilolândia*.

*A Rita levou meu sorriso!* **À Clarice** por nunca ter tirado o meu sorriso!

*Não posso esquecer...!* **À Elo** por sempre lembrar de dar apoio e carinho!

*Só o amor constrói! E ai coisa feia! Vamos dividir uma coca-cola? Vamos ande, ande!* **André, Cândido, Marcelo e Marcelo Pastre.** Pelos encontros no 'café com bobagens' que só foram possíveis nesse momento especial de minha vida.

*E ai camarada!* Ao **Professor Elias** pela maravilhosa desordem e ordem em ensinar.

*Manda bala!* Ao meu orientador **Gebara** por ser um *homem interessante* ao apontar passos nesta minha caminhada.

*Entre minha filha, de qual família você é?* **À D. Mercedes – Mercedinha** que com suas histórias, construí esta que também é minha.

**À Capes** – pelo fomento na realização deste trabalho.

*Ai meu Deus!* **À Deus** mesmo não sendo fervorosamente fiel nas histórias de fé, mas sei que sou por Ele regida, pois é detentor de toda sabedoria e de todas essas histórias.



## **Dedicatória**

*Eu te proíbo de fazer compras! Vai fazer a matrícula! À **Magda** por mais este mergulho da minha vida!*

## **RESUMO**

Ao considerar as escolas confessionais uma presença marcante na história da educação brasileira, esta pesquisa procurou evidenciar, a Ordem Missionária “Servas do Espírito Santo”, no período de 1907 a 1955, quando esta ordem veio ao município de Guarapuava/PR para auxiliar nos trabalhos apostólicos e deste trabalho resultou a fundação, do Colégio Nossa Senhora de Belém. Subsidiada por fontes documentais variadas, levaram-me aos seus marcos históricos e aos processos pedagógicos. Neste sentido, procurei focar as representações sociais, a partir de projetos de civilidade trazidos por esta ordem, que de modos diferenciados, contribuíram para a formação e a educação local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ordem Missionária, Educação, Civilidade,

## **ABSTRACT**

Analyzing the confessions schools that have and important roll in the Education History Brazilian. This search try to evidence the Missionary Order “Servant Spirit Holly”. Since 1907 to 1955, when this order come to Guarapuava – PR, to give support in the foundation of Nossa Senhora de Belém School. Subsidize by search varieties documentation, considered me to their handmark historicks and pedagogic process. By the way I looked for emphasize, the social representation, through public spirit projects to keep the tradition order, that manner differentiate contributed to the education and formation place.

**KEY WORDS:** Missionary order, education, civility

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: o tema e a documentação .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I .....</b>	<b>26</b>
<b>EDUCAÇÃO E CATOLICISMO: o projeto dos missionários viajantes.....</b>	<b>26</b>
Pe. Arnaldo Janssen e seu projeto de expansão.....	32
A Congregação das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo.....	41
O desenvolvimento da missão brasileira .....	43
A formação do grupo: professores e leigas .....	46
As boas relações .....	48
A aprendizagem da língua portuguesa.....	51
A viagem .....	53
A fundação de colégios.....	55
A trajetória da ordem no Paraná.....	58
<b>CAPÍTULO II.....</b>	<b>60</b>
<b>IRMÃS LUDOWICA, BRITA E PETRONELLA: a origem do Colégio Nossa Senhora de Belém .....</b>	<b>60</b>
O tempo e espaço escolar: sob a representação das ações cristãs .....	65
O espaço como materialidade do ensino .....	73
O espaço da escola e as práticas sagradas .....	80
O entorno do tempo e espaço: enfrentamentos.....	85
<b>CAPÍTULO III .....</b>	<b>103</b>
<b>AS SERVAS DO ESPÍRITO SANTO: educação e civilidade .....</b>	<b>103</b>
Educação e religiosidade: as freiras professoras/leigas e suas formas de instruir e civilizar.....	104
As festas escolares .....	108
Os modos de comportamento .....	112
Formas de mostrar-se: o uniforme escolar .....	115
As tradições de brasilidade .....	117
Novas formas de escolarizar.....	119
Formas de avaliar e obedecer: a inspeção escolar e os exames finais.....	124
A saída das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo.....	134
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>137</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>143</b>

## LISTAS DE FIGURAS

Figura 1. A primeiras Irmãs Servas do Espírito Santo .....	55
Figura 2. Alunos e Irmãs do Colégio Nossa Senhora de Belém.....	62
Figura 3. Colégio N. Sra. de Belém: Festa Campestre .....	77
Figura 4. Aluna Mercedes Loures: capela do colégio .....	83
Figura 5 . Teatro de alunas e ex- alunas do Colégio Nossa Senhora do Belém .....	110
Figura 6. Alunas internas do Colégio Nossa Senhora de Belém.....	116
Figura 7. Alunas do Jardim de Infância.....	121
Figura 8. Encerramento do Curso Primário (5º ano). Colégio N. Sra. de Belém .....	130

## **INTRODUÇÃO: o tema e a documentação**

A História das Instituições Educacionais constitui-se de um amplo espectro para investigação científica e é notório o aumento de estudos que começam a dar maior visibilidade e complementação à história da educação brasileira.

A escola como objeto de estudo denota uma configuração, que permite, a partir das relações que se estabelecem em seu interior, observar e compreender os modelos de funcionamento inseridos em tempos e espaços; desvelar as especificidades e singularidades como: interesses, buscas, princípios, valores, normas e outras particularidades, que permeiam a organização educacional.

Sob este prisma, há uma grande preocupação da nova historiografia em rever conceitos, e trabalhar com outras possibilidades e orientações teóricas sobre a história institucional. Assim, fragmentos históricos como jornais, cartas, livros de matrícula, relatórios, plantas arquitetônicas, fotografias, material didático, crônicas, diários, depoimentos orais, passam a ser considerados aspectos significativos para a pesquisa histórica, pois, concordando com Gatti:

*A orientação teórica presente atualmente defende que o processo de construção de interpretações do passado se faz no diálogo necessário entre nossas idéias e concepções e os indícios que conseguimos agrupar para corroborar nossas assertivas. Nesse sentido, a História das Instituições Educacionais almeja dar conta dos vários atores envolvidos no processo educativo, investigando aquilo que se passa no interior das escolas, gerando um conhecimento mais aprofundado destes espaços sociais destinados aos processos de ensino-aprendizagem. Parece-nos que a ênfase dada às análises mais sistêmicas cedeu lugar às análises que privilegiam uma visão mais aprofundada dos espaços sociais destinados aos processos de ensino-aprendizagem (GATTI Jr. 2002, p.29).*

Por ser *história*, ela implica em narrativas acerca da vida de escolas. A história das instituições escolares segundo Chartier (1994, p.103) “pertence ao gênero da narrativa – entendido no sentido aristotélico da articulação em um enredo de ações representadas”. Werle (2004, p.14) vai apontar que seus conteúdos derivam, em parte, com as *descobertas*, melhor dizendo, quando se percebe sua relação com os arquivos, com as formas documentais, por meio de testemunhos escritos e orais, e outras formas de manifestação. Em equivalência, os conteúdos de uma narrativa histórica derivam também, dos processos de *invenção* decorrentes do olhar do pesquisador, das suas interpretações e das imagens que agrega e cria com relação à instituição escolar.

Ainda sobre esta questão Chartier (1994, p.14) diz que a história das instituições “é um discurso que aciona construções, composições e figuras que são as mesmas da escrita narrativa, portanto da ficção, mas é um discurso que, ao mesmo tempo, produz um corpo de enunciados ‘científicos’”.

Tendo em vista esse pressuposto, a história das instituições escolares para o pesquisador é uma tentativa de pronunciar, elaborar um discurso, ou seja, uma releitura, a mais próxima, dos diferentes momentos ou etapas da instituição com seu contexto.

É possível, então, afirmar que a história das instituições vincula-se ao conceito de *representação* em suas três dimensões, como nos aponta Werle (2004, p.15) “na perspectiva de representação coletiva, naquela que se relaciona a ritos e símbolos, e na que a entende capaz de tornar presente o que está ausente”. Esta análise se corrobora no pensamento de Chartier (2004), quando o autor discute:

*[...] as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem; em seguida, as formas de exibição do ser social ou do poder político tais como as revelam signos e “performances” simbólicas através da imagem, do rito ou daquilo que Weber chamava de “estilização da vida”; finalmente,*

*a “presentificação” em um representante (individual ou coletivo, concreto ou abstrato) de uma identidade ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade (CHARTIER, 2004, p.15).*

A *representação coletiva*, nesse contexto, é entendida pelas relações de interdependência, nas quais os indivíduos vivenciam, orientam e recriam a realidade escolar a partir de seus comportamentos, atitudes e tensões internas ou externas ao ambiente institucional.

*Nesse sentido, a história das instituições escolares é uma tentativa de formular uma representação da instituição no que se refere a atitudes e condutas que foram sendo constantemente elaboradas e rearticuladas por meio de seus membros – indivíduos e grupos – diante de estímulos e pressões externas, e quanto ao seu grau de integração e formas de funcionamento (WERLE, 2004, p.15).*

Ainda nessa categoria de análise, a instituição escolar também alicerça a idéia de representações, de tornar *presente o que está ausente* - como uma ação empreendida de construção da imagem da escola, como reconstituição da memória. Nesse processo, visualizam-se aspectos de um passado ausente, ou seja, o funcionamento administrativo e pedagógico; a organização do tempo e espaço. Fatores que percorrem e se somam aos saberes produzidos no espaço escolar.

Em contrapartida, ao presentificar o passado ausente, a história das instituições escolares se concretiza na apresentação diversos documentos comprobatórios. Referindo-se aos documentos, elementos pré-textuais, Werle (2004) enfatiza:



*São considerados no processo de acreditação são representações, simbolizações da instituição, articuladas às relações de poder, a seus valores, práticas e propostas pedagógicas. Também os ritos, as estórias, os brasões, os emblemas que adornam, flâmulas, os distintivos, as bandeiras e uniformes, as cores, os hinos são indícios que contribuem para presentificar a instituição. Representação é aqui tomada como indício, signo ou sinal que funciona como manifestação de algo representado que não precisa diretamente ser comprovado, mostrado, para ser acreditado e compreendido (WERLE, 2004, p.16).*

Não se pode, portanto, compor uma história única, de um objeto particular, há pluralidade de interpretações históricas, pois a história deve ser entendida como estudo dos processos com os quais se constrói um sentido para os fatos... “A História tem hoje, mais consciência do que nunca da sua plenitude, do seu valor e de sua intangibilidade. Em seu caráter inexato, fato de que não deve ser e nem necessitar ser uma ciência normativa, é precisamente onde reside sua própria segurança” (HUIZINGA, 1992, p.71).

Pela sua não linearidade, a história é configurada por processos, e estes são ações humanas não planejadas, com base na teoria de Norbert Elias, Ademir Gebara (2005, p.2) escreve “somos indivíduos configurados em um espaço global, por isso mesmo, relativamente perdidos no interior de ofertas crescentemente instantâneas e diversificadas de comportamentos e estilos de vida. Nesse processo o código de conduta social, é elemento integrante na construção do *processo civilizador*”.

Em relação à educação, o processo de civilização, também, está relacionado à aquisição de controle e autocontrole. Norbert Elias formulou esta teoria interpretando historicamente o processo civilizador europeu no século XVI, estruturando-a sob o tripé: comportamento, poder e segunda natureza (*habitus*) como nos indica Ademir Gebara:

*A discussão destas proposições será formulada a partir da Teoria do Processo Civilizador de Norbert Elias (1897-1983), em especial no estudo empreendido por Elias junto com Eric Dunning. De acordo com os elementos essenciais para caracterizar o processo civilizador, uma tríade de controles básicos demonstraria o estágio de desenvolvimento de uma civilização: a) controle dos acontecimentos naturais, onde o desenvolvimento científico e tecnológico desempenha papel fundamental; b) controle das relações entre os humanos (relações sociais), aqui o*

*desenvolvimento das ciências sociais, bem como do Estado moderno, desempenham papel central na análise; c) controle do aprendizado, tanto ao nível do vivido quanto do transmitido, aqui a educação e o lazer desempenham papel significativo na abordagem (GEBARA, 2005, p.8).*

Na linha do debate empreendido, tendo como matriz os conceitos acima explicitados, este estudo emergiu.

A intenção é contribuir com discussões emergentes na História das Instituições Educacionais, uma parcela da história que ainda não tem visibilidade e está por ser escrita. Faço referência à História das Instituições Educacionais em Guarapuava, pois, muitas instituições públicas e privadas do município são centenárias e pouco se registrou sobre elas. Estes espaços seculares exerceram e exercem a função de formar inúmeras gerações, contribuindo com a difusão de modelos educacionais diversificados.

Um desses modelos, objeto deste estudo, é o da Ordem Missionária das Irmãs Servas do Espírito Santo, no período de 1907 a 1955. Desse trabalho das missionárias, resultou a fundação do Educandário Nossa Senhora de Belém. Após, 48 anos de trabalho, as Irmãs Missionárias, passam a escola para a Congregação das Irmãs Carlistas - São Carlos Borromeo – Scalabrinianas, que continuaram o trabalho até nossos dias.

A partir do período, que consta da fundação à saída da Congregação da cidade, procurei informações e indícios, que me levaram aos seus marcos históricos e processos pedagógicos, com foco nas representações sociais contidas no cerne de projetos de civilidade trazidos pela ordem.

Compreendi, que o discurso construído e difundido pela instituição e o seu desdobramento no cotidiano das práticas pedagógicas aplicadas na escola, contribuíram sobremaneira com seus modelos de civilidade e da normatização de uma educação confessional para uma formação diferenciada dos cidadãos de Guarapuava.

A hipótese de estudo é que essa escola atuou no cenário local como legitimadora de

leis morais, religiosas, de costumes e comportamentos tidos como aceitáveis, imbuídos em uma educação voltada à construção de valores individualmente trabalhados. Entendo que isso ocorria por meio das regras, do controle do corpo, nos jogos e brincadeiras, a leitura e a escrita. As relações dos discursos confessionais vêm demonstrar a capacidade da escola em construir um modelo de formação educativa para a sociedade guarapuavana. E reconhecer os instrumentos utilizados na construção de um processo civilizador para esta sociedade. Dessa forma procurei respostas para as questões: Quais os modelos de civilidade trazidos pelas irmãs missionárias? Quais suas práticas pedagógicas, para o cultivo dessa civilidade? Como as influências de um discurso confessional e institucional foram percebidas e apreendidas pelos indivíduos, no sentido de perpetuar e difundir tais idéias as gerações posteriores? Foram questões norteadoras desta “reconstrução” do passado.

Com essa perspectiva, muitas questões relevantes passam a compor este momento, entre elas a que trata a instituição educativa como espaço de relações, onde expectativas, conflitos, anseios, tensões e frustrações tomam conta desse cenário.

“O Colégio Nossa Senhora do Belém”, o espaço explorado, teve um caminho instigante, numa primeira investigação, é preciso destacar que tive que superar com o andamento do trabalho como: a ausência de documentação no Colégio; a falta de preservação das fontes documentais, que foram perdidas; documentos que se encontram em outras localidades; arquivos doados e/ou incinerados; fotografias perdidas e/ou furtadas, bem como atas e relatórios; a desorganização em termos de arquivo histórico como: a falta de catalogação em áreas de interesse e a manipulação incorreta da documentação por pessoas que não tem formação apropriada; a ausência de um centro de memória na cidade, que possibilite a pesquisa, visto que os documentos estão divididos nas mais diversas instituições e em acervos pessoais.

Diante do exposto, entendo que a subjetividade e a objetividade do trabalho caminham paralelamente, uma vez que eu estava com problemas, pois as fontes eram esparsas, dispersas, raras. Assim era preciso usar informações que me levassem a novos dados, novas fontes, formando uma trama de elementos que me dessem sustentação para o desenvolvimento do trabalho e que pudessem dar visibilidade a situações envolventes, interessantes, mas que precisavam ser tratadas com certo distanciamento, sem angústias, para ver as questões de modo claro e objetivo. Tal questão foi apontada por Oliveira (1999):

*O distanciar-se (objetivo) necessário pode estar no olhar de pesquisadora, tratando objeto e sujeito de pesquisa de forma profissional e crítica. Contudo, entre os dois aspectos emerge a todo momento, uma tensão interessante que instiga, estimula e impulsiona a buscar caminhos. A tensão mediando o envolver-se e o distanciar-se vai permeando toda a trajetória do trabalho, permitindo-nos desviar e enfrentar obstáculos, procurando pistas para compreensão desse processo cego, contraditório, que – faz – é parte da própria vida. (OLIVEIRA, 1999, p. 63).*

Com vistas a esta reflexão percebi que a possibilidade de trabalhar com múltiplas fontes documentais, seria essencial para a pesquisa. Nesta tentativa, o desígnio buscado é o de não privilegiar nenhuma fonte e sim evidenciar a importância de cada documento para compor esta história. Evidencio nesse processo, que as fontes devem caminhar para um diálogo com o objeto e que este diálogo venha a elucidar o problema a ser investigado.

*[...] no meio da poeira de documentos antigos, na lama das escavações ou no manuseio de instrumentos muito desenvolvidos tecnicamente é sempre o homem vivo que o historiador procura encontrar, é a sociedade na qual esse homem viveu, trabalhou, amou, procriou, guerreou, divertiu-se, que o historiador quer decifrar. E, para tal, todo tipo de documento que esclareça esses aspectos é de fundamental importância (BORGES apud LOMBARDI, 2004, p.154).*

Ao considerar as fontes como testemunhos das relações do homem, reporto a algumas para serem validadas, recuperadas e contadas, sendo essas: documentos da igreja, documentos da ordem religiosa, crônicas, cartas, jornais, fotografias e depoimentos orais.

Neste processo ressalto que o tratamento dado às fontes e à construção do documento continua sendo ênfase do historiador, ainda que ele tenha flexibilidade de construir o documento a partir de indícios, sinais que estão por todos os lados; a possibilidade de formular hipóteses explicativas interessantes para aspectos da realidade que não são captados diretamente, mas, sobretudo, são recuperados através desses indícios. Asseguro esta questão quando Carlo Ginzburg (2001, p.179) aponta: “ninguém aprende o ofício de conhecedor ou de diagnosticador limitando-se a pôr em práticas regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição”.

Assim, primeiramente pesquisei os documentos da igreja, o Livro Tombo do qual surgiram indícios da passagem da ordem pela cidade. São páginas escritas por pessoas, no caso padres, e/ou irmãos que testemunharam e narraram os fatos tanto religiosos como das relações sociais, políticas e econômicas da cidade. Estes relatos encontrados no Livro Tombo mostraram as trocas, vindas, saídas ou morte de vigários; visitas; números de confissões inclusive dos alunos matriculados no colégio; modificações arquitetônicas tanto na igreja como no colégio; relatos sobre festividades; resoluções sobre a doutrina cristã e das aulas de catecismo.

Num segundo momento, o foco de levantamento de fontes foi direcionado para os jornais locais da época de Guarapuava/PR: “*O Guayra*”, “*A Cidade*”, “*O Pharol*”, “*O Jornal Folha do Oeste*” e o “*Jornal Correio do Oeste*”. Algumas passagens jornalísticas datam de 1889 a 1955, e enunciam reportagens sobre a educação no Brasil e no Município de Guarapuava. Como destaque: a construção de novas escolas; início de matrículas; nomeação,

transferências ou afastamento de professores; elogio ao trabalho de diretores, professores e alunos; a divulgação de processos e resultados de avaliação; informação do início e término do ano letivo; relatos de exposições, de formaturas, comemorações, bem como inferências ao poder público. Outras passagens configuram-se em ritos religiosos, homenagens, celebrações, apresentações de alunos e professores, enfim mostram participações do colégio no cotidiano da época.

O Livro Tombo, os jornais locais, ainda davam poucas indicações para o propósito do trabalho, dessa feita busquei outras respostas em outros momentos da instituição escolar. Percorri a história das recordações de adultos contando sobre o tempo em que foram crianças e jovens, em que vivenciaram a formação confessional. Procurei através desses depoimentos, trazer a tona, o retrato da instituição escolar, ou seja, representações e imagens das relações pessoais que percorreram com o tempo a formação dessas pessoas que viveram suas primeiras experiências escolares nesta instituição confessional.

Para tanto, a história oral constitui-se de um recurso importante não só para a estruturação dos documentos na pesquisa, mas no desenho de novos fatos quais sejam individuais e ou coletivos. Destarte, investi nos depoimentos de vida de pessoas ligadas de alguma forma à instituição por acreditar que se traz na memória as experiências que se vive coletivamente e estas constituem o homem, enquanto indivíduo.

Com vistas a essa premissa e com base nas experiências que determinadas pessoas tiveram em sociedade, procurei escrever não especificamente sobre a infância de algumas, mas, averiguar os valores construídos pela educação confessional. Os relatos centram-se em vivências dos seis a treze anos, em evidenciar condutas aprendidas, desde muito cedo, em suas infâncias.

Dessa monta os depoimentos recuperam cenas representadas que no cotidiano fazem parte da vida e conseqüentemente da sociedade. Quando me reporto à sociedade e seu tempo, falo de pessoas, seu cotidiano e histórias contadas. Verena Alberti (1997) considera que:

*A História Oral é um campo de trabalho e uma metodologia que tem uma história e algumas genealogias míticas; que ela se caracteriza pela interdisciplinaridade e pelas muitas possibilidades de emprego, desde a política, passando pela história dos movimentos sociais, pela história de trabalhadores, de instituições, até a história da memória por exemplo; que ela se insere no campo da história presente; que está intimamente ligada às noções de biografia e história de vida; que a fonte oral tem especificidades que a diferenciam de outras fontes históricas, e assim por diante (ALBERTI, 1997, p. 218).*

Nesse contexto de reminiscências, é interessante destacar o desenrolar da pesquisa, caracterizada pela escolha dessas pessoas, e sua contribuição para o trabalho. Para tal intento, ouvi duas pessoas que viveram a infância e parte da adolescência em diversos lugares, com situação econômica, cultural diferenciada, mas tendo em comum o fato de passarem este período de construção de conceitos, num espaço compartilhado com um grupo de religiosas.

Procurei dar voz e nome<sup>1</sup> às pessoas entrevistadas. Essas serão apresentadas respectivamente, como D. Nahir , 73 anos e D. Mercedes , 72 anos, ambas viveram o período escolar na década de 40.

Primeiramente entrevistei D. Nahir, o que me possibilitou uma amostragem inicial, e motivou-me a continuar com a pesquisa sobre a ordem. Saí da entrevista com um material significativo para a pesquisa, numa primeira observação, algumas características do colégio, especialmente sobre alunos e professoras foram aparecendo. Por D. Nahir, tive a indicação de Dona Mercedes, minha segunda entrevistada.

---

<sup>1</sup> Os nomes não serão mudados, tenho a permissão dos entrevistados, as autorizações estão em anexo.

As informações tornaram-se mais consistentes, com Dona Mercedes, angariei o registro de vários momentos vividos, no espaço escolar, com inúmeras fotografias. Tais fotos foram importantes para anunciar personagens, que antes sem rosto, aparecem agora para compor o cenário.

Saliento, assim, que as imagens expostas no trabalho possuem intuito de dar visibilidade para alguns momentos da fala de D. Mercedes, trata-se de um arquivo particular que assegura testemunho do tempo e da passagem dela pela instituição.

Decidi ficar com a história de vida de D. Mercedes, para nortear a pesquisa. À medida em que direcionei as investigações sobre os depoimentos dessa senhora e a sua vida, parte do cotidiano da ordem e do colégio, aos poucos, se desvelaram.

Estas lembranças deram-me pistas importantes para voltar meus olhos para outra localidade. Logo, fui à Ponta Grossa, no Paraná, pois esta cidade é a única no Brasil em que ainda se encontram consolidadas as três ramificações da congregação, ou seja, os padres da Ordem do Verbo Divino (SVD), as Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo (SSpS) e as Irmãs Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua (SSpSAP), as enclausuradas. Destaco também o recanto da Casa Provincial denominado “Jardim da Saudade”, onde as irmãs da ordem falecidas no Brasil são sepultadas.

Assim, durante este tempo na cidade, fui ao IFITEME<sup>2</sup>, ao Seminário do Verbo Divino e a Casa Provincial das Servas do Espírito Santo.

As garimpagens feitas nestes espaços possibilitaram acesso a um material, até então inexplorado. No seminário do Verbo Divino, encontrei entre muitos documentos, vários escritos em alemão e polonês, sem tradução para o português sendo: revistas, livros, jornais, catálogos, encíclicas, ordenações da igreja. Com relação à documentação da ordem encontrei:

---

<sup>2</sup> Instituto de Filosofia e Teologia Mater Ecclesie. Nesse local encontram-se as documentações oficiais da Igreja, como concílios, encíclicas, além de publicações da Congregação do Verbo Divino, ordem masculina anterior a Congregação das Irmãs Servas do Espírito Santo. Ambas fazem parte da mesma obra de Arnaldo Janssen fundador das congregações.



crônicas correspondências diversas, jornais e fotografias. Dentre estes documentos observei, que havia registros de resoluções; idas, vindas, substituições, doenças e mortes de padres e irmãs; números de alunos matriculados; modificações arquitetônicas tanto na igreja como no colégio; relatos sobre festividades escolares e religiosas; das disciplinas ensinadas; resultados de exames escolares e de acontecimentos que marcaram o cotidiano da época.

Diante da diversidade de materiais, o caderno contendo as crônicas referentes aos padres da Congregação do Verbo Divino, foi o que mais chamou a atenção. Estas crônicas datam de 1907 a 1975, estão escritas em alemão e foram traduzidas para o português pelo Pe. Ricardo Kupper, em 15 de fevereiro de 1993 em Ponta Grossa. Toda esta documentação referente à congregação que se estabeleceu em Guarapuava está sendo analisada pela primeira vez.

A importância dessas crônicas, mesmo sendo da ordem masculina, vem agregar subsídios ao que intento discutir: a congregação feminina - há várias passagens contendo relatos sobre ela. Este tipo de fonte ajudou a compor, ainda mais, esta história, haja vista que possibilitou a descoberta de fatos que eram muitas vezes significativos para uma das congregações e para outra não, incidindo em complementaridade e assim, fui tecendo uma rede de conexões para finalizar o que pretendia.

Estas crônicas são compostas de escritos anuais, espécie de relatório, realizado pelos padres, denominados de cronistas que pertenciam à paróquia. Estes registros marcam as atividades que a congregação desenvolvia como: batizados, comunhões, casamentos, confissões, pregações, encomendações, binações<sup>3</sup>, aulas de catecismo, Santos Viáticos<sup>4</sup>, Santos Unções e enterros. Retratam, também, as saídas de padres para um trabalho pioneiro com índios e a população mais pobre da região. Nesses relatos são mostradas as dificuldades de atender a uma população que não tinha acesso a condições de saúde, escola, moradia e da

---

<sup>3</sup> Refere-se à realização de duas missas ao dia.

<sup>4</sup> Sacramento da comunhão ministrado aos enfermos impossibilitados de sair de casa.

catequização. Encontram-se apontamentos sobre a administração total da ordem, que abrangia desde manter e difundir a religiosidade católica, à construção, benfeitorias e fiscalização de paróquias e colégios, não só da cidade, mas de toda a região em que a congregação era responsável.

Outro espaço visitado foi à Casa Provincial das Servas do Espírito Santo. Ali, encontrei cartas do bispo fundador da ordem, crônicas sobre o colégio e o hospital da cidade. Como citados anteriormente estes documentos, no caso as cartas escritas em alemão, já estavam traduzidas, as crônicas ainda não. Estas cartas datam de 1891 a 1911, algumas ainda conservam a escrita gótica alemã, mas a maioria delas está datilografada.

Estas correspondências mostram as primeiras conversas entre o Fundador com Madre Josepha ainda em Steyl (pequena aldeia da Holanda, divisa com a Alemanha), sendo que a partir de 1902 as cartas começam ser trocadas entre o fundador na Europa e as irmãs que se encontravam no Brasil. Estas se configuram em pareceres meticulosos em que nada podia ser deixado de registrar ao fundador, não só para descrever como as atividades estavam sendo desenvolvidas, uma forma de controle da congregação, onde configuram comportamentos esperados, mas também Guarapuava para receber as orientações que vinham de Roma. Nesta instância, enfatizo que foi a última fundação no Brasil, sancionada pelo instituidor Pe. Arnaldo Janssen antes de sua morte em 1909.

De todos os documentos encontrados, as crônicas vêm cerrar o que desde início de minha caminhada estava procurando. Estas crônicas datam de 1907 a 1955, são relatos anuais das atividades desenvolvidas pelas missionárias tanto no colégio como no auxílio religioso e pastoral. Com a tradução das crônicas, houve a redescoberta do passado, preenchendo lacunas deixadas por outros documentos pesquisados. As crônicas registram as seguintes informações: desde a chegada das primeiras irmãs na cidade, o número de alunos matriculados, da construção e reformas no colégio, das festividades escolares e religiosas; das expectativas dos

resultados de exames escolares e dos retiros espirituais. Nessas narrativas, foi percebida a preocupação com a formação do corpo docente; a imagem e o controle do corpo; a organização do tempo e espaço e a utilização dos símbolos religiosos.

Nelas encontram-se datas mais precisas de fundação das instituições escolares pertencentes às duas ordens em Guarapuava: a Escola Paroquial (abr/1907) o Colégio Nossa Senhora de Belém (jun/1907) e o Colégio São José (abr/1930), e a fundação do Hospital São Vicente de Paulo (1918), que também contou com os trabalhos das Servas do Espírito Santo.

Diante do exposto, surge o desafio de como conseguir estabelecer as relações entre a produção do ideário católico através das práticas educacionais e a sua aplicação no Colégio Belém com tantos documentos? Como atrelar tudo isso?

Para empreender tal tarefa, construí esta pesquisa, alicerçando-a às fontes encontradas, pressupondo que todas possuem relevância neste trabalho. Contudo como sabedora da hierarquização de cada uma, desencadeio a história de vida de D. Mercedes, como núcleo documental central do trabalho, que irá se atrelar às cartas que mostram a preparação da ordem para o Brasil, e às as crônicas da ordem feminina que relatam o cotidiano das irmãs e do colégio. As demais fontes, os relatos dos padres, as reportagens jornalísticas e por fim as fotografias subsidiam a esta rede de histórias, que pôde ser organizada assim...

Num primeiro momento, verso sobre a implantação no Brasil, no século XIX, do catolicismo *ultramontano* - catolicismo romanizado. Objetivo mostrar este movimento da Igreja Católica e sua repercussão na área educacional, onde o discurso civilizador europeu aponta para a necessidade de trazer para o Brasil, mudanças em certos padrões de comportamento. Tais mudanças viriam com a *palavra de Deus* e a educação mediante a fundação de colégios. E neste movimento encontra-se Pe. Arnaldo Janssen. Privilegiei tal discussão, por considerar que a congregação da ordem Missionária Servas do Espírito Santo tem sua origem e consolidação a partir deste importante movimento na Igreja Católica. O

trabalho em Guarapuava se dá num momento em que muitos membros do alto clero implantavam significativas mudanças nas paróquias por eles comandadas. Mostro a organização e o desenvolvimento da missão, pelo fundador da ordem Pe. Arnaldo Janssen. A sua apreensão com relação a escolha das irmãs; do aprendizado da língua portuguesa; dos comportamentos esperados. Comportamentos com os quais se preocuparam desde a saída de Steyl, a chegada ao Brasil e a trajetória das irmãs no Paraná. Apresento, ainda, a inquietação da ordem no que concerne ao êxito deste projeto, para tanto, contavam com a representação que as irmãs tinham neste momento como missionárias. Sendo assim, a ordem procura desenvolver através de seus trabalhos, a difusão das diretrizes e a restauração do prestígio da Igreja e dos fiéis.

No segundo momento, proponho reconstruir os passos das primeiras três irmãs que chegam à Guarapuava e fundam o Educandário Nossa Senhora do Belém. Procuro evidenciar o tempo e o espaço escolar, elementos que foram compondo a estrutura do colégio, tendo em vista que esta organização tem especificidades que lhe são próprias, e por se tratar de uma instituição confessional com a proposta inicial de atender a um público feminino. Aponto acontecimentos da época que de alguma forma tiveram relação com o cotidiano do colégio, como: epidemias, combates locais, nacionais e mundiais. Discuto, outrossim, as dificuldades enfrentadas pelas irmãs diante de reações da sociedade local à sua origem alemã; as ansiedades, alegrias, tristezas, insatisfações e descobertas de um grupo de estrangeiras que ao largar seu país de origem se entregam literalmente a outro, diferente em língua e cultura, onde tentam empregar todos os meios, habilidades e oportunidades disponíveis para desenvolver um trabalho catequético educacional a elas confiado.

Finalmente, no terceiro momento, busquei evidenciar como foi sendo percebida a cultura da escola, uma vez que se trata de uma instituição que representou a veiculação do projeto de educação da Igreja Católica em Guarapuava. Assim, foi possível compreender a

forma constitutiva desse espaço, as práticas utilizadas, a construção dos saberes pedagógicos que permearam este universo. Das disciplinas e da religiosidade a serem estudadas e experimentadas pelos indivíduos que ali estudaram.

Tendo em vista as inúmeras tensões e intenções desta caminhada, apresento uma pesquisa que com certeza trará uma contribuição para a História das Instituições Educacionais e à História da Educação, propriamente dita. Sendo assim, apresento o resultado e reflexões acerca do que foi possível concretizar...

## I EDUCAÇÃO E CATOLICISMO: o projeto dos missionários viajantes

Guarapuava, cidade onde D. Mercedes nasceu, e que durante muito tempo ficou conhecida como terra de degradados. No período de 1810 a 1840, Guarapuava era considerada um local de degredo, lugar para onde eram mandados os criminosos das grandes cidades. “Por esse motivo nossa terra era chamada de PRESÍDIO DE GUARAPUAVA” (MARCONDES, 1998, p.22).

D. Mercedes é filha de fazendeiros, pertencente a uma família tradicional e muito religiosa, sendo possível afirmar segundo a história de fundação da cidade, uma das primeiras famílias a colonizar Guarapuava, pois o Subcomandante Antonio da Rocha Loures, seu tataravô, veio com a Expedição Real Colonizadora que tinha por objetivo colonizar os campos e pacificar os índios. Esta expedição foi uma das últimas tentativas em colonizar os *matos* de Guarapuava, visto que expedições anteriores foram dizimadas pelos índios existentes na região.

*Em 11 de novembro de 1818, a pedido do Padre Chagas, D. João VI criou a Igreja Matriz, Freguesia de Nossa Senhora de Belém [...] Assim, em 9 de dezembro de 1819 foi instalada a Freguesia de Nossa Senhora de Belém, pelo formal (documento) assinado pelo Tenente Antonio da Rocha Loures e o Padre Francisco das Chagas Lima. Esta Freguesia, ou melhor, o pequeno povoado com um pároco, foi o início da Cidade de Guarapuava (MARCONDES, 1998. p.50).*

Antonio da Rocha Loures teve um filho, Francisco Ferreira da Rocha Loures que se casou com D. Laura Rosa de França, sua bisavó, que trouxe de Sorocaba/SP uma santa, e esta se tornou a padroeira de Guarapuava. Como relata D. Mercedes:

*Os Loures é uma família só, que dizem que veio de Portugal. Essa família, então não tem tanto, é que você vai na lista telefônica e não acha tanta gente, porque você vê assim Oliveira, Santos, aquilo tem páginas e páginas, e a nossa não (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Gracita Marcondes (1998) conta a lenda:

*Quando D. Laura se preparava para vir a Guarapuava, recebeu de sua mãe uma imagem de Nossa Senhora de Belém. A mãe recomendou a Laura que trouxesse a imagem nos braços, para proteger dos perigos da viagem que ela faria a cavalo. A viagem foi longa, por campos, florestas, rios sem pontes. Os viajantes subiram a serra da Esperança e, quando iam atravessar o vau de um rio, foram atacados pelos índios caimés. Na luta morreram muitos escravos e índios. D. Laura foi atingida por uma flecha na perna e seu cavalo, assustado, começou a correr. Implorando a proteção da Santa, ela prometeu que, no lugar em que fosse salva, colocaria aquela imagem numa igreja. Imediatamente o animal foi dominado e quando se encontrava onde hoje é a Catedral, ela foi alcançada pelos companheiros de viagem. A imagem foi, mais tarde, colocada na Igreja Matriz de Nossa Senhora de Belém, cujo oratório foi construído por seu tio, o Padre Chagas. O rio onde houve a luta passou a se chamar rio da Morte (MARCONDES, 1998. p.51).*

De família influente, D. Mercedes passou sua infância na década 30, suas lembranças estão permeadas de alegria e deslumbramento, também retrata um tempo de vaidade, amargura, rancor e tristeza. Nesse processo de memórias, falou de uma infância/adolescência vivida na fazenda e casas de quintais grandiosos onde estão envolvidos os pais, os avós, tios e primos. Recorda de seu período escolar, sob influências de freiras católicas que vieram para Guarapuava, teve sua formação escolar e religiosa.

O período que precedeu a vinda dessas missionárias, foi um tempo de mudanças sociais, culturais e econômicas, em que as gerações de sua família acompanharam e intervieram neste processo, para o desenvolvimento da cidade. Saliento precisamente, a época da Primeira República, que encerrava o poder monárquico no Brasil e que foi fortemente marcado pela influência dos grandes fazendeiros no cenário político, pelas alternâncias no governo entre políticos de Minas Gerais e São Paulo. Também mostra um período de

efervescência no que refere-se aos debates educacionais. Onde no projeto republicano a educação é referendada ao Estado-Nação, o qual tinha por objetivo a escola pública, gratuita e laica.

Esta pregação pela escola pública, gratuita, esbarrou em problemas sociais mais graves como, as singularidades das pequenas cidades como Guarapuava que começavam a emergir. Fatores como a pobreza da população, falta de acesso às mínimas condições de vida e o desemprego, pontos importantes que não constavam no projeto republicano e que marcaram as discussões nesta cidade.

Essas discussões do período apontavam a lentidão da democratização do país e da sua concretização para atender as necessidades da população. Vejamos nessa passagem do semanário *o Guayra* como a questão da educação é colocada.

*Nos países que caminham na vanguarda da civilização como a Inglaterra, os Estados Unidos, Suíça e a França, a educação cívica do povo constitui o primeiro cuidado e representa a mais alta missão dos homens que estão a frente dos partidos políticos [...] desde que o Brasil entrou no regime da democracia pura, o que temos feito para a educação do povo? Nada, absolutamente nada. Copiamos a Constituição da grande União norte Americana, mas quem conhece aquelle importantíssimo documento, do qual com muita razão disse Gladstone que 'era a obra mais perfeita, que de um só jacto sahira do cérebro humano?' Apenas uma classe privilegiada da República tem pleno conhecimento da lei orgânica do país; quanto ao povo, esse ignora tudo, praticando-se coisas entre nós, que se fossem contadas a um Norte americano, não seriam acreditadas (O GUAYRA, 24 de julho 1897).*

Esta discussão remete à educação como resolução de problemas sociais existentes no Brasil, oferecida para a sociedade como desenvolvimento do progresso prometido, sendo que a escola seria o instrumento para a transformação da sociedade. Num sentido mais amplo, a educação deveria equipar e orientar o indivíduo no mundo, pois estava associada à civilidade e ao progresso. A educação era vista como alicerce da vida civilizada, como destaca



Kuhlmann Jr. (2001, p.20). “Ela seria produtora do progresso e não uma conseqüência do desenvolvimento econômico e social”.

Tal caminho põe em destaque que a educação articulava-se a busca do progresso e modernidade, um caminho para o desenvolvimento social e econômico. Essas invocações pelas transformações, essa *civilização*, como aponta o periódico através dos comportamentos pessoais esperados, mudanças nos vários setores da sociedade, são aspectos que estão permeados de um ideal de grande significação emocional o processo de *vir a ser*. Isto fica evidenciado na comparação com outros países.

Esta indefinição quanto ao sistema educacional é constatada pelo jornal, nos textos editoriais:

*O ensino público, diz a Reforma do Ensino Primário. Está na orla do limite possível a uma nação que se presume livre e civilizada; é que há de decadência em vez de progresso; e que somos um povo de analphabetos e que a massa deles, se decresce numa proporção desesperadamente lenta (...) o ensino popular, tal como se acha organizado na actualidade, não só no Paraná, como em outros Estados da grande República brasileira. Si os relatórios officiaes não dizem exactamente a mesma coisa, está todavia na consciência de todos, do povo, dos paes de família, do contribuinte, que a instrucção dos filhos do povo é mal feita, deficiente, e longa de poder comparar-se com o serviço do ensino primário de outros paizes” (O GUAYRA, 11 de março de 1899).*

Em decorrência desses fatores e buscando mudanças nesse quadro, principalmente no sentido de ampliar a institucionalização escolar, tem-se uma proposta política governamental, que mesmo com pouca estrutura e financiamento, começa a estabelecer um processo de normatização legal da educação, a obrigatoriedade ao ensino mesmo limitada, à frequência da população livre à escola, bem como do estímulo a núcleos étnicos e religiosos que começam a constituir um panorama novo ao sistema educacional brasileiro.

Estes grupos religiosos oriundos de outros países visavam recuperar antigas posições, que a Igreja Católica perdeu, pois com a República, houve a separação entre Igreja e Estado e a liberdade de culto. Foi um período difícil e contraditório para a Igreja no Brasil, pois a Constituição de 1891 afetou diretamente o sistema educacional no artigo 72, nº 6 que tratava da laicização do ensino administrado nas escolas públicas. Destaco que esta mesma Constituição consentiu a entrada de religiosos e sacerdotes estrangeiros, medidas que provocaram reações diversas por parte da Igreja Católica.

Assim, na tentativa de recuperar antigas posições, a Igreja Católica, abriu espaço para negociações com o Estado, mecanismos que oscilavam entre o conservadorismo e uma possível abertura na esfera cultural, visto a realidade em que se encontrava a atual sociedade.

Um desses mecanismos adotados pela Igreja foi a entrada de várias ordens missionárias tanto femininas como masculinas, sendo que muitas acompanhavam os imigrantes que chegavam ao Brasil. Sobre este posicionamento da Igreja, Renk (2004, p.57) vai dizer que “foi um posicionamento frente ao ideário dos republicanos, que era a modernidade”.

Sobre as congregações e institutos católicos, Kuhlmann Júnior (2001 p. 133) indica que tais ordens missionárias começaram a chegar de outros países para o Brasil desde 1850 e com maior intensidade após 1880, que somente em São Paulo entre os períodos de 1859 a 1954 chegaram 37 congregações religiosas que fundaram 109 escolas secundárias femininas.

Neste contexto, é importante salientar que, essa expansão dos colégios privados principalmente da Igreja Metodista introduziu técnicas educacionais mais estruturadas, particularmente as norte-americanas e que ficaram sendo conhecidas no Brasil. Nesse grupo está a missionária Martha Watts, que veio para o Brasil em 1881, com o objetivo de fundar colégios. Ao referir-se a Marta Watts, Magda Sarat (2004, p.222) escreve “seus projetos

podem ser descritos como missões bem-sucedidas, se considerarmos os colégios que fundou e que ainda hoje estão em funcionamento”.

Assim sendo, a ocupação de lugares ainda não totalmente preenchidos pelo *invasor*, era tarefa primordial, para a recristianização do Brasil. E isto se concretizou na instalação de escolas católicas adequadas para tal fim, trazendo ao Brasil congregações religiosas aptas para o trabalho educacional. Como afirma Zulian (1998, p.92) “Esta ação tinha como eixo central a idéia de que a crise mundial era reflexo dos princípios errôneos e degenerativos do pensamento moderno, agenciados pela educação leiga, e que a solução para tal crise residia na educação católica”.

As orientações da hierarquia católica na fundação de colégios católicos, especialmente onde escolas públicas ou protestantes estavam sendo implantadas materializaram-se de maneira bastante clara em Guarapuava na conjuntura da proclamação da República dentro do contexto imigratório nacional.

Povoada inicialmente por luso-brasileiros, Guarapuava, aos poucos foi sendo colonizada, por alemães, poloneses, ucranianos, italianos, entre outros. Estes imigrantes marcaram a fisionomia luso provinciana da cidade, com sua cultura, economia e, principalmente, pela sua forma particular de vivenciar o sagrado.

Com a premissa de garantir a *pureza da fé*, ensinar a *verdadeira* religião, os comportamentos esperados civilizados aos que estavam estabelecidos, e aos que chegavam, uma congregação religiosa instalou-se em Guarapuava na conjuntura da 1ª República uma congregação religiosa: os *Verbitas*. Constituída pelos padres da Sociedade do Verbo Divino, destinados à orientação masculina e em 1907 pelas Irmãs Servas do Espírito Santo, dedicadas à educação feminina.

O estabelecimento dessas escolas confessionais em Guarapuava, em um Estado laico de certa forma corresponde a três aspectos: “a) o estabelecimento de numerosas congregações

européias no país (esta inclusive); b) a adoção das diretrizes ultramontanas, especialmente no tocante a educação feminina; c) a preocupação oficial e eclesiástica com a presença e a socialização do imigrante estabelecido no sul do Brasil” (ZULIAN, 1998, p7).

Julgo oportuno esclarecer alguns pontos relevantes quanto ao projeto de internacionalização da Igreja nos moldes ultramontanos e à adequação e implantação desse modelo nas áreas de imigração do sul do país. Neste panorama de tradições, costumes, hábitos, rituais religiosos e modos de comportamento irão compor seus espaços de convivência e misturar-se com os costumes de um novo país que os recebe. Mas, em que este projeto missionário pode realmente considerar-se civilizador, tirar a infância e a juventude brasileira da barbárie, ao modelo já estabelecido pelas famílias e das suas relações do cotidiano? É possível verificar resquícios dessa formação nos indivíduos que conviveram sob orientações dessa ordem missionária? Buscando respostas para estas questões, a partir das experiências de D. Mercedes e sua trajetória educacional, tentarei evidenciar resquícios desse modelo educacional religioso.

### **Pe. Arnaldo Janssen e seu projeto de expansão**

D. Mercedes entrou para a escola em 1942. Retratou o espaço escolar com deslumbramento e respeito pela educação que tivera. Falou de um tempo, de dificuldades, andava quilômetros para ir à escola, o afastamento dos pais, era interna no colégio, porém essas adversidades não eram impedimento para aprender. Um período tempo em que era preciso acordar cedo, recitar orações e ladainhas, da importância das confissões, a primeira comunhão e a crisma. De decorar tabuada e questionários, da realização de provas orais,

exames de final de ano e o falar pouco. Exalta, ainda, desse período escolar, sobre as exposições de trabalhos manuais, das aulas de piano, de músicas, dos teatros, dos piqueniques, de cultivar a horta. Recordou a participação do colégio nos desfiles de 7 de setembro, em novenas, nas procissões, de ganhar santinho, das festas de igreja. Festas que ajudava na confecção de roupas, em que interpretava e recitava nestes momentos. Também retrata as amizades que fizera e que se mantêm pelo envolvimento do colégio com a igreja.

Suas referências com as questões práticas escolares, as regras instituídas pelas irmãs faziam parte do aprendizado, pois, para ela imprimiam a importância dos valores religiosos, bem como os comportamentos esperados. Valores estes que posteriormente vivenciou na vida adulta. Para D. Mercedes, a escola era espaço de lazer, de diversão, em que sentia-se útil e valorizada. Afirmou a falta do envolvimento das crianças, dos jovens e das pessoas nas atividades da igreja, pois, envolvem-se em muitas outras atividades e deixam, muitas vezes, este espaço. Ressalta que a igreja para essas pessoas, aparentemente deixou de exercer a função social que antes possuía como local de encontros das famílias, das crianças, das festas, dos primeiros namoros perdendo assim, esse vínculo social como único espaço de atividades lúdicas.

Todas estas experiências de seu período escolar foram no Colégio Nossa Senhora do Belém, espaço onde estudou por cinco anos sob orientações das Missionárias Servas do Espírito Santo. Ordem missionária organizada por Pe. Arnaldo Janssen, em Steyl, uma pequena aldeia na Holanda, fronteira com Alemanha. *Ele já foi beatificado, Arnaldo Janssen e também o José Freinademet (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

D. Mercedes relatou sobre as primeiras irmãs que vieram para o Brasil, eram todas alemãs, sendo algumas, nas décadas seguintes suas professoras. Falou de um tempo de preparação das missionárias, onde eram muito boas como professoras e nos seus afazeres, de falarem fluentemente o português e da boa convivência entre elas.

*Irmã Sabinia, era alemã, quase todas eram alemãs, pois a casa mãe é Stevl na Holanda, bem na divisa com a Alemanha, onde Arnaldo Janssen foi o fundador. Então a maioria delas eram alemãs, a irmã Gertruda, a irmã Hildegondes, que foram minhas mestras. A gente não acha professor... Principalmente como antigamente (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Tudo começou... *Pelas mãos de Pe. Arnaldo Janssen*, como apontou D. Mercedes (73 anos). Arnaldo Janssen (1837-1909) veio de uma família simples de lavradores e muito religiosa, da cidade de Goch, Baixo Reno Alemão, perto da fronteira holandesa. Aos 10 anos entrou para o seminário. Aos 24 anos e recém ordenado, começou a lecionar na escola secundária. Arnaldo Janssen tinha qualificação para lecionar Matemática e Ciências Naturais em todos os níveis de segundo grau algo não comum entre os padres da Diocese de Münster. Conhecido como, perseverante e rígido tinha o desejo que o movia “*a volta dos povos separados pela fé*” (SVD, 2004, p.16).

Este pensamento de Pe. Arnaldo Janssen reporta a uma época de turbulências, metade do século XIX, o auge do nacionalismo, colonialismo e imperialismo europeu. Foi um período de convulsão social, onde as potências européias estavam ocupadas em repartir entre si quase todo mundo. Um tempo de conquistas, lutas e recuperação de espaços.

Recuperação de espaço, que também a Igreja na Europa estava enfrentando. Começando em 1871, a Igreja Católica, na Alemanha foi tomada pela revolução cultural denominada *Kulturkampf*<sup>5</sup> Este movimento irá excluir, bem como limitar o campo de atividades dos padres, das ordens religiosas e especialmente das escolas.

Ao mesmo tempo, uma era de crescente entusiasmo missionário em toda a Europa. Neste movimento encontrava-se Pe. Arnaldo Janssen, que participava do Apostolado da

---

<sup>5</sup> A *Kulturkampf* (guerra cultural), acontecia na Prússia, o general Otto Von Bismark apoiado pelos *junkers* (nobreza territorial) e pelos nacionais liberais lutava contra o partido do Centro Católico. Os bispos reclamavam do governo o reconhecimento do seu direito de formarem e destinarem seus sacerdotes, e da ereção de escolas e de conventos, ao controle do ensino religioso e a administração do patrimônio eclesiástico. A *Kulturkampf* suprimiu a seção católica no ministério do culto (jun/1871), inseriu o chamado parágrafo do púlpito no Código Penal Alemão (dez/1871), criou a lei sobre o controle das escolas (mar/1872) e a lei sobre os jesuítas (jul/1872) que suprimiu todas as casas da Companhia de Jesus e das ordens afins: lazaristas, redentoristas, Damas do Sagrado Coração, padres do Espírito Santo, ordenando a expulsão ou o internamento de todos os membros. (BIHLMYER E TUECHLE, apud SSpS Ponta Grossa, p. 3)

Oração, formado por um grupo de professores e alunos jesuítas do sul da França. O objetivo desse grupo era levar ao povo simples à oração como numa espécie de escola e espaço de formação para a vida de fé.

Este movimento configurou-se um posicionamento mais racional para os acontecimentos que estavam emergindo no cenário mundial, porquanto a ciência passou a dominar o pensamento da época onde neste processo, se buscava dar novo sentido, reavaliando conceitos, o Estado atual e as instituições da sociedade.

Esta superação das explicações religiosas dentro de uma visão mais racional, vai configurar-se para a Igreja um conceito de caos. Nesse sentido, era preciso lutar contra este ideário, fechar o diálogo com o sujeito moderno e com a cultura que despontava no cenário como expressão de uma nova realidade.

É sabido que o Concílio Vaticano I (1869-1870) se posicionou contrário à representação daquilo que chamava de “erros modernos”. A modernidade era identificada pelo liberalismo, positivismo, laicismo, ateísmo, feminismo entre outros. Tais aspectos eram considerados como inimigos da sociedade. Assim, tudo o que era moderno foi condenado pela Igreja. Este embasamento segundo Renk (2004, p.39) estava no “Syllabus, que era um catálogo de 80 proposições condenadas por Pio IX e acompanhavam a Encíclica Quanta Cura, proposta da Igreja para fazer frente ao liberalismo e condenar o mundo moderno”.

Então, para tentar converter os pagãos, Pe. Arnaldo Janssen e o seu grupo procuraram intensificar suas atividades. E desse trabalho resultou a publicação do *O Mensageiro do Sagrado Coração de Jesus*, um boletim informativo enviado, a todos do movimento do Apostolado. Mais, tarde este se transformaria numa revista, que começou a ser difundida, entre as demais correntes da igreja, a cada número continha artigos referentes a Igreja Católica, e também retratavam um sistema educacional de *preparação ao trabalho*

*missionário para além-mar* que Pe. Arnaldo Janssen tinha em mente para a futura casa missionária (SVD, 2004, p.31).

Realço que um bom número de Congregações e projetos missionários data desta época, sendo colocados em expansão, através da formação de um clero renovado, onde acompanhavam imigrantes, fundaram hospitais, orfanatos, asilos e também a construção de inúmeras escolas confessionais. Estes projetos deveriam ser seguidos pelas orientações de Roma. “O catolicismo, era caracterizado como **tridentino, romanista, episcopal e clerical**, que significa a obediência incondicional à Roma, e podendo os bispos e padres falar em nome de Deus. Este movimento recebeu a denominação de Catolicismo Ultramontano<sup>6</sup>” (AZZI, apud RENK, 2004, p. 39).

Dessa forma, o ultramontanismo passa a ser referência, para os católicos dos diversos países, fiéis às diretrizes romanas, mesmo que isso significasse um distanciamento dos interesses políticos e culturais de seus respectivos países. Esse projeto católico era o desdobramento óbvio da visão da Igreja tinha do mundo e do seu conceito de modernidade. Esta vista como o ápice da perdição das pessoas e se atribuindo o trabalho de resgatar a humanidade perdida. Com este objetivo a Igreja assume uma posição defensiva, não apenas para a sua sobrevivência institucional, mas de um lugar central na sociedade.

Assim, o Vaticano, a partir da primeira metade do século XIX, e, principalmente nas gestões de Pio IX (1846 – 1878) e Leão XIII (1878 – 1903), passou a investir recursos na

---

<sup>6</sup> Do latim *ultramontanus*, o termo designa, no universo católico – especialmente na França – os fiéis que atribuem ao papa um excepcional papel na direção da fé e no comportamento do homem. O termo advém precisamente da circunstância do papa residir além das montanhas (em relação à França). Suas origens prendem-se ao conflito surgido entre a França e a Igreja Católica no século XIV, durante o reinado de Felipe, o Belo, ocasião em que os legisladores, a serviço do monarca, formularam os postulados do *galicanismo* que defendia o princípio da autonomia da Igreja Francesa. O ultramontanismo prega a subordinação do rei ao papa e a negação da independência da Igreja Francesa, por isso antepõe-se ao galicanismo. No decorrer do século XVIII, o ultramontanismo gozou de certa influência e aceitação entre a nobreza e o clero da França, defendido pela monarquia que, necessitando do apoio de Roma, admitiu a presença de elementos ultramontanos na administração. As tendências separatistas do galicanismo acentuaram-se com a revolução francesa e principalmente quando da promulgação da constituição civil do clero em 1790. Em 1870, quando o Concílio Vaticano I proclamou a infalibilidade papal, o ultramontanismo saiu fortalecido e definitivamente consolidado com a separação entre o estado francês e a Igreja a partir do século XX. (AZEVEDO, apud ZULIAN, 1998, p.68).



criação de novas abrangências no mundo católico, no revigoramento do trabalho missionário, no incentivo do clero em áreas de missão. Um apostolado reformado, pois era visto o crescimento das confissões protestantes que avançavam consideravelmente, por conta também de projetos assistenciais e educacionais. Segundo Casali apud Zulian (1998, p. 62) “a viabilidade da importação de pessoal religioso europeu se deve, em grande medida, as severas restrições enfrentadas em seus países de origem”.

Diante dessas circunstâncias Pe. Arnaldo Janssen, sabendo da importância existencial da escola para o futuro da Casa Missionária. Insistia ainda mais em seu trabalho, o Apostolado da Oração. No ano de 1875 conseguiu um constante crescimento de alunos em sua Casa Missionária de São Miguel em Steyl.

Em janeiro de 1876, antes mesmo da extensão o prédio devido o expressivo número de alunos, Arnaldo Janssen montou sua própria gráfica para o *Pequeno mensageiro do Sagrado Coração*: “Será possível, de agora em diante, publicar a revista regularmente no início de cada mês, pois editorial, redação, expedição e impressão se encontram no mesmo lugar” (SVD, 2004, p.33).

Em 1876 divulga os primeiros estatutos da sua comunidade e esta passou a chamar-se Sociedade do Verbo Divino – *Verbitas*.

*O nome de nossa casa será ‘Casa Missionária S. Miguel’. E, a própria Sociedade se chamará... ‘Sociedade do Verbo Divino a Serviço do Rei e da Rainha dos Anjos’... ou simplesmente: ‘ Sociedade do Verbo Divino’, ‘Societas Divini Verbi’ (SVD, 2004, p.28).*

Incentivado por colaboradores, Pe. Arnaldo Janssen arriscou iniciar outro periódico. A primeira edição de *Stadt Gottes [Cidade de Deus]* foi lançada juntamente com o *Pequeno Mensageiro do Sagrado Coração* em janeiro de 1876. De 1878 até o presente, a *Stadt Gottes*

é publicação dos Missionários do Verbo Divino para as famílias, com vasta circulação nas áreas de língua alemã. O objetivo destas revistas, como bem frisado pelo fundador, sendo um veículo importante para a divulgação da palavra de Deus:

*Quando alguém quer divulgar algo bom, precisa tentar influenciar seus companheiros, e para isso, precisa usar meios conforme as exigências da época. No momento, um destes meios é a imprensa. A palavra falada passa e desaparece; a palavra impressa permanece e pode ser lida muitas vezes de novo (JANSSEN, 2004, p.33).*

Neste processo de expansão do projeto através da imprensa, nota-se a influência marcante do registro e divulgação das ações da ordem. Assim, percebe-se a dinâmica desse processo evidenciado e propalado nos costumes e códigos de conduta.

A inferência do fundador pela valorização da escrita, demonstra reminiscências de um costume nacional. Sobre esta questão, Norbert Elias (1994, p.119) vai dizer que nas sociedades Francesa e Alemã no século XVII, havia uma diferenciação quanto a formas lingüísticas. Na França a língua foi marcada pela corte e sociedade de corte. Na Alemanha, eles formaram a língua não através de conversas, mas passaram esse registro intensamente através de documentos, das cartas e dos livros.

Estes aspectos do registro alemão ficam claros quando se olha a partir da documentação e percebe as proporções que o projeto tomou. A expansão pelos escritos, montar uma tipografia anexa à Academia. Razões que determinaram os padres do Verbo Divino o fizeram outras províncias da Congregação.

A partir dessas considerações temos a imprensa como um avanço tecnológico, onde vem configurar o processo de civilização, pois em seu bojo são verificáveis infinitas configurações as quais estão permeadas de mudanças de comportamento, bem como de

estruturas psíquicas sociais. Sobre as tecnologias que a sociedade cria, Matos (2005, p.7) aponta: “ a sociedade tecnológica nada mais é do que a própria criação do homem, cujas características de aprendizagem e satisfação, de criação e inovação quer de instrumentos e objetos, quer de processo e modos de viver”

Assim, com a ampla divulgação de seu projeto pela sua imprensa, em 1879, Pe. Arnaldo Janssen, envia para a China os dois primeiros missionários, João Batista Anzer e José Freinademetz. José é considerado o consolidador do ideal missionário de Pe. Arnaldo em terras de missão.

*O objetivo de nossa Sociedade é a propagação da Palavra de Deus na terra, especialmente pela atividade evangelizadora entre os povos não católicos onde esta atividade se mostrará mais promissora. Em primeiro lugar alcançaremos os povos pagãos, especialmente do Extremo Oriente (SVD, 2004, p.28).*

Em 1880 lança o *Almanaque S. Miguel* que veio somar aos outros periódicos. O sucesso das revistas em Steyl, como divulgadoras da consciência missionária como à promoção vocacional, enquanto, ao mesmo tempo, angariava fundos necessários a prodigiosa expansão da obra missionária de Janssen (SVD, 2004).

Foram anos de intenso crescimento em Steyl, com base financeira e a consolidação a vida comunitária no “Primeiro Capítulo Geral (1884 – 1886), novas fundações: o colégio S. Rafael, a casa de estudos, em Roma, em 1888; e a Casa Missionária S. Gabriel como nova Casa Central de estudos na Áustria, em 1889” (JANSSEN, 2003, p.39). Neste mesmo ano, os primeiros missionários de Steyl foram enviados a Argentina, contando com apoio da Cúria que também se organizava em um amplo projeto de recuperação católica em terras latino-americanas. A Argentina se tornou o segundo “território missionário” da Sociedade ao lado da China.

É importante ressaltar que o envio de diversas congregação, a outros países, não se constituiu em fenômeno local, fortuito, fruto do acaso, mas a etapa de um projeto muito bem elaborado pela Igreja, a ser desenvolvido em escala mundial “tratava-se para a Igreja de um processo de recuperar um lugar central na sociedade, de modo a evitar o perigo e a destruição institucional, como fora tentado na França. Utilizava-se, para isso, como linha de frente seus membros mais preparados, e talvez por isso mais conservadores” (MANOEL apud RENK, 2004, p. 40).

O processo de implantação e consolidação para muitos desses grupos em terras latino-americanas, deu-se pelo acompanhamento espiritual aos imigrantes católicos. Trabalho que resultou na edificação de inúmeras instituições escolares e que tornaram-se núcleos de difusão das orientações do catolicismo romanizado para a juventude. Por esse lado a escola não era só vista como manutenção da fé, mas também a possibilidade da Igreja recuperar e de organizar seu próprio sistema educacional.

*A Igreja sempre qualificou seu “múnus” pastoral como magistério, significando que sua função básica é ensinar, pois a humanidade só retomará o caminho da salvação se conhecer a Verdade, da qual entende ser propagadora e fiel depositária, e que estava sendo afastados dos homens pela ciência e filosofia materialistas modernas (ZULIAN, 1998, p. 88).*

Desta forma, a promoção do catolicismo romanizado, foi feita, sobretudo por indivíduos, especialmente destinados a esse trabalho, ou seja, pela atuação de componentes de inúmeros institutos religiosos.

Para ocupar lugares ainda não preenchidos Pe. Arnaldo Janssen, decide formar uma Congregação Feminina, uma tarefa mais do que urgente: segundo ele, era vital para a expansão do projeto. Dessa maneira, voltou suas atenções preferencialmente para a educação

feminina, sem descuidar da educação masculina sem desativar as formas tradicionais da doutrina católica.

### **A Congregação das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo**

Na Alemanha, não existia nenhuma congregação feminina que trabalhasse em países de missão. Por isso, Pe. Arnaldo Janssen fundou duas congregações femininas: as Missionárias Servas do Espírito Santo, em 8 dezembro de 1889, e as Missionárias Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua (enclausuradas) em 8 dezembro em 1896.

Madre Josepha e/ou Hendrina Stenmanns foi uma das primeiras mulheres a pertencer a ordem, juntamente com Madre Maria, Helena Stollenwenk. Tanto Helena como Hendrina, dispuseram-se a trabalhar como empregadas na cozinha da Casa Missionária. Dessa forma, esperaram por sete anos até que, finalmente, junto com outras quatro mulheres entusiastas pelas missões, puderam iniciar sua vida de Religiosas Missionárias.

A vida conventual feminina precisa ser percebida como uma experiência intensamente ligada às regras doutrinárias e disciplinares do catolicismo. Ao pensar a vida pastoral feminina, na força religiosa em que ela representa, tornar-se preponderante a efetivação do ideário católico. O desejo de viver esta experiência religiosa, na maioria das vezes é voluntária o que acaba validando práticas de subordinação, renúncias, submissão e humildade. Esta questão é verificada também por Chornobai (2002, p.30) que aponta “uma das principais finalidades da vida consagrada é oportunizar a transformação do *eu*, o que se consegue, por exemplo, através da adoção do hábito, da mudança do nome e da adesão aos modelos e valores transmitidos pela figura do fundador da congregação”.

Pensando assim, Pe. Arnaldo Janssen segue seu projeto da Regra, adotando a regra de Santo Agostinho. Conhecida como as *Irmãs Azuis*, seus hábitos continham o desenho do Sagrado Coração. Detalhes que mais tarde serão mudados. Outros religiosos também sugeriam que as chamassem de “Hijas Del Espíritu Santo”, pois antes de serem missionárias, afirmavam que são irmãs que rezam:

*La protectora de las hermanas es Maria, con el título de la Esposa Inmaculada Del Espíritu Santo...Las hermanas corales, a diferencia de las legas, guardan estricta clausura. Llevan un vestido rojo rosado, un manto azul y un velo blanco. El hábito de las hermanas legas es azul y blanco (el color rojo significa el amor, el azul la humildad, el blanco la castidad) (BORNEMANN, 1971, p.246 ).*

Este perfil ideal, representado na figura da Virgem Maria, que a Igreja Católica vislumbrou para as mulheres em missões, também é reconhecido pelo fundador, pois a importância da expansão da mulher nessas atividades, não é vista por ele como ameaça:

*Arnaldo Janssen reconhecia a importância do trabalho feminino para as missões; para ele as irmãs conseguiam com mais facilidade candidatas nativas e ainda não eram vistas com suspeitas como muitas congregações masculinas. A obra missionária é a razão de ser da congregação (CHORNOBAI, 2002, p.31).*

Dessa forma, o projeto toma conotações maiores e Pe. Arnaldo Janssen organiza a Sociedade tanto masculina como feminina, em regiões. Para isso fez um meticuloso estudo geográfico e cultural de cada país. Assim, instituiu províncias localizadas em parte da Europa, América do Sul, América do Norte, Ásia e África. Precisamente enviou seus seguidores a

países tão diferentes como a China, Argentina, Togo, Nova Guiné, Estados Unidos, Brasil e Moçambique. No documento de processo de beatificação segundo Maurutto (2000, p.23) Pe. Janssen é chamado de “Homem Catolicíssimo”, afirmação que põe em relevo sua mente aberta para os dois sentidos da catolicidade: geográfico e cultural.

*Oraciones por los judíos; por los mahometanos; por los negros paganos de Africa; por la China, el Japón, las islas de Oceanía, Australia; por los cismáticos; por Polonia y Rusia; por los protestantes de Europa central, de Inglaterra, Escocia, Suecia, Noruega y América; por los católicos de Italia, Francia, España, Portugal, Europa central, América y Filipinas. Para cada intención daba datos estadísticos sobre la situación religiosa/ también disertaba sobre el país y la gente. Siguió un santoral del mes, una lista de los santos de la nación y una invocación en forma de letanía con peticiones para los países y para los mismos que rezaban. Esto es oración misional, dijo el redactor: “De este modo la mirada del espíritu se amplía por todos lados” (BORNEMANN, 1971, p. 46).*

Soube colocar sua obra num âmbito internacional e desde o início isto lhe garantiria uma estruturação unitária, sólida e flexível que lhe possibilitou deixar raízes nos cinco continentes.

Quando Arnaldo Janssen faleceu em 1909, havia quase 800 membros, entre irmãos, padres, noviças e postulantes.

## **O desenvolvimento da missão brasileira**

A congregação do Pe. Arnaldo Janssen, os padres da Sociedade do Verbo Divino auxiliavam, no Brasil, desde 1895, em Vitória, no Espírito Santo. Neste sentido, a província

Regional do Brasil foi estabelecida em 1899, em Juiz de Fora, ainda que essa organização ainda não estivesse oficializada pela igreja.

*Siguieron invitaciones a aceptar parroquias, seminarios y colegios en otras diócesis, entre otras, el año 1899 en Juiz de Fora, que pronto se convirtió en el centro de la SVD en Brasil. A. Janssen envió a la gran nación en total 53 sacerdotes, 20 hermanos y, desde el año 1902, 36 hermanas, que dirigieron escuelas de párvulos y de primera enseñanza y colegios (BORNEMANN,, 1971, p.330).*

O projeto educativo é traduzido pela fala do Padre Juan Bodems, que chegou ao Brasil em 1902, como visitador cumprindo ordem do Pe. Arnaldo Janssen, e assim o diz: “también se discutió em qué actividade se debían concentrar los colegas. El general creyó que, em lo concierne a la principal actividade del Instituto em Sudamérica, se tendrían que considerar como tal escuelas de primeira enseñansa, escuelas normales y superiores” (BORNEMANN, 1971, p.425).

Neste sentido, a ordem masculina, conseguiu atuar em colégios e escolas, internatos e semi-internatos, abrindo campo também para a ordem feminina.

Assim, em 1902, Arnaldo Janssen encaminhou as primeiras seis Servas do Espírito Santo para o Brasil, formando dois campos de ação, um em Juiz de Fora/MG e outro em São José dos Pinhais/PR.

O investimento no processo de feminização acontece, também, pela incorporação das ordens no Brasil. Segundo Nunes (2002):

*Pode-se assim dizer que a clericalização do catolicismo brasileiro foi, ao mesmo tempo e necessariamente, o processo de sua feminização. A incorporação das mulheres pela instituição deu-se em virtude da pretensão de diminuir ou anular o poder do laicato masculino. Dessa forma, a dinâmica através da qual se feminiza o catolicismo no Brasil, longe de significar um investimento das mulheres no exercício*



*do poder sagrado, representa, de fato, a reafirmação de seu estatuto subordinado. Pode-se mesmo afirmar que é justamente porque a Igreja manteve, no período da reforma católica, práticas e discursos restritivos em relação às mulheres, que ela pode incorporá-las em sua estratégia de reforma institucional (NUNES apud CHORNOBAI, 2002, p. 37).*

Sob este aspecto, a posição da congregação no que diz respeito às missões, era que as religiosas empreendessem todos os seus esforços, para oportunizar aos indivíduos, o conhecimento e firmamento dos princípios religião. “[...] Dêem aquela gente pobre e inclinada a ociosidade, um bom exemplo como se deve esmerar no serviço de Deus” (JANSSEN, Steyl, 10/12/1904).

Tal consideração demonstra a posição do fundador no que diz respeito às atividades missionárias. Era necessário oportunizar a todos o conhecimento da *verdadeira* religião. Portanto, nessa instância deveriam atuar as religiosas Servas do Espírito Santo.

Para a realização do projeto era necessário submeter as religiosas a determinados padrões de comportamento que seriam essenciais para a efetivação da missão. Tais comportamentos e condutas foram sendo normatizados, no intuito de internalizar na congregação as experiências e as situações presenciadas no cotidiano, que fariam parte de sua aprendizagem no sentido a fim de promover posteriormente sua inserção na sociedade brasileira.

É possível compreender a apreensão de Pe. Arnaldo Janssen, tentando efetivar através da congregação, sua proposta de educação formal em colégios, sob uma perspectiva de educação civilizadora, uma missão gloriosa, que traria a civilidade e a palavra de Deus, ou seja, seu ideal maior, provocar mudanças sociais na vida de crianças e famílias brasileiras. Ele possivelmente acreditava que isso iria ocorrer pela representação de suas irmãs escolhidas.

## Da formação do grupo: professoras e leigas

*Irmã Celita trabalhava na cozinha, na lavanderia, muito queridinha, [...] Waldegundis era da cozinha [...] a irmã Verônia que nos ensaiava, com teatros, e a irmã Aristela era do piano, do violino, do órgão, era uma capacidade de música, essa foi minha professora (MERCEDES, 72 ANOS).*

A voz de D. Mercedes indicando a divisão de trabalhos dentro da ordem vem ao encontro dos relatos das cartas, que mostram os primeiros preparativos da vinda das seis irmãs ao Brasil. Esta organização levou dois anos, durante este período, as irmãs passaram por uma escolha criteriosa feita pelo bispo. A eleição passou pela realização de provas, observação de notas, comportamentos, domínio de outras línguas e trabalhos cotidianos, aspectos relevantes que construíram o perfil das escolhidas. O fundador já alertava que a missão no Brasil não seria fácil, por isso deveria nomear irmãs que estivessem dispostas a enfrentar adversidades:

*1902 - O Brasil se tornará, no futuro, uma Missão difícil. Se não colocarmos uma Irmã de peso como superiora, poderemos ter ainda muitos desgostos. Irmã Walburgis terá crescido suficientemente para uma Missão difícil? De lá estão pedindo também irmãs que saibam falar fluentemente o Francês, para a escola. Temos tais irmãs que o saibam ou dão esperanças de o saber? (Pe. ARNALDO JANSSEN, 28/02/1902).*

Tal concepção sobre o Brasil, revela o olhar do estrangeiro, que observa a realidade segundo suas próprias concepções. É interessante destacar este aspecto, pois a partir das fontes pesquisadas, Pe. Arnaldo Janssen não saiu da Europa para visitar sua obra. Sempre manteve contato por cartas, em média escrevia por dia de 8 a 10 cartas, tratando de decisões e medidas a serem tomadas em sua congregação. Sendo assim, conheceu crianças, famílias, cidades, a educação, enfim a realidade não só do Brasil, mas de outros lugares, pelo *olhar de*

muitos. Olhares de seus missionários viajantes - *outsider*<sup>7</sup>. Em seu trabalho sobre *Histórias de Estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação*, Magda Sarat (2004) escreve:

*A literatura produzida por viajantes estrangeiros no século XIX denuncia e critica a infância e a educação das crianças brasileiras, expondo aspectos que estariam de desacordo com o que eles consideram como uma educação civilizadora. Tal concepção coloca em evidência a existência de padrões em normas de civilidade que estariam presentes na sociedade da qual esses viajantes faziam parte, em oposição a inexistência de tais padrões no país visitado. Essas críticas se apresentam de forma serrada e revelam um olhar de superioridade imposto por um estrangeiro que chega, observa a realidade, registra segundo suas próprias concepções e, ao retornar ao seu local de origem continua realimentando uma idéia de forma estereotipada, que apresenta o brasileiro como um outro diferente, primitivo e, portanto, incivilizado (SARAT, 2004, p. 217).*

Para tirar o povo da barbárie e levar a civilização, era preciso contar com muitos detalhes, entre eles estavam à escolha certa das primeiras irmãs. Neste sentido, foi possível verificar dois tipos de formação compostos de: as *professoras*, com o objetivo de ensinar variadas disciplinas e outro grupo seriam as irmãs de *trabalho*, (leigas) que ficariam responsáveis em atender a cozinha, lavanderia, costura, horta, finos trabalhos manuais, cuidar de animais, vacas, cabras e porcos. Como escreve Irmã Josepha em 1902:

*1902 - As irmãs se alegraram muito com a designação e enviam a V.Revma. cordiais agradecimentos. Elas parecem muito contentes e vão escrever a V. Revma pessoalmente. Irmã Walburgis junta a esta uma cartinha. Irmã Laurentia e Irmã Regina parecem entusiasmadas. Irmã Bonifácia também se alegra muito. Ela ainda vai se exercitar para aprender a fazer conservas, pois agora é o tempo próprio. V. Revma. escreveu sobre tratamento de animais. Também disso já cuidamos. Irmã Crescência vêm do campo e na juventude cuidaram de animais. Ultimamente Irmã Crescência cuidava dos doentes. Por esta ocasião extraiu e obturou dentes também. Já a tende o mais necessário, e vai exercitar-se nisso ainda (Ir. JOSEPHA, Steyl, 09/06/1902).*

---

<sup>7</sup> Outsider aqui entendido a partir da teoria de Norbert Elias, como todos os recém chegados como pessoas que não se inseriam no grupo, como 'os de fora' (ELAIS, 2000, p.20)

Esta separação das atividades: *instrução e trabalho* representavam um equilíbrio entre a condição desejável e a possível de se obter, em suma, as irmãs de trabalho indicam a função natural que a mulher possuía para os cuidados com o lar, as prendas domésticas. Já, as irmãs-professoras representavam o magistério, profissão em que muitas mulheres buscavam, a despeito dos muitos entraves que elas pudessem enfrentar, era uma oportunidade de ascensão social com a qual contou o sexo feminino.

Em se tratando de uma escola católica, supõe-se que existam limites ainda maiores para o entendimento da profissão de professoras, que ultrapassem a “noção de *sacerdócio e abnegação*” (CHORNOBAI, 2002, p.68). Mas, não é que se pretende analisar nesta pesquisa.

### **As boas relações**

*A Irmã Gertruda eu lembro dela. Ela me mandou um cartão do casamento. Era engraçado que era uma bondade, uma coisa incrível, mas de uma energia de uma personalidade nunca vista, fazendo com que respeitasse e a amasse, com toda aquela bondade (D.MERCEDES, 72 ANOS).*

A preocupação de Pe. Arnaldo Janssen estava em compor não só um grupo homogêneo em trabalhos, mas também nas relações pessoais, como indica nesse trecho da carta da Irmã Josepha (1902):

*1902 - V. Revm<sup>a</sup> teve a bondade de nos comunicar logo já determinou as Irmãs professoras para o Brasil, a saber: Irmã Walburgis, Irmã Laurentia, Irmã Ludowika ou Irmã Regina. Talvez fosse bom a Irmã Ludowika é bastante nervosa e precisa recuperar-se ainda um pouco, antes de ser enviada às Missões. Quanto às Irmãs de Trabalho, indiquei sábado três Irmãs que V. Revm<sup>a</sup> já há tempo havia determinado: I. Philippine, I. Bonifácia e I. Crescentia. Parece que vai ser difícil para a Ir. Bonifácia. Hoje de manhã ela m'o fez notar, por que os caracteres da I. Philippine e da I. Bonifácia não combinam bem. Já falei disso à Ir. Superiora M. Michaela que também é de opinião que os caracteres devem combinar. (Ir. JOSEPHA, 30/06/1902).*

E outros excertos também revelam que as boas relações sociais e comportamentos aceitáveis deveriam ser considerados:

*1902 - O Padre Küsten escreve sobre Ir. Thaddeaa, 'ela possui os mais delicados talentos, e me parece de temperamento discreto e silencioso. Para mim, imagino que nela se esconde mais uma mestra de Noviças do que uma ativa professora'. Janssen ainda aponta: Das três, Irmã Immaculata é a que está mais longe de poder ocupar o cargo de Superiora. Ela se esforça por um aprofundamento científico e já entende também muito de coisas práticas. O homem interior, porém parece que ainda está em atraso. Ela sobressai, é convencida, esforça-se para agradar pessoas. Por isso tem que ser orientada para a simplicidade, a retidão, e a justiça. A Ir. Theresia gostaria de tomá-la mais tarde como auxiliar e de ajudá-la mesmo de verdade? Eu ajudaria também. Já tenho em mãos um livro do qual poderia ler para ela artigos de guerra, e a Sr<sup>a</sup> também. Se de deixar educar, poderemos fazer dela uma pessoa de grande valor (ARNALDO JANSSEN, São Gabriel, 05/07/1902).*

Todos esses fragmentos citados, afirmam como o projeto de romanização do catolicismo, foi pensado, uma vez que tinham como objetivo restaurar o prestígio da Igreja e dos fiéis, e para isso precisavam criar um clero zeloso. As irmãs representavam um público dócil, amigável, tornando assim as mulheres um alvo privilegiado nas ações da cúria. Este sentimentalismo pautado na piedade e devoção mostra uma concepção romantizada sobre a religiosidade.

Entretanto, quero destacar que neste universo da representação sentimental da mulher missionária, também é vista como prática em quase todas as demais confissões religiosas, pois são voltadas para a confessionalidade a partir da aceitação, muitas vezes passiva daquele ideal maior, que é o ideal da entrega, da missão, da devoção. Em que conformar o corpo, a mente a alma, a partir da aceitação passiva pautado na fé. Nesse sentido, os indivíduos confiam, acreditam, fazem concessões, se submetem em nome de uma religião.

E em nome da religião, as irmãs, irão influenciar nas práticas e modelos religiosos desenvolvidos pelo catolicismo, e a educação da infância e da juventude era o alvo principal

da difusão de tais modelos, mesmo que essas influências levassem algum tempo. Como ensina Pe. Arnaldo Janssen às irmãs:

*1906 - Conserve os bons princípios que aprendeu na Casa-Mãe, e insista por eles também junto a outros. O principal é que suas alunas não só adquiram bons conhecimentos, mas que aprendam bons princípios, cujo auxílio possa ser promovida à boa vida cristã da família. Mesmo que isto não alcance logo um grande círculo, não faz mal se aqueles que o praticaram, forem bem firmados naqueles princípios, com o tempo vai-se propagando mais e mais (ARNALDO JANSSEN, Steyl, 09/05/1906).*

Esta percepção de que as alunas educadas de acordo com os princípios católicos, seriam, ao casar, o núcleo de uma família cristã, com a possibilidade de influenciar o marido, e educar os filhos nos mesmos princípios. Esta idéia de que a mulher era responsável pela guarda moral da família, estava presente também em outras concepções que não a católica. Como diz Chornobai (2002).

*Para o positivismo, por exemplo caberia a mulher a promoção da organização social, uma vez que a educação do homem, diretamente responsável pela condução da sociedade, estava destinada a mulher. Para tanto, a mulher deveria ser bem preparada, o que de certa forma, impulsionou o desenvolvimento de uma rede de educação formal feminina (CHORNOBAI, 2002, p.45).*

Portanto, as mulheres tornaram-se divulgadoras das novas tendências da Igreja, a partir das escolas e dos movimentos religiosos femininos. Observa-se dessa forma, a constituição da Ordem Missionária Servas do Espírito Santo como uma das congregações que se fixaria no país, passando pelo controle da organização, da sociedade e do sistema educacional .

## Da aprendizagem da língua portuguesa

*A Irmã Celita era professora de português, era uma sumidade, uma inteligência, uma capacidade...(D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Comunicar-se bem?!

Falar o idioma do país para o qual foram escolhidas, era imprescindível para a aproximação com povo. O aprendizado da língua portuguesa é concebido como um dos pontos cruciais para a realização dos trabalhos.

*1902 - No caso vi que a Irmã Philippine não aprendeu o espanhol. Como poderá, então, aprender o Português, que é muito mais difícil? E a cozinheira também precisa entender: como poderá dar conta do trabalho? Pelo motivo mencionado tirei a Irmã Philippine da lista (ARNALDO JANSSEN, São Gabriel, 03/07/1902).*

Outras cartas apontam para essa preocupação:

*1902 - Domingo à noite partiram daqui os padres destinados para a América do Sul, depois de haverem feito retiro e recebido neste mesmo dia 13 a santa cruz P. Wurtscheid viaja a Copiado, no Chile, Pe. Hoyer e Pe. Piper viajam com as Sras. para Juiz, embarcando também em 26 deste mês em Antuérpia no “São Paulo” que as deixará no Rio de Janeiro. Já avisei sua chegada (por favor, depois de receber esta carta, escreva também para ele) ao P. Koester, Superior de Juiz; já avisei várias vezes e lhe pedi, há mais ou menos 8 dias, se for possível, que cuide para que algumas das Sras. possam ir para um convento de lá para aprenderem a língua. Talvez isto seja feito estando vocês ainda em caminho. Aliás, há também em Juiz um convento de alemãs (Irmãs de Santa Catarina) onde poderão aprender a língua brasileira. Se não me engano, fica perto de sua futura casa. Quem sabe se as 6 Irmãs poderiam ser acolhidas em 2 ou 3 conventos, para que não precisem abrir sua casa até que todas saibam um pouco de língua brasileira (ARNALDO JANSSEN, São Gabriel, 14/07/1902).*

*1902 - Com relação à língua portuguesa, antes de tudo as Irs. Professoras, procurarão aprendê-la bem, mas não somente estas, como também as Irmãs de trabalho, pois todas precisam dela e quanto mais depressa e quanto melhor a conhecerem, tanto mais ligeiro se sentirão em casa na terra estranha e assim onde for necessário saberão conversar com os habitantes e lhes dar resposta [...] A Sr. aprende com facilidade línguas estrangeiras, mas tal não acontece com todas as Irmãs. Se já é difícil conversar numa língua, ainda outra coisa é ensinar nesta língua. Neste caso se descobre que, para diversas expressões em alemão, não se encontram as correspondentes na outra língua e disso virão às dificuldades (ARNALDO JANSSEN, Steyl, 15/07/1902).*

A preocupação do padre fundador, para que as irmãs aprendessem a língua portuguesa, e se fizessem entender, é compreensível, uma vez que elas se dirigiam a uma região também colonizada por estrangeiros, por europeus, que traziam em seu projeto de vida esta perspectiva da fala, na língua do país para o qual imigraram e ainda seria o meio mais eficaz de estreitamento de relações, quais fossem elas para o trabalho educacional ou catequético.

Sobre esta questão Norbert Elias escreve: “A polêmica lingüística corresponde a uma estratificação social bem definida, bem característica. Indica e delimita o grupo que, em dado momento, exerce controle sobre a língua [...] a maneira como uma língua se desenvolve e é definida corresponde a uma certa estrutura social” (ELIAS, 1994, p.121).

Uma língua para executar a missão, portanto subordinada e outra para a política, para o poder, para normatizar. Este aspecto é evidenciado, pois, mesmo com a preocupação do aprendizado com língua portuguesa, mantiveram a conservação da língua alemã, assim, durante todo o período em que as irmãs permaneceram na cidade, todos os registros foram feitos na língua materna. Isso mostra que o grupo valorizava esse elemento cultural. Indícios que desvelam a representação da manutenção da identidade étnica, elemento fundamental de coesão do grupo. O cuidado com o seu uso estabelece um mundo de valores, experimentados anteriormente e que de alguma forma tinham que ser preservados. E isto é confirmado por



Norbert Elias (1994, p. 119) que comenta: “A língua é uma das manifestações mais acessíveis do que consideramos como caráter nacional”.

Assim, nas relações da escola, da igreja, e com a comunidade comunicavam-se em português, embora nas atividades do cotidiano e as da vida privada, conservavam a origem da língua alemã.

### **Da viagem**

As seis irmãs escolhidas partiram de Antuérpia no navio alemão, "São Paulo", passando pelo Canal da Mancha, as cidades do Porto, Lisboa, Salvador, Vitória e chegaram ao Rio de Janeiro em 20 de Agosto de 1902.

*1902 - Comunico a V. Revm<sup>o</sup> que as 6 irmãs partiram 6<sup>a</sup> feira pelas 9.30hs. Irmã Gregória e eu as acompanhamos até a estação do trem. Irmã Theresia achava que devia ir junto, porque suas filhas estavam no meio. As Irmãs estavam todas de bom ânimo: assim que deixamos a Casa, elas não derramaram mais nem uma lágrima. Envia à V. Revm<sup>a</sup> cordiais saudações e agradecem mais uma vez todos os benefícios recebidos (...) De Antuérpia recebemos um cartão: todas estão bem. O navio partia domingo de manhã, 27/07. As Irmãs receberam duas cabines e estão muito contentes (Ir. JOSEPHA, 29/07/1902).*

A saída da Europa foi cercada de cuidados, o controle das emoções, de comportamentos esperados à mesa, da fala e controle do corpo são fatos que prenunciam a responsabilidade de manter uma boa conduta social, ou seja, a civilidade esperada e propalada desse grupo. Como indica o trecho:

*1902 - Procurem também conservar boas relações com os Padres e os Irmãos, e por outro lado, observem aquela reserva exigida pela diferença de posição e sexo. [...] Na viagem, procurem manter-se o mais possível distantes dos dois Pes. Hoger e Pieper, com que viajam, como a Irmã Superiora lhes explicará. No navio, procurem ficar juntas o mais possível, sem contudo chamar a atenção. Procurem logo que possível um lugarzinho próprio do convés, onde possam passar durante o dia as horas convenientes. Do mesmo modo à mesa. Os Padres irão ter com as Sras. no convés de vez em quando, mas não freqüentemente, para perguntar com poucas palavras como estão passando e se algo lhes falta. (ARNALDO JANSSEN, Steyel, 15/07/1902).*

Os escritos acima demonstram a interferência mais direta e objetiva do fundador, o rigor das regras e as atitudes a serem seguidas, que se conformam como aspectos fundamentais para garantir a manutenção do grupo no novo ambiente.

É importante considerar que no celibato feminino, isto é percebido, com mais visibilidade, pois a formação religiosa é incontestável. Noções como o recato, castidade, resignação, são formas de controle. Nesse patamar, o celibato é entendido como algo divino, a exemplo da Virgem Maria. Dessa maneira a sensualidade da mulher é vista como tentação e o pecado oriundo de Eva que se personifica em todas as mulheres. Sobre essa premissa dos controles Norbert Elias retrata que as atitudes que as pessoas têm não são naturais e sim condicionadas, comportamentos que são esperados pela sociedade fazendo com que “aumente a coação exercida por uma pessoa sobre a outra e a exigência de bom comportamento é colocada mais enfaticamente” (ELIAS, 1994, p. 91).

Firmando-se nas palavras do fundador "educar as futuras mães cristãs [...] Mães piedosas são a condição para que haja boas famílias”.

Com esta proposta as primeiras seis irmãs chegam ao Brasil e com a missão de instruir e civilizar melhor a juventude. “As senhoras, sendo as 6 primeiras, devem colocar um bom fundamento para as seguintes. Esforcem-se, pois por realizar o ideal (JANSSEN, São Vendelino, 17/11/1902).

Clara demonstração das concepções valorizadas pela igreja, a representação de um comportamento impecável, firmamento nos costumes, para as irmãs são condutas que visam sobremaneira a manter o futuro do projeto. Este fato “obriga os que estão acima a se esmerarem em mais refinamentos e aprimoramento da conduta” (ELIAS 1994, p. 110).

Aliado a este processo de refinamento, a missão de evangelização busca “tirar as pessoas da barbárie”, mostrando de certa forma, os ideais de civilidade, comum nos discursos eurocêntricos.

### **Da fundação de colégios**

*Stella Matutina é de Juiz de Fora, foi o primeiro colégio. O convento da Santíssima Trindade é em Santo Amaro. É uma chácara, é uma fazenda aquilo ali! (D. MERCEDES, 72 ANOS)*



**Figura 1** – As seis primeiras irmãs SSpS: Walburgis, Laurência, Bonifácia, Crescência, Regina e Córdula no Brasil. Fonte: [www.ssps.com.br](http://www.ssps.com.br)

Assim em setembro de 1902, Ir. Walburgis, Ir. Lourença, Ir. Regina, Ir. Bonifácia, Ir. Córdula e Ir. Crescência fundam a primeira casa, em Juiz de Fora. Em 7 janeiro de 1903 com 18 alunas o primeiro Colégio das Irmãs Servas do Espírito Santo, o “Stella Matutina”. Logo em seguida abriram uma escola para crianças pobres. De 1907 a 1931 o Stella Matutina serviu para a Ordem, como sede da primeira Província brasileira.

Além da fundação de escolas dedicaram-se à orientação e formação religiosa de outras Mestras, Postulantes e Noviças.

*1903 - Cumprimento-a todas as suas Irmãs cujo número já se elevou a nove. Felicito a Irmã Ângela e suas companheiras Tarcisia e Suiberta pela viagem bem concluída. Agradeço sua carta do dia 02 p.p. Que todas se ambientem e continuem boas Irmãs no novo país. Congratulo-me cordialmente com as antigas Irmãs que agora já venceram o 1º ano difícil em solo brasileiro e que, conforme soube, os exames escolares em 28/11 foram bons. Sua experiência corajosa, pela qual eu receava um tanto, temendo que alguma adoecesse, com o auxílio de Deus, foi feliz. Certamente ainda não dominaram perfeitamente o português, mas o primeiro e mais difícil passo foi dado, e o resto se fará com auxílio divino. Não reparo o número pequeno de 21 alunas. Para as sras. Foi um alívio ter tão poucas. Perante essas 21 devem ter dado bastante “ratas” no português. Por isso foi bom que o número das alunas não tenha sido maior. Não podiam exigir, desde o 1º instante, a confiança do povo, mas adquiri-la pouco a pouco. Com o tempo há de melhorar sempre como foi em Diamante. (ARNALDO JANSSEN, Moedling, 07/05/1903).*

Posterior a chegada e sua permanência no Brasil, a ordem feminina foi sempre zelada pelo fundador, nada fugia aos seus olhos, mediava todas as ações, como: horário das refeições, orações, leituras, repouso, do silêncio e banho. Sempre relembrava à congregação de seus objetivos e o seguimento das regras estabelecidas anteriormente. Como verificado em várias cartas. Observemos um trecho:

*1903 - No começo da uma fundação, é muita vezes difícil, quase até impossível, observar todos os pontos da Regra e do horário habitual. Por isso é bom lembrar que Deus Nosso Senhor não exige o impossível. Mas é preciso, o quanto antes, passar da irregularidade para a regularidade [...] Neste caso, estão incluídas a leitura ou a*

*conversa durante as refeições. Conforme a sua própria informação, só em parte foi observada a prescrição. Não quero reprová-las por isto, As senhoras mesmo me relataram abertamente o fato, com certeza para ouvir minha opinião. Além disso, a pessoa “portuguesa” se achava em seu meio para melhorar o aprendizado da língua e assim, neste caso, não posso deixar de permitir uma exceção. Mas, por favor, dispensem-na em breve. Agora as situações são outras. É preciso insistir para que todas as que não estão realmente doentes, levante-se com a comunidade. A Superiora poderá, entretanto, ir ao encontro daquelas que o necessitam, e permitir-lhes que ao recolham bem mais cedo; às Irmãs adoentadas ou fracas é permitido um descanso ao meio dia, ou quem sabe, isto é aí um costume generalizado? Para todos? P.S. por ora, suponho que não, porque nada ouvi a esse respeito. A hora exata para recolher-se ou para levantar não está indicada na Regra, pode, pois ser marcada conforme convier. Aos domingos e dias santos, poderão dormir mais ½ hora. Se necessário, até um pouco mais. A pág. 123 da Regra, fala-se em refeição pela manhã, ao meio dia e à noite. Em Steyl, conforme costume do país, há um café (lanche) à tarde e para as que necessitam um segundo café pela manhã. As senhoras citaram: 7hs. café; 9hs. almoço; 12hs. café; 3 ½ refeição (mittagessen) 7 ½ chá. Escreva mais tarde uma carta especial que trate deste assunto, e que explique o que houve neste ponto, no Convento onde as senhoras estiveram hospedadas, o que fazem aí em sua casa, e o que é costume entre o povo em geral. A senhora pergunta a respeito do banho. Por favor, avise-me como é o uso aí, e quantas vezes, e também qual a sua opinião (JANSSEN, Moedling, 07/05/1903).*

Este registro mostra que adaptação ao novo país, irá gradualmente trazer mudanças de comportamento no grupo, aspectos que não foram planejados, “nem foi intenção de qualquer um desses indivíduos, mas emergiu a despeito de suas intenções e ações” (ELIAS, 1993, p.140). Aspectos, como a barreira da língua, mudanças da culinária, higiene, horários de trabalho e repouso, os novos relacionamentos, dentre tantos outros, foram desafios a serem vencidos pela ordem, em território desconhecido.

Estas mudanças nos hábitos da ordem com o contato com a nova cultura, não só desestruturava o cotidiano das irmãs no início, como também provocava reações nos indivíduos que as recebiam. Nessa relação recíproca, ambos foram sendo transformados em seu dia-dia, onde assimilaram e resignificaram aspectos culturais de outrem.

Assim, vale a pena lembrar o que expõe Norbert Elias (1994, p.67) “toda a sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar, sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo”.

Portanto, a sociedade se constrói a partir de toda ação humana, estes atos são lentos e prolongados e a mesma constitui-se na transformação do modo de proceder dos indivíduos, bem como na mudança dos seus sentimentos de uma forma não planejada.

### **A trajetória da ordem no Paraná**

No ano de 1904 as Irmãs Servas do Espírito Santo assumiram uma escola em São José dos Pinhais, perto de Curitiba/PR.

Em 21 de março de 1905, instituíram a primeira escola confessional católica em Ponta Grossa. Logo a escola se transformou em três: a Escola Alemã, a Escola Polonesa e uma escola para os Negros que funcionou na sacristia da Igreja do Rosário, mantida pelos sócios da Fraternidade do Sagrado Coração de Jesus. Essa escola – hoje Colégio Sant'Ana - foi a segunda da Congregação e sede da Província do Sul. No ano de 1907 fundam o Colégio Nossa Senhora de Belém em Guarapuava.

Passados três anos da chegada das Irmãs no Brasil, essas viam a possibilidade de inserção de religiosas brasileiras como algo agregador ao processo de trabalho investido até aquela época.

A este pensamento, e a despeito de inúmeras dificuldades Pe. Arnaldo Janssen, via com prudência naquele momento a inserção de religiosas brasileiras na congregação.

*1905 - [...] Felicito-a pelos sucessos das irmãs em São José e Ponta Grossa, como também aos seus nas Escolas paroquiais aí. Se com o colégio ainda não vai tão bem quanto desejava, não queremos perder a coragem com isso. Pode ser que, mais tarde, vá melhor. Quanto à admissão de Irmãs brasileiras, a Sra. se engana achando que eu o desejo. Ao contrário, ainda me conservo bastante cético, nesta questão. Se começarmos, teremos de continuar, e pode ser que a coisa nos passe por cima da cabeça. De qualquer jeito, há dificuldades maiores, como pode ver que então a Regra deveria ser impressa em português. Eu vou conversar com o Pe. Provincial, se talvez se puder proceder à admissão de uma ou outra petente de língua alemã, das colônias alemãs do Brasil. Em todo o caso, tal seria mais fácil. Se alguém lhe perguntar a*

*respeito de admissão, pode responder esquivando-se; que ainda somos novas no país, e que ainda não houve preparação suficiente para tal (ARNALDO JANSSEN, Kreuzber/Bischofshofen, 19/07/1905).*

A apreensão do Pe. Arnaldo Janssen, para com a admissão de irmãs brasileiras, comprova notadamente uma diretriz para preservação de valores, com os costumes da própria cultura local, da formação dessas irmãs que poderiam influenciar no projeto maior. Um projeto estrangeiro, de uma ordem que vem da Alemanha, com todas as suas perspectivas de etnocentrismo, a idéia do europeu com sua auto-imagem superior, com relação ao povo brasileiro, ou seja, um povo que veio para catequizar, trazer a luz, enfim, a civilidade para um determinado grupo. Com vistas a esse aspecto, as irmãs alemãs seriam ‘contaminadas’ por este novo modo de ser das brasileiras, e isto traria mudanças na ordem em seus princípios iniciais.

Significando que ao alterar a identidade inicial do projeto, desencadeariam-se outros processos de reconfiguração de normas de conduta nacionalizadas. Em primeira instância a fronteira lingüística e as próprias regras internas da ordem, ou seja, a concepção de projeto missionário, isto indica que ao utilizar-se de estratégias e práticas de convencimento, tende “a impor uma autoridade à custa de outros, por ela menosprezado, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990 p. 23).

Também sob este prisma, reporto-me a Norbert Elias (2000, p.23) quando explica que “A peça central dessa figuração é um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. Essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsider por um grupo estabelecido”.

Dessa forma, apresento possibilidades de perceber as características da ordem, suas relações de poder, com os demais grupos e pessoas.

## II IRMÃS LUDOWICA, BRITA E PETRONELLA: A ORIGEM DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DE BELÉM

O início da proposta educacional das irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo pode ser contada por D. Mercedes assim:

*O padre achou conveniente, que viesse uma escola!...Com certeza de religiosos para que houvesse a formação religiosa também. Eles trouxeram as primeiras irmãs [...] Tinha também sala, nos fundos da igreja, a qual chamávamos: A Escola da Igreja da Ir. Lauda, passando depois, por mais alguns tempos com o nome de Escola Paroquial (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Escola, que muitos meninos e meninas freqüentaram, buscando nesta educação a possibilidade de *instruir-se e civilizar-se*.

Não sendo diferente como nas demais cidades, a imprensa da congregação divulgava a fundação do colégio dos meninos. Uma propaganda ativa, realizada pelo Vigário de Guarapuava, Padre Ângelo de Féo, fundador e editor do Jornal “O Guarapuavano” este destacou: “apresentaram-se no dia 16/4 os primeiros 7 meninos” (SVD, 1907, p.1).

Neste sentido, começava o fluxo das relações de interdependência que irão dar bases da educação confessional católica na cidade. Padre Mathias Esser e o Padre Nicolaus Simon, padres-escolares da mesma congregação, desencadearam o processo, de evangelização e educação, resultando a vinda das primeiras Irmãs Servas do Espírito Santo, Ludowica, Brita e Petronella, e com elas, o compromisso e o firmamento dos objetivos da Igreja pela educação feminina.

*1907 - A recepção foi bem solene. Foram conduzidas até a matriz, onde começou a Missa cantada. Para as irmãs foi uma grande alegria, que podiam dar início de sua vida religiosa em Guarapuava, assistindo ao S. Sacrifício nesse dia solene. (SVD, 1907, p.01).*



*1907 – O Sr. Antonio Mendes deu-nos as boas vindas em nome da comunidade e a banda de música fez soar alegres cantos. Fomos então conduzidas à Matriz, onde se realizou Missa solene. Alguns minutos depois, entramos em nossa casa, a qual, tanto quanto possível estava mobiliada em estilo conventual (SSpS, 1907, p. 01).*

A chegada das irmãs significou um marco histórico para a cidade de Guarapuava, pois a maioria da população, nunca antes tinha visto irmãs, nem desta, nem de outra ordem.

A origem dos trabalhos dos religiosos na cidade compreende a história de três instituições de ensino, sendo a Escola Paroquial, que seria para os pobres, esta funcionava junto à igreja; o Colégio São José, somente para meninos e o Colégio Nossa Senhora de Belém para atender meninas.

Estas histórias marcaram a sociedade local, visto a preocupação da ordem em evidenciar o trabalho religioso pela educação oferecendo aos alunos, catequese, retiros espirituais, dentre outras atividades, bem como desenvolver uma educação formal consistente, para conseguir manter-se diante da rivalidade com o Grupo Escolar Visconde de Guarapuava que oferecia uma educação gratuita e laica.

E assim em 1º de junho, um sábado de 1907, surgiu o pequeno Educandário Nossa Senhora de Belém, destinado à educação da infância.



**Figura 2** – Alunos e as Irmãs do Colégio Nossa Senhora do Belém. Pelas comparações de detalhes contidos nas crônicas, esta fotografia pode ser da década de 30.  
 Fonte: Arquivo pessoal da Sra. Nahir.

O nome de “Colégio Nossa Senhora de Belém” é em atenção à grande devoção do povo à padroeira do lugar. De início de sua fundação com 7 alunas, o número no final do ano havia aumentado para 35. Aos poucos o colégio foi desenvolvendo-se e tornando-se referência na região. “Foi muito modesto o início do Colégio, com apenas 7 alunas. A estas, pouco a pouco somaram-se outras, e depois de um ano, o número de alunas subiu para 35, prova do contentamento do povo com o trabalho das Irmãs” (SSpS, 1907, p.01).

Observa-se que os registros com entrada e saída de alunos, começam a ser apontados a partir de 1911. Os números apresentados servem como esboço do fluxo de matrículas, apenas para ilustrar como o colégio foi edificando-se. Percebe-se nas indicativas que não havia um critério formal para estes registros, pelo menos nas fontes pesquisadas, pois ora as crônicas das irmãs indicam o número de entrada, mas não registram o número final de matrículas e vice-versa.

**Década de 10**

<b>Matrículas</b>	<b>1911</b>	<b>1912</b>	<b>1913</b>	<b>1914</b>	<b>1915</b>	<b>1916</b>	<b>1917</b>	<b>1918</b>	<b>1919</b>	<b>1920</b>
<b>Inicial</b>	02		14	18	28	32		30	30	30
<b>Final</b>	54	55	70	70	67		66	70	80	

**Década de 20**

<b>Matrículas</b>	<b>1921</b>	<b>1922</b>	<b>1923</b>	<b>1924</b>	<b>1925</b>	<b>1926</b>	<b>1927</b>	<b>1928</b>	<b>1929</b>	<b>1930</b>
<b>Inicial</b>	40			35			40	80		
<b>Final</b>	80	97	122	80	30	100			190	164

**Década de 30**

<b>Matrículas</b>	<b>1931</b>	<b>1932</b>	<b>1933</b>	<b>1934</b>	<b>1935</b>	<b>1936</b>	<b>1937</b>	<b>1938</b>	<b>1939</b>	<b>1940</b>
<b>Inicial</b>	12	122		24	32		18			
<b>Final</b>	100					110	129		100	210

**Década de 40**

<b>Matrículas</b>	<b>1941</b>	<b>1942</b>	<b>1943</b>	<b>1944</b>	<b>1945</b>	<b>1946</b>	<b>1947</b>	<b>1948*</b>	<b>1949</b>	<b>1950</b>
<b>Inicial</b>	160	35	12		15		300	270		
<b>Final</b>		160	165		200			290		

**Década de 50**

<b>Matrículas</b>	<b>1951</b>	<b>1952</b>	<b>1953</b>	<b>1954</b>	<b>1955 *</b>
<b>Inicial</b>	300				360
<b>Final</b>	350				

\* A partir de 1950 há muita transição das irmãs e os dados não indicam referências de alunas. Os últimos anos as crônicas mostram que o colégio estava em plena consolidação.

Estes registros exibem como a escola foi compondo-se, indicando as concepções educacionais da época. Períodos em que o colégio de acordo com vários condicionantes, em seu processo de estruturação, possibilitou a efetivação de ações voltadas para meninos e meninas, determinando o tempo e espaço escolar.

No contexto da fundação do colégio, nos discursos proferidos por muitos, apontavam o ‘poder da modernização’, com novos métodos e materiais pedagógicos em substituição de práticas antigas. A pedagogia do progresso estava presente nas arquiteturas das instituições, na mudança do perfil dos docentes, na disposição dos lugares, na organização dos grupos, dos espaços, da higiene, da exclusão aparentemente da palmatória, deixando em seu lugar os prêmios e medalhas como símbolos exemplares de um ensino renovado.

Esta representação da modernidade estava inscrita na escola, espaço inexorável à formação do homem civilizado, que através de um modelo pedagógico homogêneo a ser seguido, iriam formar este homem progressista e urbano. Modelo este de refinamento, que estava convencendo normas, o que gerou uma preocupação da sociedade em procurar esta boa conduta, enfim a civilidade. Portanto era preciso tirar meninos e meninas das ruas.

Como exemplo desta análise, Relinda Kohler escreve sobre algumas crianças guarapuavanas e suas peraltices:

*Da casa lá na Rua Coronel Lustosa até o Colégio e a Igreja, em todo o caminho era custoso ver uma casa com as janelas abertas, as casas grudadas na rua. Janelas fechadas davam idéia de a cidade estar dormindo, só dormindo. Quando as crianças, por troça, batiam os pés nas calçadas fazia eco, muito eco perto e longe (KOHLER, 2005, p.482).*

Neste sentido, o espaço da rua e a da casa singularizava o universo de educação dessas crianças. No entanto, as representações morais gestadas nesse período condenavam “cada vez mais a rua como um lugar de correrias e diabruras, de perversão e vagabundagem. A ‘grande

internação da infância’, como se referiu Ariès é uma ação contra o vagar pela rua e o aprisionamento das crianças em instituições disciplinares como a escola” (SOUZA, 1998, p.148).

Assim sendo, a educação das crianças, tanto para as pessoas de classes abastadas como as de menos posses, buscaram seus mecanismos de conduta: Nesse sentido a educação escolar é vista como núcleo de possibilidade civilizatória, onde a construção de saberes é transmitida de uma geração a outras posteriores. Com relação esta questão Norbert Elias salienta:

*Essa redução dos contrastes na sociedade e nos indivíduos, essa mistura peculiar de padrões de conduta que derivam de níveis sociais inicialmente muito diferentes, são altamente características da sociedade ocidental. E constitui uma das peculiaridades mais importantes do “processo civilizador”. Esse movimento da sociedade e civilização, porém, certamente não segue uma linha reta. No movimento global observam-se repetidas vezes contramovimentos maiores ou menores, nos quais os contrastes na sociedade e a flutuações na conduta de indivíduos, suas explosões afetivas, tornam a aumentar (ELIAS, 1993, p. 211).*

Estas mudanças nos comportamentos são decorrentes dos processos pelo qual a sociedade passa. Não sendo diferentes estes movimentos e contramovimentos na escola.

### **O tempo escolar: sob a representação das ações cristãs**

Em seu livro *Sobre o Tempo*, Norbert Elias (1997, p. 7) inicia dizendo: “Quando não me perguntam sobre o tempo, sei o que ele é”, dizia um ancião cheio de sabedoria... “Quando me perguntam, não sei”.

Esta dificuldade dos indivíduos em entender o que é o tempo, aparece porque nos referimos a ele como se fosse algo que se possa tocar, concreto, o tempo como objeto, ou

segundo Norbert Elias, *reificação* do tempo. Esta premissa revela uma profunda relação com a linguagem, nas variadas formas de referir-se ao tempo e com os modos de controlá-lo e medi-lo. À exemplo, temos o tempo do calendário que segundo Ademir Gebara (1995, p.5) é uma construção social “é prioritariamente uma conquista social, no sentido que dirige, orienta e organiza os múltiplos componentes da vida pública e do cotidiano”

Assim, o tempo é uma construção social do homem, pois desde pequenos aprendemos o seu sentido, como: *hora de comer, do banho, dormir, brincar e aprender*, ou seja, inicia-se desde cedo regras temporais para o controle e ordenação nas atividades humanas. Sobre esta questão Elias anuncia:

*O fetichismo do ‘tempo’ é ainda mais reforçado na percepção humana pelo fato de que sua padronização social, sua institucionalização, inscreve-se na consciência individual tão mais sólida e profundamente quanto mais a sociedade se torna complexa e diferenciada (ELIAS, 1998, p.84).*

Neste sentido, o tempo aparece como representação de coação dos indivíduos. Assim como para Norbert Elias, Michel Foucault (1991) também se refere à organização do tempo como uma forma de controle do ato humano. Para este pensador, a existência de horários, determinando ocupações, repetições de ações, são reminiscências das sociedades monásticas, pois a Igreja e o Estado, em muitos momentos estiveram em embates pela distribuição do tempo. A partir do início do século XIX, com as modificações referentes à transição do sistema de manufatura para grandes indústrias, instaura-se o processo de disciplinarização do ritmo de trabalho, marcado, a partir de então, pelo ritmo da máquina. Com base no conhecido capítulo de Marx<sup>8</sup>, Ademir Gebara (1995, p. 02) escreve sobre esta questão:

---

<sup>8</sup> O capítulo referido, o XIII Maquinaria e Grande Indústria e foi complementado com o XII Divisão do Trabalho e Manufatura.

*Com a introdução da máquina, a ferramenta é acoplada a um mecanismo autônomo em relação ao organismo humano, seu funcionamento independe da capacidade muscular do homem e, nesta medida, o ritmo de funcionamento da máquina pode ser intensificado significativamente. É relevante neste momento assinalar que, embora funcionando autonomamente, a máquina é um processo de produção e, este sim, depende da presença, em inúmeras funções complementares, do homem. O que ocorre então é que, pela primeira vez na história, o ritmo do ser humano passa a ser uma variável dependente. É o ritmo da máquina o fator determinante do ritmo geral do processo de produção, e nesta medida, determinante o ritmo do homem (GEBARA, 1995, p.2).*

Nesta linha de argumentação, Michel Foucault (1991, p.137) ainda discute que nas fábricas deve-se “garantir a qualidade do tempo, empregado: controle ininterrupto, pressão dos fiscais, anulação de tudo o que possa perturbar e distrair; trata-se de constituir um tempo integralmente útil”.

Esta concepção será amplamente difundida pelas instituições educacionais. Especificamente sobre as instituições religiosas, Foucault ainda escreve: “durante séculos as ordens religiosas foram mestras de disciplinas: eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares”. No entanto é relevante aqui assinalar que este tempo é muito mais eclesiástico, do que o tempo da fábrica, já que ocupar o tempo, “era muito mais um cuidado contra o perigo do ócio do que necessariamente da obrigatoriedade da produção” Chornobai (1998, p.129).

Assim, sociedades diversas terão também concepções diferenciadas sobre o tempo. Pois, de acordo com vários condicionantes, existentes na sociedade nas formas de examinar do tempo condicionam uma percepção do tempo distinto e plural.

Nessa perspectiva há também tempos individuais e coletivos, tempos institucionalizados, dentre estes, o *tempo escolar*. O tempo escolar é um tempo diferenciado, de acordo com variações existentes. Variações onde o tempo configura-se nos alunos, pais, professores, Estado entre outros. Para Chornobai (2002, p. 130) “a instituição escolar tornar-

se, no mundo civilizado, um dos mais importantes meios de aprendizagem destes signos temporais [...] o tempo é institucional e organizativo”.

É no tempo escolar que a criança experimenta o seu carácter coercitivo, este traz representações de deveres, perdas, ganhos, avanços e retrocessos, dentro do universo pedagógico, se humaniza. Sendo assim, a criança percebe, vivencia, aprende e desenvolve um sistema de autodisciplina de acordo com esta instituição social.

No contexto escolar, é possível realizar inúmeras análises a partir da relação entre a forma pela qual o tempo é percebido. Vejamos como os envolvidos nesta pesquisa, percebiam o tempo escolar. D. Mercedes relata:

*Entrei em 1942, no colégio, eu tinha nove anos, já era grandinha, naquele tempo não tinha aquelas coisas de prézinho. [...]Elas me puseram, lógico no primeiro ano que era chamado o primeiro ano adiantado,era o primeiro A e B, que é hoje. Comecei no primeiro atrasado, fiquei uma semana, me passaram para o adiantado, no final do ano fui para o segundo ano (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Estas indicações de D. Mercedes de forma geral remetem a uma escola, que naquele momento representava aos pais, um espaço de confiança e ao mesmo tempo proporcionava do ponto de vista religioso um ambiente salutar, sendo também para muitos, um tempo em que aprender a ler, escrever e contar era o suficiente. Assim, esta perspectiva dos pais na educação formal dos filhos, muitas vezes não foi dada relevada importância, pois o processo de escolarização ocorria por volta dos 8 a 9 anos e o término do curso primário por volta da adolescência aos 14, 15 e 16 anos. Este tempo tardio percebido pelas educadoras no envio das crianças à escola pelos adultos demonstra a conduta da população com relação à mesma, pois “os pais decidiam quando mandar os filhos às escolas – quando estivessem maiores, quando podiam liberá-los do trabalho doméstico ou prescindir do trabalho infantil para compor a renda familiar ou quando vinham residir na cidade ao sair do campo” (SOUZA, 1998, p.115).



Outro apontamento que D. Mercedes retrata, é com relação aos jardins de infância, pois era uma instituição pouco comum neste período, logo, este fator indica que o tempo da permanência da criança no seio familiar era prolongada, e sua educação, influenciada pelas relações familiares, vizinhos, enfim pelos laços com os adultos. Esta questão fica mais clara na medida em que se observa as narrativas. As aulas iniciavam-se geralmente em 15 de janeiro, mas não havia um compromisso dos pais de envio das filhas (os), neste período, ou seja, esta participação da sociedade deu-se de forma lenta. Assim, as classes iam sendo formadas gradativamente.

*1911 – o início deste ano foi muito modesto. Até fevereiro apenas duas alunas apareceram, mas aos poucos o número subiu para 54 (SSpS p.02).*

*1923 – o novo ano escolar iniciou-se no dia 15 de janeiro de 1923, com um número bastante grande de alunas. Parece que será um ano abençoado: já temos 120 alunas, entre as quais, 22 internas (SSpS, 16).*

*1928 – No dia 15 de janeiro reiniciaram-se as aulas. Oitenta alunas apresentaram-se no primeiro dia (SSpS, p.26).*

A partir de 1935, as aulas passaram a ser iniciadas em fevereiro, dia 03, um dia após a Festa de Nossa Senhora de Belém, após esta data há indicativas de um número maior de alunos.

*1936 – no principio de fevereiro foi aberto o nosso ano escolar com um bom numero de alunas. Hoje, o colégio conta com 110 alunas, entre as quais 27 são internas(SSpS, p. 34).*

*1937- No dia 03 de fevereiro, apareceram muitas alunas, tendo em vista as condições locais. O número aumentou dia a dia, e quem sabe, em breve é possível que tenhamos 100 externas e 29 internas (SSpS, p.36.).*

E assim, muitas famílias, que no início das atividades das religiosas, não tinham o costume de enviar seus filhos, pelo cumprimento do calendário escolar, vão mudando suas atitudes. Como mostra este trecho: “As pessoas estão se acostumando a mandar as crianças logo no primeiro dia de aula, e não em abril e maio como antigamente” (SSpS, 1937, p.36).

Estas passagens vêm confirmar, as formas de condutas que foram sendo determinadas pelos grupos, dando indicações da consciência temporal, através da autodisciplina, e esta são verificadas nos comportamentos dos indivíduos indicando que “a enorme internalização das restrições sociais relativas ao tempo é, com efeito, um exemplo paradigmático de um tipo de cerceamento ligado à civilização, que encontramos com frequência nas sociedades desenvolvidas” (ELIAS, 1998, p. 30).

A associação da civilidade ao progresso, foram aspectos pelos quais os pais preocupados com a educação de seus filhos perquiriam. Assim, o regime de internato representava esta expressão, pois, as regras de comportamento, estabelecidas por este período, implicava em preceitos de uma boa educabilidade. Este tempo de internato foi percebido assim por D. Mercedes:

*Naquele tempo a condução não era tão fácil, as estradas muito ruins [...] eu ficava interna porque eu gostava muito, e a minha mãe ia pra fazenda. Então ela ficava uma semana na fazenda, e me deixava interna, porque eu gostava, não que tivesse necessidade, que tinha gente que ficava comigo, a mamãe criou pessoas boas, de confiança, mas como eu adorava ficar. Então mamãe arrumava minha roupinha para eu ficar. Quando ela chegava para me apanhar, a Ir. Superiora ia para me entregar, eu dizia “... Mamãe eu estava com saudade da senhora, mas a senhora não devia ter vindo, porque não ficou mais uns dias!” A coitadinha ficava tristonha sabe, mas eu não dizia assim para não querer que ela viesse não, porque estava com o papai, trabalhando, ela se sentia tão bem, na fazenda, devia ter ficado mais, porque eu tava muito bem aqui! (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

No período de internato era comum as alunas ficarem, às vezes, meses sem ver suas famílias. Era um tempo em que às irmãs mantinham um controle maior sobre as crianças, a elas confiadas. Sob esse aspecto, infere-se que é no grupo social do qual a criança participa, que se regulam a vida instintiva e naturalizam-se comportamentos, fazendo com que eles sejam aprendidos, controlados e autocontrolados por meio de mecanismos de internalização, combinados a determinadas estratégias ou modelos e estes são verificados pelo tempo. Reporto-me a Norbert Elias quando discute:

*A conduta e vida instintiva da criança são postas à força, mesmo sem palavras, no mesmo molde e na mesma direção pelo fato de que um dado uso da faca e do garfo, por exemplo, está inteiramente firmado no mundo adulto – isto é, pelo exemplo do meio. Uma vez que a pressão e coação exercidas por adultos individuais é aliada da pressão e exemplo de todo mundo em volta, a maioria das crianças, quando crescem, esquece ou reprime relativamente cedo o fato de que seus sentimentos de vergonha e embaraço, de prazer e desagrado, são moldados e obrigados a se conformar a certo padrão de pressão e compulsões externas. Tudo isso lhes parece altamente pessoal, algo “interno” implantado neles pela natureza (ELIAS, 1993, p.134).*

Essas condutas ficam evidenciadas, principalmente, na particularização da educação dos indivíduos, enclausurados num espaço, norteado pelas filas, pelos horários de aula, das refeições e de dormir. Notadamente, o tempo é ocupado com aprendizagens para a vida social, com regras de etiqueta e de moralidade, o que se deve saber e seguir, da mesma maneira, a aprendizagem de música, dança, poesia, leitura e a utilização de roupas adequadas.

*As internas que ficavam no colégio tinham horário de estudos. Tinha o horário de alimentação. Tinha às vezes dois estudos por dia, aqueles que estudavam pela manhã tinham o estudo á tarde, e a noite todas juntas. Durante o dia participavam também das aulas de trabalhos manuais, tinha recreação. [...] Eu não esqueço, quando elas vinham para acordar a gente para ir à missa na Catedral, quando não tinha na capela, porque todo dia tinha que ir à missa que começava às 6h30min. Então 6h15min tinha que estar saindo do colégio, então*

*vinha a fila das internas duas as duas e a irmã junto, companheirinha ali atendendo, pois no inverno ainda era noite! Eu me lembro que quando ela entrava no dormitório... Aquele sono tão gostoso, daí ela acendia a luz e dizia: “Divino Espírito Santo” para responder “Tudo por Vosso Amor!” Era a resposta, então nunca esqueço que quando a gente deitava era a mesma coisa! Então ela dizia “Divino Espírito Santo” “Tudo por Vosso Amor”. Então pela manhã! resmungando. Eu não entendia! Para dormir estávamos animadas. Ela ficava brava. Barbaridade! dizia. Precisava responder direito! Assim o Espírito Santo não vai estar com vocês o dia todo! Por isso que eu digo para você que marca! (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Considero que estes indícios revelam os códigos temporais pautados na coerção civilizatória, onde o desenvolvimento desse sistema de autodisciplina difundido pela instituição escolar, vivenciado e experimentado pelos indivíduos que ali estiveram. Sendo, este espaço, utilizado para a repetição de exercícios, o controle do corpo, para a divisão e a vigilância dos indivíduos. Como discute Souza (1998):

*Exercitar, repetir, prestar atenção, fazer fila etc. são todas formas de expressão do tempo escolar que, além de aprisionar o conhecimento em uma teia de processos de ensino e estratégias de aprendizagem, articulam-se com uma rede disciplinar. Os tempos da escola configuram-se em um dos primeiros tempos úteis, cronometrados, controlados e exigidos, percebidos pelas crianças. Nesse sentido, ele educa, modela e conforma, prestando-se aos desígnios da civilização (SOUZA, 1998, p.222).*

A ordem das Servas do Espírito Santo soube organizar e orientar condutas, determinar o aceitável e o impróprio, permitir e negar determinados comportamentos. Isto se confirma quando Norbert Elias (1998, p.14) comenta, “a maneira como o processo civilizador contribui para formar habitus sociais que são parte integrante de qualquer estrutura de personalidade”.

Os modos de pensar, de agir de um indivíduo, determinam a sua incorporação dentro do mundo social e de sua própria posição dentro desse mundo. Esta incorporação cria os

esquemas de percepção e de apreciação a partir dos quais os indivíduos pensam, agem, avaliam e classificam. Neste contexto, acrescenta-se aqui o elemento espaço escolar também responsável por esta incorporação de habitus.

Do mesmo modo como o tempo é organizativo, o espaço também marca o funcionamento escolar.

### **O espaço como materialidade do ensino**

*As salas de aula era na parte de madeira, parte velha, no meio existia uma construção comprida que avançava para o lado da horta, eram salas de aulas, bordados e música. Também tinha o dormitório, refeitório, a clausura, a capela, lavanderia. Então, já tinham mudado para o prédio novo. A parte ficava no ultimo andar elas faziam essas coisas do teatro e lá guardavam os cenários e tantos outros objetos (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Esta organização do espaço escolar é verificada, em aspectos que paulatinamente foram introduzidos para melhorar a distribuição do tempo. Assim, tempo e espaço estão ligados numa mesma corrente de formação, e ambos orientam condutas e organizam atividades. Sobre essas condutas, há que ressaltar a importância de determinadas concepções higienistas, que impeliam a construção de novas salas, organização dos móveis, a distribuição dos alunos, a ampliação de salas, iluminação entre outros.

Estas questões foram sendo apreendidas com o passar do tempo pelas religiosas. Ao iniciarem o processo de escolarização, não havia preocupação com a arquitetura escolar, o que se observa é a premência em se ter um espaço, o qual pudesse funcionar como casa das religiosas e/ou paroquial e ao mesmo tempo como escola/internato.

Destarte o regime de internato implantado em 1912, foi uma das possibilidades que as irmãs vislumbraram para atender as famílias que moravam em localidades mais distantes e como forma das irmãs manterem-se financeiramente, como relata a cronista. “O número de alunas chegou a 55. Neste ano, pela primeira vez aceitamos também meninos. São 15 as alunas de trabalhos manuais, 6 as de piano e 5 são internas” (SSpS, 1912, p. 3).

O fato do colégio pertencer a uma ordem religiosa começa dar credibilidade, as Servas do Espírito Santo. O colégio passou a ser visto pela maioria dos pais, como espaço salutar, de confiança, sendo adequado às condições de educar seus filhos, para a formação de caráter e preparação para a vida, aspectos importantes que a Igreja divulgava: “Aos pais católicos, porém torna a inculcar o dever de confiarem seus filhos, quando e onde puderem, a escolas católicas. Sustem-nas na medida de suas forças e colaborem com elas para o bem de seus filhos” (COMPÊDIO VATICANO II, 1968, p.591).

Um tempo para as irmãs, que além de ensinar comportamentos esperados, virtudes cívicas, enfim, normas de civilidade, e no qual também buscavam mais conforto e adaptabilidade para o colégio. Aspectos que foram sendo perquiridos por um espaço ordenado, tanto pelas condições físicas como pelos ideais de higiene.

*1914 – Como nossa residência está pequena demais, as irmãs apresentaram ao Padre Provincial o justo desejo de alugar uma casa maior. Depois de muita procura e muita oração, foi-lhes oferecida a Casa do Capitão Furtado. Embora o preço do aluguel fosse \$100,00 por mês, as Irmãs aceitaram com alegria, porque era muito espaçosa. O número de alunos já havia chegado a 70. A mudança realizou-se no dia 01 de julho (SSpS, p.04).*

Com perspectiva de futuro na cidade, as irmãs sentem a necessidade de possuir um espaço próprio e maior para a continuidade de seus trabalhos. Assim sendo, em 1919 inicia-se

a reforma da nova casa/escola, em que até hoje permanece localizada. Descrevendo aspectos urbanísticos de Guarapuava, daquele, Relinda Kohler escreve sobre o colégio:

*Finalmente a Rua Senador Pinheiro Machado, paralela à Rua Larga e logo ali o Colégio Nossa Senhora de Belém. Uma parte nova, com capela, moradia das freiras Servas do Espírito Santo e em cima um salão com camas das meninas, o internato. A parte nova era emendada na antiga, que existia desde 1907 e era onde funcionava as salas de aula. Tinha um pátio bem grande e nele um poço (KÖHLER, 2006, p.482).*

Este novo espaço trouxe inúmeras expectativas por parte das religiosas, pois haviam enfrentado vários problemas nas duas casas anteriores devido a estrutura precária. O colégio que aos poucos foi emergindo, ficava em região central, de fácil acesso à comunidade, atendendo meninas e meninos. No ano de 1948, passou a atender as moças que viriam para fazer seus estudos no curso normal.

*(1919) Como já estamos aqui em Guarapuava há 12 anos, morando em casa alugada e parece assegurada nossa presença aqui para o futuro, atendendo ao pedido da Irmã Superiora Gerarda foi-nos concedida pelas Superiores Maiores a licença de comprar uma casa para nós. Duas casas nos foram oferecidas: a dos Kaminski, que em parte já está alugada por um clube e a outra, do Sr. Correia, em frente da nossa. Esta última é nova e está bem conservada, mas assim, como o terreno, é pequena para nós. A outra é muito maior e mais barata, corresponde melhor às nossas necessidades. Por solicitação da Irmã Superiora, o Rev. P. Vigário Guilherme Titzki tomou o encargo das transações e, no dia 24 de setembro, Irmã Superiora assinou o contrato de compra: foram logo pagos dez contos de réis, que nos foram emprestados pelo P. Vigário. Os dez contos restantes deverão ser pagos sem juros, dentro de 15 meses; passando este prazo, serão acrescentados juros(...). No dia 15 de novembro, portanto só um mês depois, realizou-se a mudança; foi tudo rápido e, dentro de dois dias, transportamos os móveis todos. I. Petronella e I. Justitia ficaram na casa velha, para colocar tudo na carroça; Irmã Superiora e I. Bonifácia foram receber as coisas e colocá-las no lugar. I. Lauda ficava indo e vindo. Agora era necessário tornar a residência mais bonita e acolhedora. Havia trabalho sem fim em todos os cantos: era necessário limpar, caiar, pintar preparar a capela, onde o assoalho precisou ser substituído, pois as tábuas estavam podres. Em toda parte havia concertos a fazer. Também foi preciso construir um barracão para padaria, lavanderia, carpintaria e estufa para os vasos. Foi também idealizada uma coberta para recreio das meninas. (SSpS, 1919, p.11)*

O fluxo de mudanças começa a ser indispensável, sendo como fator de proteção e também de certa privacidade, tantos para alunas como para as religiosas.

*1922 – Neste tempo foi concluída a construção dos dormitórios, o qual foi solenemente benzido pelo padre Paulo, no dia 1 de fevereiro. Quatro de nossas alunas internas foram “madrinhas”. Todas as irmãs e alunas assistiram a esta cerimônia familiar. Dentro de pouco tempo, o dormitório novo ficou inteiramente ocupado pelas camas e pelas alunas (SSpS, p. 14).*

As noções pelo espaço organizado, começam a configurar a partir de 1935, representado pela idéia de higiene, tanto corporal como social, resultando num melhoramento das práticas pedagógicas.

*1935 - Com licença das Superiores, foi renovado o assoalho de nossas salas de aula. Era mesmo necessário porque o assoalho antigo estava em contato direto com o esgoto da casa, que era conduzido sob o mesmo. Ficamos compreendendo melhor porque houve tantas doenças nos últimos tempos. Os trabalhos foram terminados antes do início das aulas: assim, pudemos começar o novo ano letivo nas salas de aula renovadas. Logo no início, pudemos experimentar a benção de Deus com a vinda de um número considerável de alunas (SSpS, 1935, p.14).*

*1946 - No início do ano conseguimos, por intermédio do Dr. Albino Borba, na ocasião substituto do Prefeito, que o esgoto dos banheiros, da cozinha e da lavanderia, fosse ligado ao esgoto da rua. Foi um grande alívio e um favor especial do Dr. Borba. Neste ano, todos os gêneros alimentícios subiram de preço, três ou quatro vezes mais (SSpS, p. 46).*





**Figura 3** – Colégio N. Sra do Belém na Festa Campestre em 7 de Abril de 1930.  
Fonte: Arquivo pessoal da Sra. Nahir.

Há ainda que destacar sobre as concepções higienistas, em que também estabeleceram-se a preocupação com o paisagismo, o lazer e o recreio das alunas escola:

*1930 - Irmã Petronella recebeu a incumbência de pintar uma Via-Sacra para nosso jardim. Mais um progresso! Também nas férias foi feito um acréscimo na casa, foram construídas mais duas salas de aula, um pátio para o recreio das alunas e uma engomaria. Foi demolida a casa velha que existia, e agora há um bonito pátio em seu lugar. (SSpS, 1930, p.28)*

O interesse com a arquitetura escolar, como fator de materialidade do ensino, pode ser verificada no planejamento da construção do novo colégio, atendendo aos anseios de uma escola, que cada vez mais aumentava o número de discentes. Concepção brasileira do período em que preponderava monumentos que expressavam a modernidade e poder naquele sistema

educacional. Uma instituição que ostenta pela grandeza, evidenciada pela mudança na construção, um edifício sólido, assim como sua educação.

Com esta idéia inúmeras escolas foram sendo construídas nos centros das cidades, trazendo a representação da instrução, mesmo nem todos tendo acesso a ela, criava-se a expectativa do novo, da instrução na qual poderia mudar, *civilizar*. Prédios inovadores, que se organizavam a partir de espaço que tem como função o controle, do tempo, o espaço da criança, que disciplina, enfim que dá ordem. Segundo Souza (1998, p.143) “ ordem, limpeza e disciplina são componentes primordiais para uma boa organização escolar, fazer parte de um conjunto de dispositivos de contenção dos gestos, dos instintos, das emoções”.

Todas essas considerações refletem a realidade da escola, de modo geral, considerando o fato de estar se referindo a uma escola confessional católica. Não sendo diferente, o Colégio Nossa Senhora de Belém, foi construído, pensado, tanto para atender as necessidades funcionais aos padrões estéticos, como para manter preceitos, valores, que eram parte do próprio projeto da ordem. Anseios que atendiam as orientações vindas da Igreja. Em 1948, como cita Chornobai (2002) o Papa Pio XII, na Alocução “S’il Nous Plait” por ocasião do Congresso da Associação Católica Internacional das Obras de Proteção da Jovem, estabelecia *conselhos práticos* para a orientação do espaço católico:

*Procurar a segurança moral da jovem graças a centros de atração, a lares, a hotéis [...] são coisas excelentes e grandemente urgentes. Mas é necessário que essas instituições não lembrem por sua falta de gosto e por sua austeridade, por sua pobreza mesquinha e cheia de economias, aqueles abrigos e refúgios do tempo da guerra [...] É necessário, ao invés, que as jovens aí encontrem luxo, o conforto, o encanto, a intimidade expansiva, os alegres divertimentos de uma vida de família, que possa fazer concorrência, a tantos centros de atração perigosos e culpáveis. É necessário que a jovem aí encontre, ainda que não tivesse vindo expressamente para procurá-lo, o alimento de sua cultura intelectual, artística, social e espiritual, tendo à sua disposição bibliotecas, conferências, ensinamentos não somente morais, mas também de ordem doméstica e prática, que a coloque em condição de se preparar, para o futuro, uma vida honesta, santa e feliz (PIO XII apud CHORNOBAI, 2002 p.126).*

A preocupação da Igreja pelo espaço escolar, é representada, tanto pela religiosidade no interior do colégio através da capela, da sacristia, da clausura, na utilização da cruz como ornamento ou ainda nas imagens distribuídas por toda a escola, como também as necessidades pedagógicas e administrativas, salas de aula, biblioteca, secretaria. E outros espaços imprescindíveis para atender o cotidiano das irmãs – *as celas* - e das alunas internas como: internato, semi-internato e externato, sendo que para esse atendimento era necessário, cozinha, refeitório, quarto de banhos, dormitórios, lavanderia e a engomaria. Como mostra nesta passagem a cronista “Está sendo feita uma modificação na casa. Por sugestão da Rev. Irmã Visitadora Maria, o dormitório geral foi dividido em celas individuais; foi feita também uma nova instalação para os banheiros e para ferver roupa” (SSpS, 1933, p. 31).

Este aspecto correspondia a uma arquitetura que preconizava espaços mais úteis, econômicos em tempo e gestos, como também configurava na distribuição dos indivíduos, marcando assim, lugares no colégio. Este, pouco a pouco transformou-se num espaço de controle, onde cada um ocupava de maneira mais disciplinar seu lugar. Sobre esta questão Michel Foucault (1991) aponta:

*Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. Evitar as distribuições por grupos; decompor as implantações coletivas; analisar as pluraridades confusas maciças ou fugidias. O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os defeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar (FOUCAULT, 1991, p.131).*

Nestas localizações funcionais é interessante destacar ainda sobre *as celas*. Este espaço traz reminiscências de um procedimento usual arquitetônico religioso – celas dos conventos. Segundo Michel Foucault (1991, p. 131) “o espaço das disciplinas é sempre, no

fundo, celular. Solidão necessária do corpo e da alma, dizia um certo ascetismo: eles devem ao menos por momentos, se defrontar a sós com a tentação e talvez com severidade de Deus”.

Esta questão é percebida neste trecho da crônica de 1942.

*1942 - No dia 13 de maio, finalmente, também estas puderam dar entrada em suas celas novas e espaçosas. O bom Deus, logo na primeira noite, fez uma visita às celas: veio uma forte tempestade e a claridade dos raios atravessou e fez estremecer as janelas. A isto não estávamos acostumadas na casa velha com suas janelas estreitas (SSpS, 1942, p.42)..*

Assim, a solidão, a vigilância, a virtude, a moral, a lembrança permanente da presença de Deus, foram aspectos difundidos pela ordem missionária no seu espaço escolar desde o início da sua instalação em Guarapuava.

### **O espaço da escola e as práticas sagradas**

As religiosas conformaram o espaço escolar em lugar também sagrado. Esta observação, feita nas falas apresentadas, revelam a apreensão das freiras, com relação aos aspectos educacionais e religiosos. Por exemplo, na descrição da alegria das irmãs em receber de presente uma imagem para a capela:

*1920 - No dia 19 de novembro realizou-se uma pequena festa na capela de nossa casa: o Rev. Pe. Vigário deu-nos de presente uma grande e bela imagem do Sagrado Coração de Jesus. A cerimônia da benção da imagem foi participada pelas alunas internas e também por algumas externas, as quais quiseram ter a honra de ser madrinhas, cada qual dando uma fita. Foi uma festinha bonita e edificante. (SSpS, 1920, p.13)*

Este excerto reflete ao cotidiano da escola, em que as irmãs buscavam nestas práticas propagar a fé católica, utilizando-se das mais variadas representações simbólicas para agregar novos fiéis. Assim, o espaço escolar passa a exercer influência, nesta missão, uma vez que a escola é um lugar onde crianças, adolescentes e jovens permanecem durante anos. Durante este tempo, formam-se as estruturas mentais básicas que são conformadas por este espaço, que como todos, socializa e educa, mas, à diferença de outros espaços, a escola situa, ordena e controla, todos os indivíduos que nela se encontram.

Sob esta visão, as instituições confessionais católicas sempre tiveram um papel histórico na formação cultural brasileira, observa-se que desde as primeiras expedições de colonizadores encontram-se religiosos. Essa postura justifica-se a partir de um olhar na história, cujas influências estão enraizadas em nossa educação já em 1549 com a chegada dos jesuítas. Estas deixaram reminiscências em vários setores da sociedade, principalmente os educacionais, onde fez emergir nos séculos posteriores amplas discussões e freqüentes reformas da escolarização. Neste embate segundo Chornobai (2002) “havia uma forte consciência de que a conquista das almas passaria por uma base institucional na educação, a Igreja entende-se *mãe e mestra*”. E ainda Zulian (1998) escreve:

*No interior do pensamento católico, a educação não se configura apenas como uma função ou uma finalidade, mas como um conjunto formado pela função, pelo discurso e por métodos e estratégias de ação visando, por fim, a concretização de seu objetivo maior: a salvação individual e a cristianização da sociedade (ZULIAN, 1998, p.106).*

Essas considerações sobre a salvação da alma da juventude e a conquista através do trabalho educativo da ordem são percebidas nestas passagens:

*1919 – No dia 15 de janeiro teve início, como sempre, o ano escolar e já no primeiro dia compareceram 30 alunas. Permita Deus que venham muitas, pois aqui elas recebem instruções religiosas e são guiadas no caminho do bem (SSpS, p.10).*

*1931 – No fim de novembro terminou o primeiro ano do nosso colégio, após várias dificuldades e problemas. As tristes experiências no estado moral de tanto meninos provou mais uma vez a necessidade de um bom colégio nesta cidade (SVD, p.16).*

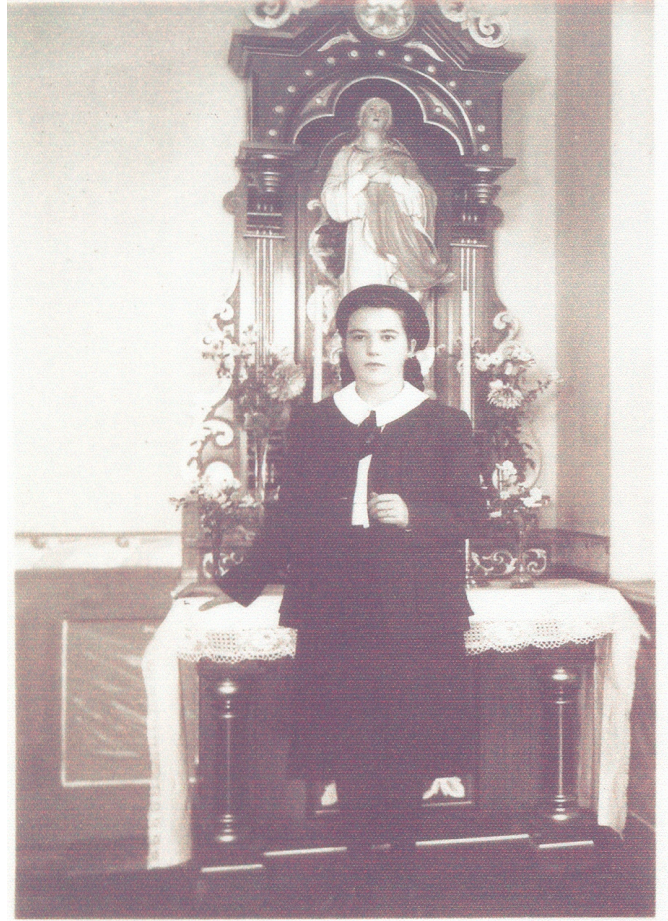
Também se observa a concepção do providencialismo, em que o aumento do número de alunos são justificados pela crença na benção de Deus pela expansão e sucesso dos trabalhos educativos, retirando assim das religiosas, a realidade de suas ações.

*1923 – O novo ano escolar iniciou-se no dia 15 de janeiro, com um número bastante grande de alunas. Parece que será um ano abençoado; já temos 120 alunas, entre as quais, 22 internas (SSpS, p. 14).*

A noção de providencialismo, pautado na paciência, suportação, desapego e da aproximação com Deus, são elementos incorporados à mentalidade das irmãs, e prolongada na medida do possível aos que estavam sob suas orientações. Desse modo, as ações educativas se confundem com as ações religiosas, e ao mesmo tempo, apresentam uma conexão que permite, ao pesquisador verificar, uma lógica de pensamento que articula toda a formação escolar daquele tempo.

*Nós fomos os anjos, assim para segurar as velas, e oferecer a coroa, que a irmã recebe uma coroa jubilar. Por isso que eu me recordo bem, porque foi gratificante, chamou atenção, marcou na minha vida. [...] É, já fazia a primeira comunhão, o padre ia fazer as confissões, e as internas, ele ia todo o sábado, confessar na capela, e até essa fotografia eu tirei na capela, aquela que eu estou ali com a boininha, essa é no altar de Nossa Senhora, o*

*altar mor é no meio, daí de um lado é Nossa Senhora, do outro lado coração de Jesus, foi tirado na capela (D. MERCEDES, 72 ANOS).*



**Figura 4** - Aluna Mercedes Loures, na capela do colégio Nossa Senhora do Belém. Fonte: Arquivo pessoal da Sra. Mercedes.1945

Notadamente, educação e religião caminharam juntas, e extrapolaram os muros do colégio.

*1920 - No dia 19 de novembro realizou-se uma pequena festa na capela de nossa casa: o Rev. Pe. Vigário deu-nos de presente uma grande e bela imagem do Sagrado Coração de Jesus. A cerimônia da benção da imagem foi participada pelas alunas internas e também por algumas externas, as quais quiseram ter a honra de ser madrinhas, cada qual dando uma fita. Foi uma festinha bonita e edificante (SSpS, p.13).*



*1922 – No primeiro domingo depois da Páscoa, realizou-se na nossa Capela a solenidade da Primeira Eucaristia de nossas internas. Nove delas tiveram a felicidade de receber. Nosso Senhor pela primeira vez. As Irmãs tudo fizeram para que tudo fosse muito bonito: a capela foi muito bem ornamentada, o refeitório das meninas e a coberta do recreio não ficaram esquecidos. A Santa Missa foi celebrada pelo Rev. Padre Vigário Tiletzek, que fez uma bela alocução, ressaltando para as neo-comungantes a importância desse dia. As Irmãs cantaram em português o canto “Prometi no meu santo batismo”. Terminada a Missa seguimos para o refeitório, cantando “Dai-nos a benção, ó Virgem Mãe”. Depois foi servido o café, para a qual foram preparados bolos e doces, em abundância (SSpS, p.15).*

*1928 - A 26 de dezembro, realizou-se no salão Pimpão, a festa de encerramento das aulas das crianças do Catecismo. Cada criança recebeu um prêmio conforme o número de “Bons Pontos” obtidos. Foram apresentadas pequenas peças teatrais e poesias (SSpS, p.26).*

As procissões religiosas desvendam esta transformação do espaço interno para compor o espaço externo. *As procissões, de Corpus Christi, era a coisa mais linda minha filha! O colégio uniformizado colocava as meninas de branco, com bandeiras, era muito bonito. Uma participação muito linda, com grande devoção. A festa da Padroeira, com todos os festejos e a procissão com a imagenzinha de Nossa Senhora de Belém, no andor sempre bem ornamentado. Acompanhavam anjinhos, crianças com flores. Nós participávamos também na Semana Santa das procissões do encontro de Maria Santíssima com o Filho Jesus, a procissão da Sexta-Feira da Paixão do Senhor Morto e depois da Ressurreição, na madrugada de Páscoa. Que coisa linda! Tocava qualquer coração e marcaram muito a todas que participavam (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

As religiosas ao estimular o acompanhamento das discentes a estes rituais, desdobraram a atuação pedagógica para além do colégio. Para as irmãs esses momentos de simbologia significavam uma extensão do trabalho educativo.

*1917 - Neste ano, houve duas vezes Primeira Comunhão, na Matriz. Uma outra bela festa foi celebrada: a entronização do Crucifixo na Câmara Municipal. A cruz foi levada em procissão, até lá, com acompanhamento de todo o povo de Guarapuava, ao som da banda da música. As alunas do colégio recitaram poesias, houve discursos e cantos, uma cerimônia bonita e comovente (SspS, p.8).*



*1917 -No dia 17 de jan. de 1917 chegou aqui Pe. Guilherme Maria Thitzek (...) sua meta principal era aumentar ainda a vida cristã em Guarapuava, que os confrades anteriores tinham fundamentado com muito amor e grande solicitude. Como filho de cuidado e dedicação todo especial. Considerava a “Conferência de S. Vicente”, a qual pertenciam uns homens corretos e bons. O vigário conseguiu a entrada até do Prefeito Municipal, Cel. Francisco Solano Alves de Camargo, que as tornou presidente da Conferência Vicentina. Com ajuda de tão bons Vicentinos pode convencer os donos de lojas, que até então ainda não conheciam o descanso dominical, que também eles precisavam do descanso nos domingos e por isso deviam conservar fechadas suas lojas. Esta resolução foi até confirmada por uma lei municipal igualmente conseguiu com a colaboração dos Vicentinos de entronizar um quadro de Cristo na sala judicial do Fórum, no dia 4 de novembro de 1917. Desde o início da República, nossa cidade não assistia a uma solenidade civil e religiosa tão imponente. Também o juiz municipal era membro dos Vicentinos. Dr. Alcebíades de Faria (SVD, 1917, p.3).*

Neste sentido, mesmo divisando o espaço privado como espaço público, muitas vezes este espaço escolar era confundido como espaço de todos. Por vez ou outra a escola tornava-se espaço para constituição de hospital, campanas do exército, práticas religiosas, ritos fúnebres, servindo de abrigo às mais diferentes situações coletivas ou individuais: calamidades sociais e risco de vida.

### **O entorno do tempo e espaço: enfrentamentos**

Durante o tempo em que permaneceram na cidade, as religiosas missionárias vivenciaram inúmeras adversidades, como; mortes, epidemias, combates locais, nacionais e mundiais. Fatos que fizeram parte do cotidiano e repercutiram intensamente na ordem e no espaço do colégio.

Um desses fatos foi à morte da primeira freira no Brasil: irmã Castíssima

*1915 - A boa Irmã que, no último ano de sua vida sofreu muito com muita paciência, veio a falecer no dia 13 de dezembro de 1915. (...) assim, ela não estava despreparada para entrar na eternidade, a respeito do que ela falara muitas vezes, testemunhando seu desejo de partir para o céu. Foi velada na sala de visitas, revestida pelo hábito religioso, conforme prescreve a Santa Regra. Conforme o costume do país, a casa permaneceu aberta de dia e de noite para que as pessoas pudessem participar do velório. Muitos compareceram, principalmente durante a noite; permaneceram durante horas, contemplaram os restos mortais da Irmã e se retiraram silenciosamente. Outros, que tinham mais compreensão, ajoelharam-se e rezaram. Assim, decorreram as horas até o amanhecer. As 09h vieram três Padres para transladar o corpo. Nós, Irmãs carregamos o caixão até a matriz, onde foi celebrado o Réquiem. Seguiu-se o enterro no cemitério da cidade. Da matriz para o cemitério, muitos se revezaram para carregar o caixão: homens, mulheres, jovens e até crianças; cada qual queira levá-lo, nem que fosse dando apenas alguns passos. Agora, a primeira de nós, Irmãs, descansa no cemitério de Guarapuava (SSpS, 1915, p. 6).*

*Outros! Que tinham mais compreensão ajoelharam-se e rezaram.* Outros indicam a internalização dos preceitos religiosos e da ressignificação dos habitus pelos indivíduos, já difundidos pela ordem, neste sentido “o processo civilizador, constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a direção muito específica” (ELIAS, 1993, p. 123).

Mudanças nas condutas também foram percebidas e apreendidas, neste mesmo período, em que aconteceu o desencadeamento da I Guerra Mundial. Tempo de insegurança, especialmente, pela origem alemã do grupo. Pois, as diferenças culturais, entre brasileiros e alemães, começam a ser evidenciadas. Neste período de guerra a comunidade alemã irá ser apontada fortemente, pelo estigma “alemão” e este começa a ser disseminado. “Quando a identidade étnica é um estigma [...] o domínio da impressão impõe-se como uma preocupação constante dos atores. A vida cotidiana parece consistir assim numa incessante redefinição das situações como derivando da cena pública ou da cena étnica íntima” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, apud RENK, 2004, p.91).

Tal como esboçado, é a partir da I Guerra Mundial, esses fatores aqui no Brasil, são mais visualizados, pois nesse contexto começam a emergir inflamados discursos nacionalistas. De um modo geral, o imaginário coletivo, a representação do imigrante,

sobretudo alemão, despertava a hostilidade por parte de alguns grupos, afetando dessa forma a escola. Com relação a estes manifestos, as irmãs escrevem:

*1917 - Um triste acontecimento ocorreu neste ano: em consequência do naufrágio de alguns navios brasileiros, provocado pelos alemães, os brasileiros entraram em guerra. Por isto os alemães, brasileiros tiveram muito que sofrer. A nós nada aconteceu, embora estivéssemos de sobreaviso. Um dia disseram-nos que íamos ser atacadas de noite, mas, graças a Deus nada sofremos, além do susto. Agora desejamos que a guerra tenha fim (SSpS, 1917, p. 8).*

Foi um período conturbado, época de medo e atritos. Este momento indicou metáforas do fim do mundo, ou seja, representações sobre a cidade que as irmãs começaram a indicar. Reclamavam da cidade, pois as informações chegavam truncadas e as atingiam no cotidiano. Fatores que levaram as religiosas a dizer que estavam “no fim do mundo”, representação como algo “não civilizado”.

*1918 - [...] Estamos aqui no fim do mundo, onde aos poucos se chega a saber do que acontece [...] Apesar da guerra, estamos relativamente bem e temos ao todo 70 alunos. Tomara que a guerra termine logo. Como alemães, temos que suportar muitas vezes coisas desagradáveis e ouvir boatos e mentiras. Há alguns dias, foi publicado um telegrama, dizendo que os turcos fizeram paz com os aliados, de modo que os turcos festejaram bastante; dois dias depois, veio outra notícia, afirmando que os ingleses ocuparam a capital da Síria. Portanto, nada de paz, por enquanto! (SSpS, 1918, p. 9).*

A imprensa do período foi uma forte aliada nesta questão de estigmatização, em seus escritos propunham a instrução da língua nacional nas escolas de origem estrangeira, para isso à reforma do ensino viria através de unificação de um currículo único para todas as escolas.

*A nacionalização das comunidades estrangeiras aparecia com muita frequência na imprensa nos anos de 1916 a 1918. A escola era entendida como o meio mais eficiente para esta nacionalização, alegando que o verdadeiro perigo para a sociedade brasileira era “a falta de nacionalização dos estrangeiros domiciliados em nossa Pátria”. O mesmo artigo fazia referência à necessidade de mudanças no Código de Ensino, para efetivação dessa proposta (RENK, 2004, p.93).*

A narrativa jornalística apresentada abaixo afirma esta questão, mostrando a hostilidade à forma escolar empregada nos colégios católicos.

*É preciso dar publicidade à algumas linhas coilligidas a propósito de ter, nesta cidade paranaense, um reverendo emprehendido a inglória tarefa de aconselhar os fieis, chefes de família que tirassem os seus filhos da escola publica, porque naquella casa escolar os professores não encaminham os alunos á moral da religião romana. [...] Mas, o reverendo por certo ignora, não mais ter o Brasil Republicano, religião de Estado. [...] Deseja o reverendo, que os professores do Grupo Escolar n 04, ensinem o Cathecismo e não as aulas de Instrução Moral, porque segundo os seus nobres sentimentos de philantropo, julga o Cathecismo o codigo moral do século XX e os exemplos ancestraes do clero, virtudes de Deus. O século de patranhas já é passado reverendo, e presentemente o alicerce da sociedade será outro porque o futuro requer erudição e com esse obscurantismo cahireies no archivo dos annos, como uma penumbra ou nodoa. Quereis que a escola publica dê passos para traz e destrua o trabalho de longos annos, ou concorra ao progresso social? (O PHAROL, 15 de maio de 1919, p.4).*

Estas tensões das disputas educacionais entre liberais e católicos seguem nas décadas posteriores, divisando o público e o privado. Os religiosos da congregação masculina indicaram em seus discursos defensores da Pedagogia Tradicional. Mostraram os primeiros passos dados e os resultados até então alcançados. Ressaltaram a importância em manter o estudo da moral e da religião. Mostraram também a indiferença do governo para a manutenção do colégio de meninos na cidade. Apontando que o fechamento do colégio, seria prejudicial ao futuro da juventude, pois estavam sem a moral, e que a culpa disso eram das escolas estatais.

1930 - “A pedra começou a rolar” como se diz em alemão. Para compreender bem os problemas de educação e os passos já dados neste sentido, vou copiar o relato de “Unter Uns” aqui mesmo. Apareceu no número de agosto. Depois de explicar em poucos palavras a necessidade de Colégios e escolas paroquiais, o autor continua: “Reconhecendo esta importância, mas desde nossa chegada aqui foram dados passos para sua realização. Nem tinha passado um mês, os nossos primeiros padres – PP. Mathias Esser e Nicolau Simon – abriram em 16/4/1907 uma escola paroquial para meninos. Contou com 7 alunos para crescer até o fim do ano, 13/12, a 35. No começo de junho do mesmo ano chegaram as primeiras Irmãs Servas do Espírito Santo, para cuidar do ensino das meninas. Este Colégio das Irmãs desenvolveu-se extraordinariamente bem, apesar de várias e duras provações e dificuldades. Certas vezes tinha de aceitar até meninos. Hoje este Colégio conta com a estima e a admiração do povo, vencendo toda a propaganda hostil da parte das Escolas Oficiais. Registra mais de 200 matrículas. Além disto existe a Escola Paroquial para as crianças mais pobres. Ela está sob a direção de uma Irmã SSpS, ajudada por uma auxiliar leiga. Todo o espaço das duas salas à disposição se acha aproveitado. A matrícula já passou número 100. A manutenção é coberta pela caixa da Igreja, por parte também pelos Vicentinos e pelo Apostolado de Oração. Também a Escola dos Meninos, do Pe. Simon cresceu muito bem, de maneira que sua transferência em 1917 ela gozava de estima geral e de boa fama. Hoje ainda tem o autor deste relato muita ocasião de ouvir muitos elogios e sincero reconhecimento ref. à Escola de então. E assim é muito lamentável, que seu sucessor tinha de fechar o colégio, certamente por falta de pessoal. Por isso, a pastoral e a influência sobre a juventude masculina ficou atrás. Pois os meninos foram obrigados a freqüentar as escolas leigas, sem religião, do governo. Pois a direção destas mostrou-se nestes anos todos indiferente e até antireligiosa. Isto se deve dizer sem faltar à justiça. A conseqüência é inevitável. Ai está a razão por que a grande maioria dos jovens, longe de nossa influência, hoje não conhece a Missa Dominical e a recepção dos Sacramentos; sem mencionar as graves aberrações morais. Aliás, muitos meninos não freqüentam o catecismo dominical que nem de longe pode substituir o efeito de uma escola católica. O diretor do grupo escolar, que se considera, muito religioso, leva em dois domingos da cada mês os meninos para o passeio sob pretexto de executar as obrigações dos “Pfadfinder” (escoteiros), (SVD, 1930, p. 13).

Este discurso, em prol da formação moral das crianças, segundo a ordem, era uma alternativa da civilidade pela religião, a qual vem confirmar a representação do que é ser civilizado. Esta deveria saber seu lugar nas relações sociais. Para a ordem, este processo de humanização aconteceria na interiorização das leis morais instituídas pelos preceitos fé.

Como citado o projeto inicialmente atendia especificamente à três escolas: aos pobres; aos meninos e outra para meninas. Esta origem no atendimento destas crianças segue uma linha, praticamente igual de todas as escolas confessionais estrangeiras que vieram para o Brasil e tinham um caráter privado “isto se concretizou na instalação de escolas adequadas

para tal fim, movimentando recursos humanos e financeiro de grande monta, trazendo para o Brasil congregações religiosas aptas para o trabalho educacional” (ZULIAN, 1998, p.92).

Um desses exemplos é o da missionária e professora americana Martha Watts, que veio para o Brasil em 1881 e instalou colégios protestantes femininos “Martha Watts, teve apoio da família de Prudente de Moraes e Manoel de Moraes, militantes do Partido Republicano da região” (SARAT, 2004, p.43). Com o intuito também de *civilizar* a população brasileira, trazer a palavra de Deus, salvar as almas, por meio da educação confessional.

Cabe assinalar, especificamente sobre a educação, as diferenças entre as confissões religiosas, como métodos, objetivos e conteúdos, que surgiram após a República. Neste contexto a expansão desses colégios privados, principalmente da Igreja Metodista introduziu técnicas educacionais mais avançadas, como o colégio de Marta Watts.

De maneira geral, constitui-se a linha mestra dessas confissões religiosas, de católicos e protestantes, à expansão de seus projetos, através da pastoral, a catequese, o ensino, a educação, o cuidado dos doentes, o desenvolvimento de programas de saúde, o apostolado social e a formação das pessoas. Construíram, em mutirão, suas escolas, suas capelas, tiveram seus professores e centros de formação, acompanharam seus imigrantes nas novas fronteiras agrícolas, produziram jornais, almanaques e criaram cooperativas, hospitais e maternidades. Mas, o fator preponderante dessas ordens era a criação de escolas, boa parte das vezes para atender a elite, embora também mantivessem instituições para atender a crianças pobres.

Não sendo diferente, a ordem missionária Servas do Espírito Santo, seguiu esta trajetória de atender a dois tipos de crianças: as escolas paroquiais para atender crianças e adolescentes carentes, mantida pelas senhoras do Apostolado da Oração. E os colégios oferecendo um atendimento às crianças mais abastadas, esta mantida com o recurso dos pais.

Neste período vigorava a idéia de que estas crianças e adolescentes necessitados seriam futuros delinquentes. Contudo, essa nova ordem, fez com que se evidenciasse o

trabalho preventivo e salutar, efetivando assim um trabalho social-institucional para esses meninos e meninas da escola paroquial, mesmo a despeito de dificuldades e contestações como mostrou o relato anterior do padre cronista.

Com relação às crianças abastadas há indícios, que inicialmente as irmãs atenderam ao público que as procurava com interesse em manter suas filhas no regime de internato. Nos registros mostram a dificuldade de alguns pais em manter suas filhas em caráter privado, bem como das irmãs aceitaram alunas carentes que moravam no colégio. Assim, não podendo afirmar com precisão as diferenças entre estes dois tipos atendimento, público e privado. Os documentos mostram que havia irmãs e também professoras leigas, com relação ao ensino de conteúdos disciplinas ensinadas e outras atividades deixam aqui de serem mencionadas por falta de registros sobre a Escola Paroquial. Verifica-se que posterior à década de 40, quando o colégio estava estruturado e a sociedade de Guarapuava um pouco mais organizada em torno da educação, percebe-se que a instituição pode contar com um número maior de discentes, filhos (as) de comerciantes, políticos, fazendeiros e imigrantes. Tornando-se assim, um colégio para a elite.

Outro apontamento se faz com relação à co-educação. Como descreveu o padre cronista, as irmãs inicialmente tiveram que atender meninos e meninas, as datas indicam 1912 e 1913. Em 1931 com o fechamento da Escola Paroquial e abertura do Colégio São José, as irmãs receberam alunos do 1º e 2º primário.

As reformas do ensino, realizado em 1942 pelo Ministro Gustavo Capanema, relatavam determinadas concepções em torno da educação feminina. A Lei Orgânica do Ensino Secundário inscrevia que a educação de mulheres deveria ser realizada em instituições exclusivamente femininas. Caso o estabelecimento de ensino também admitisse a frequência masculina, a educação deveria ocorrer em salas separadas, sempre que possível.

Estas discussões em torno das questões de gênero, a diferenciação da educação dos meninos e meninas, pelo conteúdo e tempo escolar, devendo também esta formação ser realizada em estabelecimentos separados, foram aspectos difundidos pelo projeto da educação da infância nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Aspectos que foram vislumbrados também pela ordem, mas por fator de necessidade, não houve restrições por parte das religiosas, em fazer conviver no interior da mesma sala, meninos e meninas. Acreditando que este fator, não interferiu tão seriamente nos objetivos da ordem, pois o intuito do projeto seria aquele que levaria a um ideário maior, de liderança, de formação para a sociedade local, garantindo assim, sua manutenção a gerações posteriores.

Assim, a escola foi percebida neste momento, como um espaço de preservação e formação ético e moral, valorizando posturas e ações corretas, através dos discursos oriundos das irmãs. Sobre esta questão Chartier (1988, p.17) discute que “as representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de que os utiliza”.

Neste sentido, é o modelo de formação ético e moral, que valoriza posturas e ações corretas, e ao mesmo, tempo condena tantas outras atitudes, vistas como bárbaras, primitivas ou incivilizadas. Este talvez seja mais um aspecto de possível confronto, exposto pela documentação, permitindo apontar as aproximações do que é *ser* civilizado. Tal análise se faz quando foi cogitada a invasão de índios/bugres na cidade. Este fato deu-se em 1923 e foi percebido assim pelas religiosas:

*1923 - Um drama fora do comum houve aqui em Guarapuava: no dia 07 de abril foi espalhada a notícia: ‘Os bugres’ estão chegando e querem tomar a cidade e saqueá-la” Na cidade inteira só se falava sobre os bugres. Houve sessão na Câmara para deliberar a respeito das medidas que deveriam ser tomadas, mas não se chegou a nenhuma conclusão, pois cada qual só pensava em salvar sua pele. Foram enviados*



*telegramas a Curitiba pedindo soldados e foram mandados homens para inspecionar se, de fato, os bugres estavam se aproximando da cidade. Os boatos foram aumentando: uns diziam que eles eram uns 300, outros, que chegam a 2000. No dia 08 à noite, ainda houve baile no clube. À uma hora chegou um mensageiro com notícia de que nessa noite chegariam os bugres, que estavam a apenas 3 léguas de distancia da cidade. Naturalmente acabou o baile. Foram enviadas pessoas para dar a notícia, de casa em casa. Alguns pais já vieram buscar suas filhas no Colégio. Ninguém dormiu nessa noite. A maioria dos moradores da cidade fugiu; uns para o mato, outros para Prudentópolis ou até Ponta Grossa. Os automóveis iam e vinham. Nós passamos a noite na capela, rezando e encomendando a Deus a nossa sorte. Às 11 horas chegou o Pe. Vigário com Pe. Paulo e disseram: “se, de fato, vierem os bugres, será tocado o sino na matriz; então, nós devemos ir, ou para Câmara ou para o Clube, e as duas casas serão defendidas”. Irmã Bonifácia e I. Lauda foram enviadas ao Hospital para buscar as três Irmãs. Nós nos pusemos a caminho e, dentro de meia hora, estávamos todas juntas no Colégio. Tínhamos resolvido sair da cidade, pois não havia segurança em nossas duas casas e não queríamos ver a matança. No dia seguinte, foi constatado que tudo era mentira. E que, em um lugar, distante apenas algumas léguas de Guarapuava, os bugres tinham matado alguns e saqueado casas de comércio, mas não tinham planos de vir até aqui. Assim, escapamos mais uma vez apenas com o susto, mas vivemos três dias de agonia (SSpS, 1923, p. 17).*

Em geral para as pessoas da época, os índios de alguma forma representavam no imaginário uma natureza diferente, ou seja, a cor da pele, os traços faciais, a espontaneidade nativa, dos costumes, os hábitos alimentares, de seus cantos, sua arte, seus ritos, seu viver nu, enfim seu meio ‘amoral’ e vivendo num ambiente desconhecido, falando uma língua incompreensível, configuram uma natureza próxima da animalesca.

Especificamente no Paraná onde a colonização realizada na maioria por imigrantes, a representação das tribos indígenas causavam temor e medo.

Em Guarapuava, as primeiras tribos encontradas eram os índios “caingangues, pertencentes ao grupo Jê ou Tapuia” (MARCONDES, 1998, p.38). Muitos dessas tribos da região conseguiram a despeito dos confrontos iniciais da colonização, resistir ao cativo e a catequização, fugindo para campos ainda não habitados.

Neste contexto, é importante esclarecer que foi ao longo do século XIX que as vilas adquiriram uma formação urbana, deixando de ser um complemento da vida rural. Tornaram-se centro de resolução de questões políticas e pólo de atração de populações, inclusive das fazendas. Diversificaram-se ali as atividades econômicas, conferindo uma dinâmica própria.

Este espaço de civilidade emergente propiciou um novo ordenamento do convívio, através da instauração da Justiça e a elaboração de códigos de posturas, regulando o cotidiano das pessoas, na tentativa de eliminar e renegar os inconvenientes, desordeiros e os bárbaros.

Estes aspectos ficaram evidenciados pelas crônicas das irmãs, mostrando como as entidades locais deste período em Guarapuava, ainda estavam se organizando. Os representantes locais aludem à ação civilizadora, devendo se impor com maior veemência pela vinda de soldados. Estes representam à ordem interna, a prevenção dos distúrbios civis, controladores das índoles, perverso-primitivas. Tais atitudes, não podiam chegar e/ou permanecer na sociedade. Assim sendo, as práticas disciplinares executadas pelo exército põe de manifesto outra face da dimensão do controle desses indivíduos. Por isso a necessidade da vigilância permanente, de disciplina, esta, viria pela representação das armas. Portanto, os soldados deveriam submeter os bugres, daí a necessidade, castigá-lo e/ou moralizá-lo, restituindo por estes meios à sociedade um homem novo, completamente mudado, enfim civilizado. Mas, sem muito efeito tal recurso, então caberia a estes indivíduos *incivilizados*, a morte.

Para Michel Foucault (1987) a representação do soldado no início do século XVII se descrevia como sendo a figura ideal. “O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu orgulho”.

E ainda continua:

*Na segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa informe, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, se prolonga, em silêncio, no automatismo dos hábitos; em resumo, foi ‘expulso o camponês’ e lhe foi dada a ‘fisionomia de soldado’.* (FOUCAULT, 1987, p.125)

Na teoria de Norbert Elias este processo de mudanças nas condutas dos soldados ocorreu de forma lenta, gradual a partir da integração e entrelaçamento das pessoas.

Elias ressalta ainda que o comportamento evoluiu daquilo que chamamos de incivil, ou seja, um processo de *vir a ser*. Neste sentido é perceptível esta mudança especial na classe cavaleiresca, que serviam de suporte militar à nobreza dirigente, que deixa aos poucos as manifestações de violência, para acrescente importância como mantenedora e espelho da nobreza e de seus códigos comportamentais, onde a honra, o amor e a fidelidade são os conceitos norteadores de suas vidas. Assim, o guerreiro se transformou em cortesão. Elias mostra que “foi um passo no caminho que finalmente levou ao nosso próprio molde afetivo e emocional – um passo na direção da ‘civilização’” (ELIAS, 1993, p.85).

Nesta linha de análise, é importante assinalar, em todas as sociedades esse processo de regulação acontece, mas de forma diferente. Estes apontamentos sobre “povos civilizados” e “povos primitivos” Norbert Elias (1994) afirma:

*A vida psíquica de povos “primitivos” não é menos historicamente (isto é, socialmente) marcada do que a dos povos “civilizados”, mesmo que os primeiros mal estejam conscientes de sua própria história. Não há um ponto zero na historicidade do desenvolvimento humano, da mesma forma que não há na sociedade, na interdependência social dos homens. Nos povos “primitivos” e “civilizados”, observam-se as mesmas proibições e restrições socialmente induzidas juntamente com suas equivalentes psíquicas, socialmente induzidas: ansiedades, prazer e aversão, desgosto e deleite. No mínimo, por conseguinte, não é muito claro o que se tem em vista quando o chamado padrão primitivo é oposto, como “natural” ao “civilizado”, como social e histórico. No que interessa às funções psíquicas do homem, processos naturais e históricos trabalham indissolúvelmente juntos (ELIAS, 1994, p. 162).*

Assim sendo, violência e civilização são processos que se complementam, são formas específicas de interdependência como ensina Gebara (2005, p.20) “A civilização dependerá do estágio de controle da violência, do monopólio dos impostos que permitem constituir uma força suficientemente efetiva para impor a pacificação interna”.

Em linhas gerais pode-se então, afirmar que os processos de humanização são analisados a partir da relação entre grupos, tendo em vista as forças que cada um constitui, ou seja, grupos com diferenciais de poder. No estudo, proposto, percebe-se mais uma vez a identificação entre grupos, como nesta passagem:

*1925 - No dia 03 de maio aqui em Guarapuava, houve a 1ª Comunhão dos soldados, os quais, por causa da Revolução, encontram-se aqui em grande número. Todas as crianças da cidade, as Filhas de Maria, enfim todos os paroquianos foram convidados. As irmãs enfeitaram a igreja do melhor modo possível, com a ajuda dos soldados. Durante a Santa Missa, estes entoaram bonitos cânticos, ao som da banda de música e, durante a Comunhão, cantamos nós, Irmã (SSpS, 1925, 22).*

Pelo olhar das irmãs, mesmo sendo estrangeiras, os soldados, faziam parte do grupo de *fora*, aqui entendido, como portadores também de atitudes primitivas, pois mesmo controlando a violência, mantendo a ordem na sociedade, os militares não eram regidos nos preceitos de fé, requisito imprescindível de civilidade nas relações com as religiosas. Sendo assim, foi preciso civilizar os soldados nas condutas cristãs. Sobre esta questão nas relações de poder Gebara aponta:

*Nesta relação de poder o afloramento de tensões é permanente, provavelmente porque aceitar-se como **eles** implica em posição secundária no acesso às fontes de poder. Pensar conjuntamente o **eu**, o **nós** e o **eles** constitui o grande desafio sociológico, especialmente por termos aqui uma relação entre grupos com diferenciais de poder acentuados (GEBARA, 2005, p.23).*

Nestas tensões preponderam valores entre os indivíduos, configurando a unidade de forças, ou seja, medo por um lado e a civilidade de outro, tornando os indivíduos entrincheirados. O medo de perder os bens materiais e/ou pessoais, o sofrimento, a morte,

misturam-se ao mesmo tempo, aos desejos, esperanças daí resultantes. Estes valores mexem com o imaginário dos indivíduos, afetam a vida social. “Não raros, os valores que representam a essência daquilo que dá finalidade e sentido à vida contribuem para a constante renovação de tendências destruidoras da vida e do sentido, as quais, por sua vez, reforçam os valores de defesa contra essas ameaças” (ELIAS, 1994, p.73).

Assim, foi com a Revolução de Isidoro Lopes em 1924. Este movimento militar revolucionário conhecido como Tenentismo, iniciado em 05 de julho, em São Paulo na capital, rapidamente se espalhou pelo interior do Estado de São Paulo chegando ao Oeste do Paraná. O objetivo era derrubar o governo do Presidente Artur Bernardes. Este conflito chegou a Guarapuava, sob o comando do general Candido da Silva Rondon, onde a cidade serviu como centro da organização de frente de luta contra os revolucionários.

Eram muitos os soldados feridos que procuraram ajuda no hospital. Sem muitas condições para atender mais soldados, no prédio do Clube Guaíra foi instalado um segundo hospital. Nas duas casas das Irmãs cuidaram dos internados.

*1924 - No mês de julho, rebentou uma Revolução em São Paulo. Como, depois de diversos combates, os revolucionários tiveram que se entregar, pensaram eles em penetrar no Paraná através do Rio Paraná, indo até Foz do Iguaçu. Os adversários, porém, em contrapartida, reuniram soldados em todo o Brasil e enviaram-nos para deter os revolucionários. Nos meses de outubro e novembro a cidade de Guarapuava ficou cheia de soldados. Esgotados pela longa marcha, com a mochila nas costas, muitos caíram doentes e o hospital logo ficou cheio. Mais ajuda tornou-se necessária e a boa Irmã Bonifácia foi enviada para lá. Até meados de dezembro, foram atendidos mais de 300 soldados. Agora, não há mais soldados na cidade de Guarapuava, porque todos foram para o “front”. Vários combates foram travados entre nossa cidade e Foz de Iguaçu e o Governo viu a necessidade de se abrir mais um hospital. Assim, o Clube Guaíra foi transformado em lazareto e os oficiais e os médicos pediram a Irmã Justitia para assumir a enfermagem. Como o Colégio já estava fechado por causa dos acontecimentos, Irmã Justitia aceitou. Com rapidez, foi feito o Retiro Espiritual. Irmã Eduardine e Bonifácia ficaram no hospital, para cuidar dos doentes. Depois do Retiro, Irmã Justitia com Irmã Theogaris e Irmã Raphaelis foram para o hospital novo, onde já havia diversos soldados feridos. Permita Deus que se acalmem os ânimos dos revolucionários, mas parece que ainda não há probabilidade de que isto aconteça (SSpS, 1924, p. 20).*

Durante este tempo duas delas, I. Justitia e I. Theogaris foram contagiadas por tifo e faleceram. I. Justitia faleceu 30/01 e I. Theogaris 04/02/1925. Como conta a cronista:

*1925 - A boa I. Justitia trabalhou só 8 dias na escola e caiu doente, em febre. Pensávamos nós e também ela que fosse cansaço, causado por excesso de trabalho, esperando que ela se recuperasse depois de alguns dias de descanso. Entretanto, como a febre continuasse, chamamos o médico, que constatou que ela estava com tifo e deveria ser logo hospitalizada. Nesse meio tempo, também a I. Theogaris adoecera em febre. Tínhamos inevitavelmente que nos curvar diante da realidade, levando a I. Superiora e a I. Theogaris para o hospital, onde ficaram internadas. (...) Como não se verificasse melhoras no estado das duas enfermeiras, cuidamos que lhes fosse ministrada a Unção dos Enfermos [...] Às 10h30, ela (I. Justitia) adormeceu calma e silenciosamente, entregando ao Divino Esposo sua piedosa alma, rica em virtudes. O corpo ficou sendo velado em um quarto. [...] O enterro foi realizado no outro dia às 17h [...]. Encontravam-se também diversos soldados, alguns dos quais, certamente, tinham sido tratados por ela. Os soldados consideravam uma honra carregar o caixão e se revezavam a cada momento. [...] Enquanto isso I. Theogaris continuava com febre. [...] às 05h30, hora em que adormeceu calmamente, entregando sua alma a Deus. [...] O enterro foi realizado no mesmo dia, por causa do perigo de contágio, e transcorreu da mesma forma que o da Irmã Superiora. I. Theogaris foi sempre uma querida Irmã, uma boa e fiel religiosa. [...] Era muito alegre no recreio e sabia, às vezes, divertir as co-irmãs. Por causa da Revolução e da morte de nossas duas Irmãs, temos, neste ano, poucas alunas no Colégio. Agora, vinte ou trinta e só uma interna (SSpS, 1925, p. 21).*

Esta indicação mostra que os rituais fúnebres adquiriram uma representação singular, por constituir-se em uma amostra da importância que as irmãs detinham no período, e podem ser percebidos como práticas carregadas de simbolismos, presentes no cotidiano da cidade, com o patamar da representação da escola católica naquele momento.

*1925 - Graças a Deus, a Revolução terminou e a maioria dos soldados foi embora. Como, aos tratá-los, morreram nossas duas Irmãs, I. Superiora Justitia e I. Theogaris, e tivemos muito prejuízo, o Governo nos concedeu uma indenização de 1.200,000. Deus é sempre bom (SSpS, 1925, p. 23).*

A representação pode ser interpretada como uma “imagem presente” de um “objeto ausente”, ou seja, os grupos sociais que a criam, descrevem a sociedade como a entendem ou como gostariam que fosse, ou ainda, nas palavras do próprio Chartier (1990 p. 19-21). “Todas elas [as representações] têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe”.

No final do ano seguinte, dia 22 de novembro, a cidade foi invadida inesperadamente pelos revolucionários.

*1926 - Uma de nossas alunas chegou correndo e exclamando: “os revolucionários estão na cidade!”. A princípio, não queríamos acreditar, mas logo vimos que era verdade. Nos edifícios públicos estavam ao “vermelhos” com espingarda e percorriam a cidade inteira com seus autos. Era grande o alvoroço na cidade. No primeiro dia nada fizeram, mas no segundo dia começaram a roubar. Saquearam as maiores casa comerciais e, no Banco, roubaram 35 contos de réis. No outro dia, planejaram assaltar as casas de família. Queriam dinheiro e mulheres, mas, por felicidade, as tropas legalistas puseram-se a caminho. Quando os revolucionários ouviram isto, desapareceram. Nós fizemos adoração do Santíssimo a noite inteira e, com suplica e orações insistentes, pedimos ao Senhor que poupasse a cidade e a nós mesmas. Os revolucionários invadiram as fazendas e mataram muitas pessoas. Por causa dos revolucionários, as alunas não puderam vir ao colégio, por isto não houve exames orais. Apenas os escritos foram realizados. [...] quando voltou a calma, depois da invasão dos bandidos, Irmã Lauda e Irmã Adalbertis foram embora. Esta última para Ponta Grossa (SSpS, 1926, p. 24).*

Quatro anos mais tarde, outro fato vem marcar a passagem da ordem. O novo governo, liderado por Getúlio Vargas, instaurado pelo Golpe de Estado, em 1930, imprimiu uma nova relação ente Estado e Sociedade. Inferiu em vários setores, mudando-os consideravelmente propostas como: voto secreto; o código da justiça eleitoral; criou o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e o Ministério da Educação e Saúde, foram algumas das realizações de Vargas. Contudo, há que atentar pelos relatos, como esta nova proposta, se mostra no

imaginário das irmãs e os padres da ordem, apontando um olhar diferenciado para este governo.

*1930 - Em outubro, novamente houve uma Revolução no País, felizmente sem derramamento de sangue, pelo menos aqui em Guarapuava, será que o novo Governo será melhor? Assim esperamos (SSpS, 1930, p. 28).*

Mais enfáticos os padres da congregação também relataram:

*1930 - Uma coisa, já muita esperada e desejada, aconteceu: em 3/10 rebentou a revolução no Norte, no Sul e Minas Gerais. As causas procurem-se numa administração ruim e imoral, no roubo ilimitado de dinheiro público. Assim, se exigem sempre novos impostos, surgem crises financeiras e econômicas, aumenta a insatisfação do povo, que se mostrou claramente no mês de maio na eleição do Presidente. Uma grande maioria votou a favor do candidato da oposição. Quando na apuração surgiram muitos casos de fraude a favor do candidato do governo, a raiva do povo não conhecia mais limites. Os jornais da oposição exigiram abertamente a revolução, que já estava sendo preparada clandestinamente, finalmente rebentou na data supra citada. Dr. Getúlio Vargas, Presidente do Rio Grande do Sul, dirigiu tudo na oposição. Em todos os lugares foi recebido pelo povo com grande entusiasmo e acompanhado por milhares de voluntários que se uniram ao exército revolucionário. Assim venceu em pouco tempo à revolução e foi deposto o Presidente da União. Com a vitória da Revolução terminou tudo em 25/10. Felizmente aconteceu tudo quase em todos os lugares de uma maneira bastante tranqüila. Aqui em Guarapuava houve no começo ameaças terríveis, mas tudo passou com certa tranqüilidade, excluindo umas passeatas e discursos ameaçadores. A direção Municipal ficou nas mãos do Cel. Antonio Villaça como comandante da Praça e de Augusto Gomes como Prefeito. Para nós sacerdotes houve uma pequena dissonância: o Prefeito deposto, como católico praticamente, tratou os padres e a religião sempre como benevolência; os novos donos da situação mostraram o contrário, sendo eles sem religião, ateus ou espíritas. Já no primeiro dia saiu um edito, que nos proibiu fazer o casamento religioso sem licença prévia. Nós, porém não observamos este aviso, porque está garantida a liberdade religiosa pela lei (SVD, 1930, 15).*

Nesta linha de análise, da ordem Hisdorf (2003) escreve:

*A Igreja Católica do governo revolucionário solicitou não apenas o direito de ministrar aulas de religião nas escolas públicas, mas uma posição explicitamente contrária ao “estado neutro” da oligarquia, ou seja, a instituição do Estado Católico,*



*do estado teocrático. Em vista dessa movimentação é que podemos compreender a aprovação dos três pontos de pauta da agenda católica na Constituição de 1934: o casamento indissolúvel, o ensino religioso e a assistência religiosa às forças armadas. Em troca do seu apoio ao novo governo, a Igreja assumia a organização de obras sociais e se oferecia como mediadora na interlocução dos revolucionários com a sociedade brasileira (HISDORF, 2003, p.99).*

Estes debates surgem pela oportunidade que católicos e liberais, tinham em oferecer sugestões à nova Constituição de 1934, sendo que cada um dos grupos gostaria de ver suas idéias aceitas e divulgadas naquele documento. É importante destacar, que neste período das décadas de 30 e 40, o Governo procurou formular as linhas gerais de um plano nacional de educação, cuja execução seria coordenada pelo Ministério da Educação. Assim, este estabelecimento de novas ordens, ocasionou avanços, através de práticas pedagógicas renovadas no desenvolvimento das ações de escolarização. Sendo a Escola Nova a pedagogia adequada para promover tal desenvolvimento. Diante disso, um dos enfrentamentos, foi com relação à formação de professores:

*1937 - O decreto escolar que declara que só brasileiros natos poderiam lecionar e somente aqueles que portassem um diploma estadual. Este é um fato transtornante e embaraçoso para nós. Poucas irmãs entre nós possuíam um diploma de Escola Normal e, além disso, a naturalização, nesta época era irrealizável (SSpS, 1937, p. 34).*

Nesta linha de percepção, as religiosas da ordem, tiveram que adaptar-se as novas regras em que a situação social e política exigia, pois tanto as escolas privadas como públicas, passaram a sofrer à fiscalizações do Governo.

*1938 - Por causa das novas leis, tivemos que contratar uma professora com registro competente [...] No dia 15 de setembro realizou-se uma inspeção escolar que foi muito favorável a nós. O inspetor foi o Sr. Fugi, de Curitiba. No fim de outubro iniciaram-se os exames escritos e, no dia 15 de novembro, os orais (SSpS, 1938, p. 36).*

A despeito de todas as dificuldades que as missionárias encontraram, novas conquistas vieram. Conquistas rememoradas por D. Mercedes em sua trajetória educacional, vestígios desse modelo educacional religioso.

### III AS SERVAS DO ESPÍRITO SANTO: EDUCAÇÃO E CIVILIDADE

*A Irmã Hildegondes foi embora. Eu estava acho que no segundo ano parece, é eu fiquei dois anos com ela como superiora, era uma santa! Era uma santidade! Ela me queria tão bem, não esqueço até hoje daquela mulher! (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Não menos que as demais escolas, o colégio católico, administrado pelas irmãs, visou os fins culturais e a formação humana de crianças e jovens do período em que estiveram em Guarapuava. Suas representações deram indicativos de desdobramento da personalidade, uma *segunda natureza*.

*A escola católica, ao mesmo tempo que se abre como deve às condições de progresso da nova era, educa seus alunos para que desenvolvam com eficiência o bem estar da cidade terrestre, preparando-os igualmente para o de expansão do Reino de Deus, a fim de tornarem-se como que fermento salutar da comunidade humana, pelo exercício de uma vida exemplar e apostólica (COMPÊDIO VATICANO II, 1968, p.590).*

Pelo exemplo as irmãs buscavam no seu fazer cotidiano possibilitar e estabelecer representações que deram sentidos aos saberes escolares produzidos no colégio. Assim, neste espaço escolar, estabeleceram-se relações que ajudaram a produzir uma cultura escolar, expandida pela sociedade, em vários aspectos como: desfiles cívicos, procissões, exposições de trabalhos manuais, entre outros.

As influências dessas ações empreendidas pelas religiosas, realizada por apropriações de conhecimentos como ensina Chartier (1991, p.180) “à apropriação, ao nosso ver, visa uma história social dos usos e das interpretações, referidos a suas determinações fundamentais e

inscritas nas práticas específicas que a produzem”. Apropriações como demonstra D. Mercedes em suas relações com as professoras religiosas.

### **Educação e Religiosidade: as freiras professoras/leigas e suas formas de instruir e civilizar**

*Era um colégio muito bom, era cobrado... As professoras eram muito capacitadas, porque antigamente era diferente o ensino (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Desde o início de seus trabalhos as religiosas proporcionaram aos pais, familiares, bem como a comunidade local, a cultura da escola, a sua forma constitutiva, na construção dos saberes pedagógicos, veiculando dessa forma, representações acerca dos conteúdos do ensino e da metodologia utilizada. Como indica esta passagem:

*1914 - No dia 26 de novembro, encerrou-se o ano escolar, depois de realizados os exames. Como nos anos anteriores, esteve presente o Sr. Inspetor. Tudo correu bem. No dia 28 de novembro houve a primeira festa escolar, pois neste ano dispúnhamos de mais espaço. Foi muito modesta e durou apenas duas horas, das 03h às 05h. O programa executado foi o seguinte:*

*Marcha chinesa – Piano;  
Saudação – poesia;  
Sonatina – piano;  
Duas colegiais – diálogo;  
Marcha triunfal – piano;  
Quando eu for grande – monólogo;  
Valsa – piano;  
O copo da vovó – comédia;  
Chez le grand père – piano;  
O segredo de Margarida – monólogo;  
Fleurs italiennses - piano;  
Distribuição de prêmios;  
Sonatina – piano; (SSpS, 1914, p. 05)*

Estas atividades diversificadas ganharam força a medida que foram apresentados aquela sociedade. Entendida naquele momento, a escola das irmãs foi transmissora de conhecimentos úteis, e também responsáveis pela formação de bons hábitos e de bons comportamentos nas crianças. O projeto, com vistas a civilizar, refinar e moralizar as crianças e, por extensão, suas famílias, se configurou em ações de orientar e intervir atos, estes, sendo percebidos, como código mais apropriado para a vida social. “A mudança é o desenvolvimento de uma forma que se ajusta a nosso padrão avançado de delicadeza e da situação específica em que a atual vida social coloca no indivíduo” (ELIAS, 1994, p. 167).

Compreender estas mudanças demanda percepção de como a pessoa vê a própria realidade e as relações estabelecidas em seu cotidiano. Essa percepção vai sendo construída no convívio social, determinada pelas experiências vividas nos grupos do qual o indivíduo faz parte.

*Irmã Sabínia, em matemática, minha filha do céu! Mas era uma sumidade, essa irmã Sabínia, era bem miudinha, narizinho afinadinho assim, bem vermelhinho. Lembro-me, parece que a estou vendo. Mas na matemática, era espetacular ensinava matemática, geometria e desenhos. Verônia, essa era do teatro. A Animata também, que eu te falei, era superiora e ensaiava os teatros conosco. Mas como eu era casada, elas me convidaram para participar dos teatros, porque eu tinha muita facilidade em decorar, e Graças a Deus, eu tinha jeito para aquilo. Veja você, hoje estou com 72 anos e vou falar no microfone, sabemos que isto é dom de Deus. Então, gostava muito de recitar poesia, era uma poesia comprida que tinha que decorar. Lembro-me uma vez eu decorei uma poesia, acho que de umas quatro páginas assim, era o Beijo do Papai, tinha que decorar e fazer os gestos. Então todas essas coisas elas me pegavam para fazer. Por isso que eu guardo muito essas lembranças, porque foi muito gratificante pra mim foi muito bom (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

As indicativas mostram as práticas utilizadas pelas irmãs na construção dos conhecimentos pedagógicos. As ações de repetir, exercitar, memorizar e imprimir hábitos, foram preceitos inscritos na infância daqueles que no colégio estudaram. A infância é período que as aprendizagens acontecem, pois quando é nesta fase que a criança participa da construção social, cultural e histórica do seu grupo, ou seja, também nos momentos vividos pelas crianças juntamente com os adultos. Dessa forma, as mudanças são percebidas por elas, com a intermediação do adulto e da família, e tais relações construídas pelos pequenos desde a infância podem marcar significativamente a visão destes adultos imprimindo determinadas concepções sobre a realidade.

Neste processo, a família tem um papel fundamental, pois é a primeira organização social do qual a criança faz parte e a segunda seria a escola. Assim, neste período a criança aprende de acordo com as normas do grupo de convívio, adquirindo o ampliando o conhecimento necessário para viver e conviver socialmente. Entende-se que todo esse conhecimento aprendido esteve acumulando e por longos séculos se tornou referencia internalizada e parte da sua natureza, conforme Elias aponta:

*As crianças têm no espaço de alguns anos que atingir o nível avançado de vergonha e nojo que demorou séculos para se desenvolver. A vida instintiva delas tem que ser rapidamente submetida ao controle rigoroso e modelagem específica que dão à nossa sociedade seu caráter e que se formou na lentidão dos séculos. Nisto os pais são apenas os instrumentos, amiúde inadequados, os agentes primários de condicionamento. Através deles e de milhares de outros instrumentos, é sempre a sociedade como um todo, todo o conjunto de seres humanos, que exerce pressão sobre a nova geração, levando-os mais perfeitamente, ou menos, para seus fins (ELIAS, 1994, p.145).*

Desta forma, os pais bem como as religiosas atuaram juntamente na formação de valores e padrões e regras. Porém, sabedores que a criança está sujeita ao adulto. Esta

submissão aparente, no entanto, não se dá de forma passiva, pois no estabelecimento dos comportamentos desejados existe um poder relacional que traz tensões nas experiências de adultos e crianças. Sendo assim, é possível também questionar acerca da existência, ou não, de uma apropriação de poder, por parte do adulto, no intuito de controlar as crianças, suas emoções, sua disciplina e a organização de comportamentos considerados responsáveis e melhor aceitos coletivamente.

*Pela ameaça do tom, a criança é levada a associar essa situação a perigo. Quanto mais padrão “natural” de delicadeza e vergonha parece aos adultos e quanto mais o controle civilizado de ânsias instintivas é aceito como natural, mais incompreensível se torna para os adultos que as crianças não sintam “por natureza” esta delicadeza e vergonha. Necessariamente as crianças tocam repetidamente o patamar adulto de embaraço e – uma vez que não estão ainda adaptadas – transgridem os tabus da sociedade, cruzam o patamar de vergonha, e penetram em zonas de perigos emocionais que o próprio adulto só com dificuldade consegue controlar (ELIAS, 1994, p.168).*

Desse modo, a inserção da criança e/ou seu controle, passa a constituir uma tarefa e poder da família, ora feita pela sociedade num processo mais amplo, ora realizada pela família dentro dos padrões de privacidade. Assim, o contato da criança com as experiências do mundo adulto, em que participa e vivencia atividades, seus padrões de conduta, irão sendo paulatinamente mudados na medida em que se criam laços mais estreitos neste tempo. Caminhando assim em direção a mudança. Mudança que se dá com as relações que mantém, com a família, amigos, vizinhos, igreja e escola que entrelaçados indicam modelos a serem internalizados. Sem esquecer que a criança está impressa no processo, dando equilíbrio na balança de poder, que ora pende para adulto, ora pende para a criança, sem este equilíbrio nas relações teríamos crianças/adultos que pensam e agem da mesma forma.

## As festas escolares

A escola confessional das Servas do Espírito Santo tornou-se forte, enquanto espaço social que movimentou muitos esforços das famílias para a contribuição educacional de suas crianças. Assim sendo, os dois grupos, pais e religiosas em suas relações com a criança, possibilitaram algumas definições, marcando espaços, orientando caminhos, fundamentando valores, comportamentos, estabelecendo assim, as normas a serem obedecidas e seguidas nas relações entre as pessoas e a sociedade.

*1926 - No dia 16 de outubro festejamos, juntam, ente com as alunas, o onomástico de nossa boa Irmã Superiora Gerarda. As alunas recitaram poesias, cantaram e ofereceram a Irmã Superiora um presente: cortinas novas para a Capela. A tarde, houve uma competição esportiva. As meninas passaram um dia muito alegre e Irmã Superiora foi quem mais sentiu-se satisfeita com a alegria delas (SSpS, 1926, p.24).*

*1931 - Externas, são mais de 100 e, na Escola Paroquial, 136. Em abril, o Grêmio de nossas alunas apresentou uma peça de teatro e os pais foram convidados.As meninas representaram muito bem e os pais ficaram muito envaidecidos com talento de suas filhas (SSpS, 1931, p. 28).*

*1938 - Na véspera da Festa de Todos os Santos tiveram lugar as celebrações de fim de ano com um teatrinho, a apresentação de duas peças “ A Borboleta Negra” e “A herança da Tia Joaquina” entre os quais, foram executadas cançonetas e, no final, um bonito bailado (SSpS, 1938,p.37).*

Portanto, a escolha de muitas famílias pelo colégio Belém, e não pela escola pública existente na cidade, representava a concepção de que a formação moral oferecida pelas religiosas não poderia jamais ser comparada à formação leiga, que era julgada por muitos, como sendo menos rígida o “Argumento social, de que algo é melhor [...] é sem dúvida o mais importante” (ELIAS, p. 1994, 121).



Neste universo, as religiosas ofertaram as famílias um modelo de educação, num espaço, em que entrelaçaram: religião, poesia, geografia, português, matemática, música, pintura, trabalhos manuais, literatura, arte, festas e ritos. Elementos aliados na construção de referências como: responsabilidade, honestidade e bondade. E que para muitos pais estes aspectos seriam fundamentais para uma boa educação. A importância da escola para as famílias, tornou-se perceptível, valorizando o ensino e a formação escolar de seus filhos.

O caminho desta educação que as irmãs trouxeram também passava pela solidariedade. Este era divulgado pela existência de campanhas pelas missões. Assim, os envolvidos no colégio, principalmente as alunas desenvolviam ações para arrecadar fundos para as missões dos *Verbitas*.

*Geralmente nesse tempo, fim de outubro por causa das missões, às vezes comecinho de novembro elas organizavam. Era um cenário, e essa irmã Verônia, você precisava vê que maravilha. Então aquela parte última do colégio lá em cima, ali era um salão grande, ali era pintado, bem arrumadinho, limpinho, então ali que ela pintava os cenários. Era uma coisa como se fosse uma realidade desses teatros..O palco do teatro era pequeno, não era um espaço tão grande. Nós apresentávamos Branca de Neve e os Sete Anões, apresentava Isabel de Turin que era da Itália, a vida dela, apresentava uma que eu também trabalhei, Miquelina Jovem Cigana. Então todo ano tinha. Lembra-me um, que eu participei também, esse eu não era casada ainda, estava nos últimos anos, acho que até eu tava no ginásio já, Mirian. Mirian! Foi passado na Itália sabe, com o rio Tibre, era lindo... Perseguição dos cristãos, coisa linda! Não sei como que elas tinham aquelas peças para elaborar e apresentar. [...] Me lembro uma vez eu decorei uma poesia, acho que de umas quatro páginas: Era o Beijo do Papai, tinha que decorar e fazer os gestos. Então todas essas coisas elas me escolhiam para fazer (D. Mercedes, 72 Anos).*

Concepções valorizadas pela igreja, os teatros trazem a representação de modernidade. Tais representações simbólicas dessas festas delinearam um eufórico período de valorização da arte, das regras de etiqueta, da literatura, dos clássicos da língua francesa, como comparação de notório alcance cultural, ao mesmo tempo apresentava lições de moralidade. Acredita-se que este modelo estrangeiro representava no período, como sendo superior à educação leiga, que as crianças brasileiras recebiam. Provavelmente este modelo evocado inscrevia uma criança civilizada, esta criança, deveria conhecer seu lugar em suas relações sociais. Assim, era necessário que a criança tivesse acesso a toda forma de aprendizado. Portanto, seu lugar na sociedade só viria depois que estivesse preparada por comportamentos adequados.



**Figura 5** – Alunas e ex-alunas do Colégio Nossa Senhora do Belém. Participantes de uma peça de teatro em favor das Missões (Outubro de 1947). Nome da peça: “Miquelina a jovem cigana”, sendo a personagem principal Mercedes Loures (segunda sentada da esquerda para direita).  
Fonte: Arquivo pessoal da Sra. Mercedes.

Estas peças de teatros trazidas na sua grande maioria da Europa também auxiliaram as irmãs a expandir a missão, através de vendas simbólicas de ingressos.

*1939 - O mês de maio, neste ano, foi solenemente celebrado. No dia 29, fizemos uma pequena festa escolar em benefício das Missões e da Pia União. Rendeu 400\$000. Foi apresentada a peça “Joãozinho e Margaridinha” e mais algumas coisinhas. Nós havíamos planejado apenas uma festinha, mas, para nossa surpresa, o grande salão ficou repleto, com todos os lugares ocupados, de modo que, com a pequena entrada de 1\$000, conseguimos 500\$000 para as Missões (SSpS, 1939, p. 37).*

Assim, nos anos que se sucederam às apresentações, foram tornando-se uma prática e a sociedade cada vez mais participava desses momentos. O montante adquirido pelas religiosas era investido em reparos, construção da casa e do colégio. Como conta a cronista nesta passagem:

*1948 - No fim do ano, organizamos uma festa em benefício das Missões. Junto com as barraquinhas, foi conseguido o lucro de 6.000,00, que ultrapassou nossas expectativas. Os comestíveis foram todos doados, de modo que não houve despesas para nós. Mandamos três contos de réis para São Paulo e três para Ponta Grossa. Nossas alunas se esforçaram muito. Também o teatro foi muito bonito e uma compensação por todos os esforços e trabalhos que a festa trouxe consigo (SSpS, 1948, p. 49).*

Este auxílio, como o excerto indica, mostra como o trabalho das irmãs tiveram aceitação da população de Guarapuava, visto que, os colégios de São Paulo e de Ponta Grossa, datam de fundações anteriores. A despeito de inúmeras dificuldades, conseguiram em suas ações demonstrar manifestações de prestígio, para o restante da ordem no Brasil. Confirmando assim, que os projetos de civilidade que as religiosas preescreveram foram

conformados por uma grande parcela daquela sociedade, como melhor padrão a ser oferecido às crianças e jovens.

### **Os modos de comportamento**

A percepção por um padrão de comportamento, aos poucos, foi sendo percebida pelos indivíduos. Desde os primórdios da fundação, as religiosas indicavam a existência de um padrão para a infância. Este baseado em normas de conduta inscritas pelas aulas de etiqueta. Segundo Norbert Elias (1994, p.95) a civilidade ganhou um alicerce, a Igreja, como um dos mais importantes órgãos da difusão de estilos de comportamentos. Através de livros, muitos instrumentos diretos de “condicionamento ou modelação” foram utilizados para estruturar muitas situações de convívio na sociedade. Esta questão é verificada neste trecho das crônicas:

*1902 - A respeito da aula de Boas Maneiras, comunico a V. Revm<sup>o</sup>. o seguinte: O Revm<sup>o</sup> mandou 4 livros para aula de Boas Maneiras. Irmã Raphaela escolheu dois deles para suas aulas: 1) Cortesia – uma edição de 1899 (vinte conferências dadas aos alunos do Konvikt episcopal de Luxemburgo por J. Bern. Krier, Diretor). 2) O Bom Tom – de Sophie Christ, uma edição de 1901. Ambos são livros bonitos e cristãos (Ir. JOSEPHA, Steyl, 29/07/1902).*

Assim, conviver e viver em sociedade exige um padrão civilizado, onde envolve um alto grau da transformação das emoções, estas, condicionadas para se tornarem hábitos. Portanto, ao internalizar na criança experiências e situações presenciadas no cotidiano, estas aprendizagens promoveriam posteriormente sua inserção social.

Aspectos como a disciplina, regras e controle nas condutas, foram procedimentos considerados pela ordem, concepção de educação, que o colégio adotou para a formação dos indivíduos que ali estavam. Uma dessas conformações seria a excelência em comportamento, demonstrado pelas alunas, a qual possibilitava passeios de final de semana. Sendo assim, a saída das alunas, representava o sinônimo de *comportamento ideal*.

*O ensino no meu tempo era muito rigoroso e puxado. Você tinha que se esforçar no comportamento e na aplicação, porém o comportamento não tinha nada a ver com as matérias. Quanto à aplicação, logicamente você teria que estudar muito bem todas as matérias para alcançar a nota máxima. Quanto a mim Graças a Deus, tive muito gosto para o estudo, sempre me esforcei em ter notas boas. Em comportamento e aplicação toda vida eu tinha 10. [...] Dois domingos por mês, os pais deixavam a ordem, para sair. Logo que terminava a missa, naquele tempo era às dez horas a missa, terminava às onze horas. Então minhas amigas vinham por convite nosso na minha casa. Eu morava na outra casa na rua Capitão Rocha, elas almoçavam, passavam a tarde conosco. Quando era cinco horas minha mãe ia junto, com a gente levá-las, ao colégio. Aquelas que tinham licença de sair junto as pessoas que eram responsáveis por elas, podiam até ir aos domingos numa festinha ou aniversário. Um detalhe teria que comportar-se muito bem no colégio para que merecessem estas regalias. [...] Então a irmã deixava, “podem ir à festinha, venha mais cedo” (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Estas saídas como indicação de comportamento adequado, exigido, junto as suas famílias, eram momentos não só de lazer, mas também no fortalecimento dos laços por meio de tradições. Referente às questões religiosas, as crianças participavam dos rituais com os adultos, assim percebendo neste espaço envolto pelos: sacramentos, o louvor, os cantos, as leituras, os discursos, pela adoração de imagens, a confraternização entre as famílias e a coleta de verbas para a manutenção deste espaço. Assim sendo, todas as ações vivenciadas neste

lugar sagrado para a família, representavam à manutenção cultural e tradicional desses grupos.

A obrigação de participar da igreja está associada à obediência de um comportamento exigido para aquele espaço, o qual também tinha uma etiqueta a ser respeitada e esta era imposta pelos pais. Compreende-se que as crianças não se contentam com tais explicações místicas de respeito ao religioso, pois têm dificuldade em obedecer a padrões comportamentais, que não eram satisfatoriamente explicáveis pelos adultos. Controlar as ações dos filhos, pela disciplina do corpo, da fala, do tempo, eram aspectos fundamentais que representavam boa civilidade para este espaço. Assim, exigia-se um acompanhamento e uma participação das atividades religiosas, era obrigação, sob pena de sanções posteriores.

*O controle mais rigoroso de impulsos e emoções é inicialmente imposto por elementos de alta categoria social aos seus inferiores ou, no máximo, aos seus socialmente iguais. Só relativamente mais tarde, quando a classe burguesa, compreendendo um maior número de pares sociais, torna-se a classe superior, governante, é que a família vem ser a única - ou, para ser mais exata, a principal e dominante - instituição com função de instalar controle de impulsos. Só então a dependência social da criança face aos pais torna-se particularmente importante como alavanca para a regulação e modelagem socialmente requeridas dos impulsos e das emoções (ELIAS, 1994, p.142).*

Para Relinda Kohler, estas relações da sociedade guarapuavana com a escola/igreja, foram percebidas assim:

*Ouvia o sino tocando a 15 minutos avisando quanto tempo faltava para a missa começar. O som do sino dava alegria, apressava o coração, dava vontade de chegar [...]A entrada pela porta principal, as meninas na frente, para a direita, os meninos para a esquerda, o pais para este mesmo lado numa das primeiras filas dos grandes. As famílias eram separadas dentro da igreja (KOHLER, 2006, p.498).*

Portanto, estas atividades de alguma forma simbolizavam a escola. Este espaço religioso freqüentado pelos alunos do colégio, também indicaram outras exigências como o zelo e o recato. Estas percebidas pelo uso de vestimentas adequadas, as quais representavam a instituição.

### **Formas de mostrar-se: o uniforme escolar**

*Era blusa branca, saia pregueada azul marinho, minha preta comprida, sapatinho preto, a blusinha branca com essa gravata, e uma boina, [...] tinha um casaquinho quando estava frio, você punha o casaquinho. O uniforme era assim! (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Para Chornobai (1998, p.92) “independentemente do fato de a escola ser religiosa, a utilização do uniforme sempre representa, além de um caráter prático, uma forma de padronizar comportamentos e até mesmo modelos de conduta [...] daí a preocupação das instituições de ensino em controlar a utilização deste ‘símbolo’.

Neste sentido, o uniforme da escola agrega significados, para quem o utiliza, tendo o poder de sintetizá-lo, lembrá-lo mesmo da escola estando distanciado. Nas palavras de Chartier (1996, p.84) esta concepção indica: “A representação é aqui tomada como indício, signo ou sinal que funciona como manifestação de algo representado que não precisa diretamente ser comprovado, mostrado, para ser acreditado e compreendido”.



**Figura 6** – Alunas internas do Colégio Nossa Senhora do Belém.  
Fonte: Arquivo pessoal da Sra. Mercedes. 1945

O uniforme escolar representa um fator de controle de comportamentos e de orientação da condução da sociedade, pois, a sua utilização é marcada como sendo importante no vestuário, indicando a harmonia, a higiene e a elegância.

Nesta linha de análise, é importante ressaltar a preocupação da Igreja com a vestimenta feminina e com seus adornos os quais pudessem de alguma forma destacar seu corpo. Para a Igreja o corpo da mulher, representa a função da maternidade, ou seja, ela deveria esconder-se, guarda-se e apenas mostrar-se para seu marido, ou dedicar sua castidade à vida religiosa. Esta pregação da Igreja, sobre a utilização adequada da vestimenta nas escolas foi evidenciada na Alocução *Sobre a Moda* pelo Papa Pio XII.



*[...] a pudícia, cujo sinônimo “modéstia” (de “modus, isto é medida, limite) exprime talvez melhor a função de governar e de dominar as paixões, especialmente as sensuais, é baluarte natural da castidade, o seu forte antemural, pois modera os atos proximamente conexos com o objeto próprio da castidade. [...] É pois justo que a pudícia como depositária de bens tão preciosos reivindique para si uma autoridade preponderante sobre qualquer outra tendência ou capricho que resida à determinação dos modos de vestir (PIO XII apud CHORNOBAI, 2002, p.91).*

As observações indicam que o vestuário tem uma linguagem própria, assim sua utilização representa um aumento da sensibilidade e da vergonha com tudo que entra em contato com o corpo “a vergonha passou a acompanhar formas de comportamento” (ELIAS, 1994, p. 166).

Dentro desse contexto, o uniforme de práticas esportivas, também recebeu orientações da Igreja, este não deveria ser ousado, pois poderia levar ao pecado ou a intenção dele. Nesta análise, o controle dos atos, pela simbolização do uniforme indica o que é socialmente apresentável. Este deveria ser utilizado de forma apropriada em determinados espaços, onde vesti-lo levaria ao prestígio, respeito e orgulho.

### **As tradições de brasilidade**

Embora se reconheça em inúmeros momentos, à força desses padrões de comportamento pela ação religiosa das irmãs, pelos preceitos de moralidade, religiosidade, recato e cuidado nas práticas pedagógicas, observa-se também, a consonância com tradições de brasilidade, representados pelos festejos nacionais.

1916 - *Segue-se o programa de encerramento. Um menino pequeno recitou a poesia "Pequenino". Ele mesmo tinha apenas a altura de 3 queijos (sic) e com todo entusiasmo contou às pessoas presentes tudo que havia aprendido; no fim, deu uma cambalhota no palco e involuntariamente caiu no palco, de todo o comprimento, fez todos rirem mais ainda. Mas, sem se perturbar, terminou sua poesia. Sob grandes aplausos, foi entoado o Hino Paranaense. Por fim todos voltaram para casa, muito satisfeitos (SSpS, p.6).*

1921 - *No dia 16 de novembro festejamos o onomástico de nossa boa Supervisora Irmã Gerarda. Nossas internas presentearam-na com uma grande e bonita Bandeira Nacional, que foi encomendada no Rio de Janeiro. Foi visível a alegria dela pelo inesperado presente. À tarde, as internas apresentaram um teatrinho em sua homenagem. Também compareceram as externas com diversos familiares (SSpS, p.13).*

Dentre estes momentos, os mais significativos que representavam os simbolismos de brasilidade, eram pelos desfiles de 7 de setembro. *Eu desfilava pelo colégio. Eu levava a bandeira do Brasil, bandeira do colégio. Ensaiávamos as marchas, as posições dias antes de tudo. Era tudo muito bem organizado!(D. MERCEDES, 72 ANOS).*

1922 - *A sete de Setembro foi comemorado o Centenário da Independência do Brasil. A data foi justamente celebrada no País inteiro. Também aqui em Guarapuava foram feitos todos os esforços para que o dia se revestisse da maior solenidade. Infelizmente, por causa do mau tempo, não se pôde celebrar a Missa campal. A celebração se realizou na matriz e as alunas do colégio cantaram uma missa nova. No domingo seguinte, no novo Hospital houve uma pequena festa, em que foram apresentadas marchas, poemas, discursos e cantos. Nossas alunas todas tinham bandeirinhas nas mãos e fitas verde-amarelas nos cabelos. Algumas carregavam símbolos e os brasões do Brasil. Tudo foi muito aplaudido pelos presentes, que acorreram em grande número (SSpS, 1922, p. 15).*

1939 - *No dia 07 de novembro, festejando o Centenário da Proclamação da República, foi realizada nossa festa escolar no teatro "Pimpão". Foram apresentados: o drama "Angústia de um Coração Materno" e a comédia "Mocidade e Velhice", que provocou riso e alegria; no fim, um bailado militar e um bailado com véus; o fundo do palco foi ornamentado com uma Bandeira Nacional, confeccionada com flores naturais (SSpS, 1939, p. 38).*

O evento de 1922 também foi registrado pelo jornal da época:

*1922 - Bem não haviam terminado os aplausos com que a grande assistência, saudou os últimos trinos dos maviosos hymno da Independência, quando, à voz do commando de seus professores se fez ouvir e os alumnos do Grupo Escolar, do Collegio de Nossa Senhora de Belém, do Instituto Becker, do Professor Metinovsky e da Professora D. Olinda Meng, com um total de mais de 400, moveram-se com a precisão de um exercito muito disciplinado, evoluindo em esquadras, até o pateo, à direita do Edifício do Grupo, onde se achava armado o altar da Pátria. Creação essa muito expressiva e imponente que se deve a gentil e espontânea contribuição da Exma., Irmã Directora do Collégio Nossa Senhora de Belém (O PHAROL, 07 de Setembro de 1922, p.10).*

Como dito anteriormente, as ações educativas empreendidas pela ordem, feita por meio de representações e apropriações de conhecimentos, foram adequadas aos usos e interpretações para aquela realidade que construíram. Na análise de Chartier (1990, p.17), as representações “produzem estratégias e práticas [...] que tendem a impor uma autoridade à custa de outras, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas”.

De certa forma, o atrativo exercido pela escola católica, sobremaneira, pela ordem e disciplina, ligadas às tradições, deram uma perspectiva de seriedade, colocada no colégio como exemplo de eficiência, pela conservação das formas escolares conquistadas e a também pela busca de inovações.

### **Novas formas de escolarizar**

A partir de 1945, configuram-se novas diretrizes, entre o público e o privado. Aspectos observados, na forma como os religiosos receberam a abertura do Ginásio Público.

*1946 – como foi fundado um ginásio, na cidade, temíamos que isto fosse prejudicar o nosso colégio; entretanto, desde os primeiros 15 dias de aula, apresentaram-se 15 internas e um bom número de externas.(SSpS, p.45).*

*1947- também este ano o bom Deus nos abençoou com muitas alunas. Infelizmente muitas do 3º, 4º e 5º ano vão para o ginásio da cidade, de modo que três classes estão muito desfalcadas. (SSpS, p.47).*

A imprensa local saudava com entusiasmo a instalação do Ginásio, que consolidava a educação secundária:

*Instalado no dia 15 de março último, acha-se funcionando normalmente o Ginásio Estadual de Guarapuava, com todas as séries do curso em atividade. Essa esplendida conquista que é mólde a figurar no quadro dos principais acontecimentos da nossa História, pois veio positivar em fato uma das mais antigas e justas aspirações do povo guarapuavano, deve ser registrado com o mais profundo reconhecimento ao Interventor Manuel Ribas (Jornal Folha do Oeste, 26 de maio de 1946, p.2).*

Assim sendo, as religiosas católicas tomavam novas decisões, gerando outros empreendimentos e novas alternativas educacionais, frente às exigências daquele período.

*1925 - No dia 25 de maio, realizou-se um rifa no colégio, com sorteio de trabalhos manuais e outras coisinhas. Cada número custava 2\$000. Não foi grande o lucro, mas demo-nos por satisfeitos com o resultado obtido: ganhamos um pouco mais que um conto de réis. Como temos um aparelho de projeção, I. Petronella fez algumas projeções de slides. (SSpS, 1925, p.29).*

*1937 - Está funcionando, neste ano, pela primeira vez, um curso de datilografia, dirigido pela Irmã Sabinia e um curso de pintura a cargo da Irmã Superiora. Ambos têm um número razoável de alunas (SSpS, 1937, p.36).*

Desta forma, equiparam o colégio com novos aparelhos, fundaram o Jardim de Infância e trouxeram para Guarapuava a primeira Escola Normal “no período de 1946 a 1961

expandiram-se os cursos de magistério no Paraná, à medida em que o Estado completava sua ocupação” (MIGUEL apud CHORNOBAI, 1998, p.72).

*1943 - Em março iniciamos [...] um pequeno Jardim da Infância, que funcionou durante todo o ano com dez ou 12 alunas apenas (SSpS, 1943, p. 43).*

*1947 - No mês de dezembro, a Secretaria de Educação enviou o Sr. Arthur de Sá para Inspeccionar o colégio e o corpo docente, satisfazendo ai nosso pedido de funcionamento da Escola Normal Regional. Seis alunas se apresentaram. Vamos iniciar a luta! (SSpS, 1947, p. 48).*



**Figura 7:** Alunas do Jardim de Infância, 1943. Professora, tia Même. Arquivo pessoal D. Mercedes

Realço que na década de 20 em Guarapuava, havia um Jardim de Infância público, anexo ao Grupo Escolar Visconde de Guarapuava, este surgiu numa época, em que os debates republicanos indicavam à instrução como reparadora dos males sociais, e como instrumento de formação moral e cívica.

Neste sentido, as educadoras católicas tomaram a iniciativa de possuir este espaço, diferenciado e organizado no ano de 1943 para atender às crianças de menor faixa etária. Na documentação pesquisada, há indícios, que este atendimento as crianças na idade de jardim de infância surgiu em 1907 com a Escola Paroquial, mas por falta de comprovação fica a questão como possibilidade de uma pesquisa futura.

É importante destacar que a função educativa nunca foi descuidada pela Igreja católica, em se tratando do preparo de crianças e jovens. Assim, como para as crianças, as jovens ocuparam uma preocupação a mais na ordem, especificamente ao ensino do magistério.

*1948 - Foi uma alegria para nós a possibilidade de abrir a Escola Normal Regional. Que ela seja uma sementeira para as jovens, as quais possam aqui se abastecer, afim de, mais tarde, comuniquem a outros o bem recebido e, assim o espírito de simplicidade e de piedade do nosso Fundador seja transmitida (SSpS, p.48).*

O curso normal ofertado no educandário deveria estar de acordo com as diretrizes do catolicismo, uma orientação voltada não especificamente para a profissionalização, mas uma formação voltada para aspectos vocacionais, a mulher teria o *dom* em ser boa mãe e educadora de seus filhos. Dessa forma, o magistério seria quase uma extensão do lar, e era nestes parâmetros que a Igreja almejava formar esta professora virtuosa, capaz de propagar conhecimentos a educação da infância, enfim, uma mulher voltada para a abnegação para com

as crianças. Como apresenta o Papa Pio XII (1941, p.5) na Alocução *Davanti a questa*<sup>9</sup>: É certamente arte difícil e laboriosa a de plasmar bem as almas das crianças; almas tenras, fáceis em deformar por impressões imprudentes ou por falsos estímulos, alma das mais difíceis e delicadas de se guiarem, nas quais muitas vezes, mais que na cera, uma influência funesta ou um descuido culpável bastam para lhes imprimir vestígios indelévels e malignos”.

Desse modo, era preciso *moldar* as crianças no caminho do bem. Em face disso, o tempo da infância é propício para as aprendizagens, quando a criança participa da construção social, cultural e histórica do seu grupo, ou seja, também nos momentos vividos pelas crianças juntamente com os adultos.

Neste sentido, a Igreja poderia esperar da infância muitos frutos, uma vez que não iriam contradizer as leis cristãs. Esta aliança, a partir da criança pode ter constituído uma possibilidade ideal nos relacionamentos para os religiosos. Esta idéia de que a criança bem doutrinada e acostumada desde a mais tenra idade na virtude, nos bons costumes, constituiria de fato uma geração firme e constante na fé.

*O círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão de vida social que lhe modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter ao padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou se excluindo da vida num ‘ambiente decente’. A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada como ‘doente’, ‘anormal’, ‘criminosa’, ou simplesmente ‘insuportável’ não tem, dentro de certos limites, outro significado. O modo como são compreendidos varia de acordo com os modelos historicamente mutáveis da formação dos afetos (ELIAS, 1994, p.146).*

Portanto, os modelos da Escola Normal e do Jardim de Infância marcaram o projeto das Servas do Espírito Santo, pois, a infância, seria um terreno fecundo para as normalistas

---

<sup>9</sup> A Alocução *Davanti a questa* foi publicada em 26 de outubro de 1941 e versa sobre a educação da infância (CHORNOBAI, 1998, p.74).

formadas pelas freiras para inscrever um comportamento adequado nas crianças, e estabelecer determinadas formas de relacionamento, que seriam necessárias posteriormente na sua vida de adulta e gerações futuras. Parafraseando Norbert Elias, as mudanças nas emoções ocorrem com o tempo, pois, a vida emocional do indivíduo é moldada sob pressão da tradição institucionalizada e da situação vigente (ELIAS, 1994 p.49).

As mudanças que percorreram no colégio ao longo de sua história, pela educação séria e comprometida pelas inovações pedagógicas, foram aspectos que influenciaram ainda mais a sociedade a fazer parte deste universo escolar, integrando-se assim, ao projeto educacional católico.

*1939 - Em 1º de fevereiro começaram as matrículas para a Escola Paroquial. Nela houve já no segundo dia 110 crianças. No dia 13 de fevereiro toma posse o recém – chegado Padre João B. Valle, como diretor do Colégio São José, que nesta ocasião tinha 19 internos e 45 externos. O Colégio (Belém) goza de boa fama e é famoso por sua ordem, disciplina e aproveitamento (SVD, 1939, p.24).*

A maneira de como as pessoas perceberam a escola, passou por uma significação própria, onde valores, idéias, mitos e crenças, constituíram este espaço. Fatores, julgados importantes para aquela sociedade, onde indivíduos viveram pelas regras inerentes a ela.

### **Formas de avaliar e obedecer: a inspeção escolar e os exames finais**

Segundo Foucault, a maneira mais fácil de dominar na sociedade é saber disciplinar os indivíduos, sem que estes percebessem, ou seja, sem pressão aparente. Portanto, nestas relações ao determinar condutas faz com que o indivíduo se autodiscipline:



*A vigilância é um dos principais instrumentos de controle. Não uma vigilância que reconhecidamente se exerce de modo fragmentário e descontínuo, mas que é ou precisa ser vista pelos indivíduos que a ela estão expostos como contínua, perpétua, permanente, que não tenha limites e que penetre nos lugares mais recônditos, esteja presente em toda extensão do espaço. Olhar invisível que permite ver tudo permanentemente sem ser visto, que deve impregnar quem é vigiado de tal modo que este adquira de si mesmo a visão de quem o vê (FOUCAULT, 1987, p.158).*

Para Norbert Elias a mudança no comportamento se dá muito mais por pressão que as pessoas exercem uma sobre as outras, de uma maneira pacífica e não violenta. “Torna-se imediatamente claro que esta maneira polida, extremamente gentil e relativamente atenciosa de corrigir alguém, sobretudo quando exercida por um superior, é um meio muito mais forte de controle social, muito mais eficaz para inculcar hábitos duradouros do que insulto, a zombaria ou ameaça de violência física” (ELIAS, 1994, p.93).

Seguindo esta linha de análise dos procedimentos de controle, reporta-se aqui aos processos de inspeção e exames instituído pelo Governo nas escolas públicas e privadas.

Os processos de inspeção escolar tiveram um papel coercivo na educação, tanto mais forte quando correspondia o desejo, ligado por um Brasil civilizado, mas de certa forma, acabaram sendo também propulsores de determinados avanços, como salienta Faria Filho (2000).

*Eram os inspetores de ensino, categoria profissional que existia desde início do Império, e que se viu sobremaneira fortalecida pela reforma que introduziu os grupos escolares. [...]. Neste processo, esses profissionais produziam representações acerca da escola que, extrapolando em muito os próprios regulamentos e regimentos e redefinindo as próprias funções no ato mesmo de praticá-las, (re) construíam identidades pessoais e profissionais ( FARIA FILHO 2000, p. 158).*

Este condicionamento de avaliações também foi verificado no colégio. Mais do que orientar para a execução de um programa de ensino, os inspetores, interferiam nas práticas das

professoras, caminhos metodológicos de acordo com os pressupostos da diretoria de ensino. Neste sentido, as irmãs, bem como, os conteúdos ensinados por elas no interior do colégio passavam agora pelo controle estatal.

*1923 - No dia 19 de outubro realizou-se uma visita do inspetor Escolar de Curitiba. Infelizmente, justamente nesse dia não houve aula, de modo que ele só pode apreciar os horários e a escrituração do Colégio (SSpS, p.18).*

*1938 - No dia 15 de setembro realizou-se uma inspeção escolar que foi muito favorável a nós. O inspetor foi o Sr. Fugi de Curitiba (SSpS, p.36).*

*1939 - No princípio de agosto, tivemos a visita do Inspetor escolar, o qual prometeu finalmente, o registro para o nosso colégio (SSpS, p. 37).*

*1940 - O inspetor Escolar de Curitiba visitou-nos 3 vezes e saiu sempre satisfeito. (SSpS, 38).*

Todos estes encaminhamentos constituíram num dispositivo simbólico e instrumental, que segundo Chartier (1990, p.218) era uma “escrita do Estado”, a qual tinha por finalidade instituir a modernização no campo educacional, em que todos deveriam seguir os mesmo métodos e processos de ensino.

Outra forma operacionalizada, instituída com muita força no sistema educacional, foram os exames finais. Estes traziam uma grande projeção pública e também uma carga de representações ao imaginário coletivo de quem fazia parte do processo educativo como: alunos, professores e pais.

Nestes momentos, os alunos avaliados passavam por uma banca examinadora, composta por convidados políticos, delegados, médicos, religiosos do alto clero e demais autoridades locais. Esta banca validava e classificava a aprendizagem dos alunos. Segundo Souza (1998, p.246) o trabalho da banca examinadora “deveria ser rigorosamente lavrado em

ata, registrada, documentado”. Neste processo, pode-se identificar o que Foucault (1987) evidencia sobre os exames, este instituiu um “campo documentário”, uma rede de anotações.

Nestes encaminhamentos, observar-se, que a intervenção da ação pedagógica, mostrava-se de forma bidirecional, ou seja, de um lado os alunos e em outro os professores a serem avaliados. Assim sendo, os exames indicaram que não era apenas um ato/fim isolado entre aluno/professor e sim um conjunto de fatores que envolvem negociações e cumplicidades por parte do professor/aluno e escola, porque juntos indicavam o grau de conhecimento repassado e adquirido, neste processo. Considerando-se também que os indivíduos constroem seus conhecimentos na dinâmica das suas relações, que são permeadas por tensões, argumentações, trocas e buscas solitárias. Portanto, a avaliação do processo de ensino e aprendizagem foi essencial, tanto para o aluno como para o professor.

*1927 - Neste ano, o exame final se realizou de maneira mais rigorosa e todas as alunas foram examinadas individualmente. A presidência coube ao Dr. Cunha e ao Ver. Padre Vigário, os quais se externaram com satisfação sobre o desempenho das alunas. As que foram aprovadas com distinção receberam um prêmio (SSpS, 25).*

*1946 – No dia 12 de novembro, dez de nossas alunas do 5º ano, juntamente com a Irmã Deomara prestaram exames diante de uma banca examinadora, formada pelo Sr. Delegado de Ensino e duas professoras do Grupo Escolar, uma das quais, Elza Leutsch, foi nossa aluna. O Sr. Delegado elogiou o bom preparo das alunas, bem assim todo o pessoal daqui. Nove alunas e a Irmã obtiveram ótimas notas (SSpS, p. 47).*

*1947 – Os exames de nossas alunas pequenas começaram com muitas dificuldades e empecilhos, mas tiveram um fim satisfatório, pois todas elas foram aprovadas com notas justas; o diretor do grupo foi muito sincero, colocando nosso trabalho à altura do dele, o que, entretanto, lhe acarretou muita perseguição por parte de professores do Grupo Escolar (SSpS, p.47).*

Este resultado avaliativo também teve ênfase na imprensa.

*O professor Amarylio, em brilhante oração, dirigida aos Paes de seus alumnos, deu-lhes contas do que foram os trabalhos escolares, durante o anno que findava, pasando a ler o resultados dos exames, que foi o seguinte: Escola Complementar – 1ª cadeira – Arthimetica e Geometria – Professora Alcina Rocha. 2ª cadeira – Portuguez – Profª. D. Maria de Jesus Boamorte. 3ª cadeira – Historia, Geographia e Instrução Moral e Cívica – Prfª. D. Eugenia Boamorte. 4ª cadeira – Pedagogia, Sciéncias phycas e Naturaes – Professora Amarylio R. Oliveira (JORNAL CORREIO DO OESTE, 16 de junho de 1929).*

Os exames constituíram também numa satisfação a sociedade, manifestado nestes resultados a qualidade do ensino ofertado pela escola. A instituição dos exames públicos “constituiu uma das ‘inovações’ educacionais republicanas mais contraditórias e conflituosas no processo de construção da escola primária pública renovada” (SOUZA, 1998, p.242).

A prática da argüição para a sociedade foi muito utilizada por Marta Watts, no final do século anterior às irmãs. Nestes momentos, Miss Watts evidenciava seu colégio metodista e era reconhecida pelo seu ensino renovado e humanizante. Seu colégio foi apontado por um inspetor como “célula-mãe da instrução no Estado de São Paulo” (MESQUITA, 2001, p.10):

*No dia 11, às 10h 30 da manhã, na espaçosa sala, estava reunida uma sociedade seleta das mais elegantes damas e distintos cavalheiros. No início, o reverendo J.W.Koger fez algumas observações aqueles que iluminavam o festival da escola com suas presenças. “Além de uma paciência de fazer inveja, a Srta.Wats possui um método que pode ser considerado original. Não é fácil descrever a arte e habilidade que ela tem para ensinar a todos aqueles pequeninos aritmética, inglês, etc. Assistida por professores capazes e devotados, ela pode se orgulhar pelos resultados de seus esforços. Nós não exageramos quando dizemos que o estabelecimento, sob sua direção, é o primeiro da Província de São Paulo; esperamos em pouco tempo ver uma procura por parte dos pais que desejam dar a suas filhas uma educação verdadeira – isto é, uma educação que veja além do memorize, memorize, memorize sem fim e universal (MESQUITA, 2001,p.10).*

Como Miss Marta Watts, as religiosas católicas fizeram estas práticas. As missionárias estavam num período em que as comparações institucionais emergiram. Assim avaliações, discursos, exames, festas, exposições eram parte desse processo para evidenciar suas

*ensinagens*. Os relatos abaixo refletem a própria determinação de regulamentar o colégio, na utilização desses encaminhamentos, validando-os como norma escolar.

*1922 – No dia 28 de novembro, com em todos os anos, realizaram-se os exames finais. Quase todos os pais das alunas presenciaram os exames e visitaram a exposição de trabalhos manuais (SSpS, p.15).*

*1925 – no dia 25 de novembro realizou-se o exame final das alunas, presidido pelo Rev. Padre Vigário. O resultado foi satisfatório. Apesar de termos tido poucas alunas, conseguimos fazer uma bonita exposição de Trabalhos Manuais. O número de pessoas que visitou a exposição foi maior do que a dos anos anteriores. Esperamos que no próximo ano, o colégio prossiga melhor (SSpS, 23).*

Outro apontamento, ainda faz-se necessário, sobre as exposições dos trabalhos manuais, em que fica evidenciado as diferenças nos aprendizados entre meninos e meninas.

*Toda semana tinha o horário bordado, tricô e crochê. Assim esses trabalhos manuais. Os meninos do primeiro até o segundo ano faziam desenhos, também trabalhosinho com serrinha, confeccionando muitos objetos até para uso pessoal. Você trazia para casa, por exemplo, uma toalha bordada. Ela ensinava o ponto e você ia fazendo, terminava aquele trabalho, se ele tinha condições, no final do ano tinha exposição dos trabalhos. Então era colocado na exposição, e às vezes até, tinha umas que mereciam prêmio, era classificada aquele trabalho (D. MERCEDES, 72 ANOS.).*

É relevante destacar que estes trabalhos também eram executados nas escolas públicas, mas para as escolas religiosas estes momentos eram enaltecidos. As meninas tinham uma instrução doméstica, técnicas apreendidas como: puericulutura, bordar, fazer crochê, tricô, pintar e costurar. Estas aprendizagens, segundo a educação do período seriam necessárias à confecção do futuro enxoval, ou pelas aplicações dos trabalhos a produzir e perpassar para

outros. Para os meninos cabiam neste contexto, aprendizagens em torno de uma possível profissão.

*1933 – No final de novembro, depois dos exames, houve uma pequena festa de encerramento. As alunas do 4º ano receberam o diploma das mãos do Sr. Bispo escolhido por elas como parainfo. Sua Excia. expressou sua gratidão, não só para com as alunas, como também para com as Irmãs [...] Nos últimos dias de novembro, realizou-se a exposição de Trabalhos Manuais, apresentado também, neste ano, pela primeira vez, confecções do curso de Corte e Costura. Assim, a exposição foi mais bonita e muito admirada por todos (SSpS, p. 31).*

Os excertos acima descrevem de como a forma escolar mantinha-se agregada as metodologias indispensáveis, mas atreladas à tradição escolar religiosa.



**Figura 8** – Encerramento do curso primário (5º ano). Colégio N. Sra. De Belém. Esquerda: Ir. Gertruda, superiora; Centro: Ir. Celita; Direita: Ir. Aristela, (ano 1945). Fonte: Arquivo pessoal da Sra. Mercedes.

O padrão social de controle, estabelecido a partir desses momentos de avaliação, trouxeram uma carga de sentimentos e valores emocionais diferentes, proporcionados pelos discursos apresentados, desencadeando a vergonha, medo, embaraço e vulnerabilidade. Estes discursos foram produzidos por indivíduos distintos como: inspetores, professores, administradores escolares e a comunidade local. Nestas relações fica explícita como os indivíduos introduzem na vida uns dos outros perigos e temores muitas vezes incontroláveis, como diz Elias “O uso vigente no discurso e no pensamento torna esses e muitos outros conceitos relativos ao mundo humano bastante suscetíveis às cargas afetiva. Seu sentido, portanto, costuma ser mais indicativo do estado emocional da pessoa que os emprega do que dos fatos a que eles se referem” (ELIAS, 1994, p.78). Esta questão fica clara quando a cronista comenta:

*1940 - Os exames começaram no início de novembro. Infelizmente, o inimigo de todo o Bem prejudicou nosso colégio. A banca examinadora enviada pelo Governo era composta de elementos inimigos da Religião. Apesar de todo o sofrimento, as alunas do Curso Complementar conseguiram ser aprovadas, embora lhes tenham sido abaixadas as notas. Já se comentava nos bares e salões de barbeiro que queriam ver o que as freiras ensinavam. Mas, graças a Deus, sua ajuda se fez sentir; os pais de nossas alunas mostraram o valor que o Colégio tem para eles. A exposição de Trabalhos Manuais esteve extraordinariamente bonita e foi muito visitada (SSpS, p. 39).*

Tal como dito anteriormente o providencialismo, toma novamente lugar nas situações em que o grau de insegurança e perigo invade a ordem, servindo como arma de defesa e ataque diante de seus conflitos. Para as religiosas, este foi o mecanismo utilizado para se protegerem de circunstâncias hostis. Assim, inúmeras vezes foram incapazes de controlar e perceber a situação racionalmente. Por conseguinte, entende-se que não foi ou, é uma tarefa simples elaborar e abandonar, sem deixar-se impressionar por essas profissões de fé.

*Essa ligação do pensamento e da ação a formas mágico-míticas de experiência, impregnadas de fantasia e afeto, sempre dificulta, e às vezes impossibilita, que as pessoas empreguem formas de conhecimento e comportamento mais realistas para reduzir a ameaça decorrente de acontecimentos naturais não controlados e colocá-los mais completamente sob seu controle (ELIAS, 1994, 70).*

Neste sentido, as diferenças do ensino ofertado deram as pessoas o poder de escolha. Servindo para atizar o fogo do conflito e da tensão entre o ensino público e o privado religioso. A crítica feita às professoras religiosas como anteriormente descrito é referendada, pelo menos no que inscreve aos professores do ensino público, de alguma maneira apontada por alguns grupos, com alguma simpatia.

O período da década de 40 revela que tanto o ensino oficial, quanto o particular, é entendido como sendo públicos. Desta maneira, a distinção entre o público e o privado tem uma configuração diferente deste percebido atualmente. Compreende-se que o ensino público, naquele momento, poderia ser oficial e particular, pois a educação é vista como dever do Estado como indica a irmã:

*1948 – Em São Paulo pedi insistentemente licença para aumentar o pátio das alunas, anexando a elas dois terrenos contíguos à quadra. Tive então que agüentar uma censura de nossa boa Irmã Superiora Provincial, que me mandou recorrer ao governador para ajudar-nos na compra, pois a ‘educação é um serviço inteiramente prestado à Pátria’. Assim, eu empreendi a “Via Sacra”, juntamente com minha companheira no dia 23 de janeiro, na esperança de que nosso pedido tenha um bom resultado (SSpS, p.48).*

O estabelecimento dos princípios norteadores da educação criados pelo Estado, por meio de instrumentos de motivação e incentivos escolares, criaram situações de competição e disciplina. Pois, o ensino adotando técnicas disciplinares modernas em detrimento aos castigos físicos como: cartões de mérito, notas de aplicação, quadro de honra e a distribuição



de prêmios por ocasião dos exames finais representavam o coroamento das inferências postas pelo Estado.

*1934 – No dia 15 de novembro, iniciaram-se os exames para nossas alunas, primeiro na Escola Paroquial e, depois, no Colégio. Os (as) professores (as) ficaram muito contentes com os resultados obtidos. Também a festa de encerramento decorreu de maneira bastante satisfatória. Nesse dia foram entregues os diplomas e distribuídos prêmios. Todas as alunas voltaram alegres para casa. Satisfez muito a apresentação do drama Fabíola, pelas alunas maiores (SSpS, 32).*

A classificação dava-se em razão de boas notas dos alunos, conferindo certo status ao aluno, evidenciando o mérito individual. Para muitos desses alunos (as) o acúmulo destes prêmios, resultava também em saídas para suas casas. Esta atribuição de prêmios a um comportamento educado tanto no exterior ou interior do colégio representava um elemento identificador do *ser civilizado*.

Portanto, as ações do Estado, conferiram uma inferência centralizadora e delimitaram algumas das ações do colégio, colocando em destaque problemas e também possibilidade de gerar mudanças efetivas na prática educativa das religiosas católicas. Assim, não há como desconsiderar, a luta por mais espaços de atuação.

Neste sentido, as missionárias católicas buscaram além de melhores conhecimentos pedagógicos, as proposições didáticas e metodológicas para o ensino ofertado, manter estes princípios atrelados ao projeto maior, reformador voltado para a moralização e civilização da população.

## A saída das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo

*A educação nem se compara! Como transmitiam e ensinavam os alunos. Quando deixavam o colégio realmente estavam preparados para a vida. Coisa mais linda! Eu ainda tenho até hoje tenho no discurso que fiz quando fui oradora do quinto ano. Eu ainda tenho no meu coração umas palavras. Tem um lugar que eu me lembro que eu coloquei assim: “Como é difícil dizer-te adeus casa querida, que por longos anos nos abrigastes das ondas tempestuosas da ignorância e do erro”. Tem coisa que ainda guardo assim na cabeça, que eu escrevi para fazer o discurso. “És o invólucro protetor de almas santas que por Deus e pela salvação do mundo abandonaram seus bens o mundo e suas riquezas”. Guardo, marcou muito, veja quantos anos faz, mas aquilo que é realmente profundo e bonito marca o coração da gente (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

A construção social e cultura que as missionárias Servas do Espírito Santo se propuseram em suas propostas pedagógicas, ora inovadoras ora tradicional-religiosa, a ordem foi se construindo e reconstruindo, com a ação de educação crianças e jovens. Meninos e meninas, que vivenciaram os princípios fundamentais para a Igreja Católica, sendo estes, pela *revelação*, pela *sagrada escritura* e pela *tradição*. Princípios colocados pelo tempo em que as irmãs permaneceram na cidade.

Neste sentido, seus ensinamentos não implicaram somente em aprendizagens de conteúdos específicos, mas principalmente a aprendizagem de determinadas normas de condutas, regras de comportamento. Assim as freiras, promoveram em seus alunos a interiorização de valores de uma instituição, voltada para uma formação inserida na moral católica.

Por quarenta e oito anos as Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo conduziram a escola. A saída das irmãs da cidade ainda gera algumas hipóteses: alguns grupos afirmam que as religiosas não tiveram apoio das autoridades, estavam cansadas e com poucas irmãs para a manutenção do colégio. Para outros, a saída foi uma surpresa, pois estavam estruturadas e vinham no caminho certo com o ensino, mas por perseguições de uma pessoa influente da cidade tiveram que sair às pressas para não comprometer a ordem e o colégio. Estas hipóteses podem com o tempo serem esclarecidas, há alguns indícios, mas esta é outra história que aqui não cabe evidenciar neste momento, pois estaria entrando num campo com muitos confrontos.

Portanto, a história das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo encerram-se parcialmente e se prolonga com novas possibilidades, para a outra Congregação Irmãs Missionárias de São Carlos Barromeu.

*Em março, recebemos a visita da querida I. Assistente Provincial Optata. Ela trouxe consigo duas irmãs Carlistas, que queriam ver nosso Colégio e o Hospital. Parece que gostaram, pois, como “ouvimos dizer, os dados já foram lançados”. Estas Irmãs, 06 de janeiro do ano que vem, assumirão o Colégio. Daqui a alguns meses apenas, as Irmãs SSpS deixarão Guarapuava, onde, durante 48 anos, trabalharam, rezaram e sofreram. Foram vencidas as dificuldades do incio e muita coisa foi superada e o Colégio está em plena florescência. Ele não morrerá, será dirigido por outras Irmãs. A casa será entregue a outra Congregação, para que seja possível às Superiores começar os trabalhos em outros lugares, onde esperamos que haja mais vocações do que aqui. Necessidade premente da Província é o aumento de vocações (SSpS, 1955, p. 54).*

*[...] Faltava pouco tempo para completar os 50 anos de nosso trabalho missionário entre o povo de Guarapuava. Graças a Deus, que tudo contribuiu para sua glória e para a salvação de muitos (SSpS, 1955, p. 55).*

*Foi feita uma homenagem para as Servas na frente do colégio. Então foi reunido a comunidade, a população de Guarapuava foi convidada, para despedida delas, alguém deu presentes. Eu elas me convocaram para eu fazer uma acolhida para as outras que chegavam. Então eu fiz a acolhida para Carlistas, isto é, as Servas de São Carlos Barromeu.*

*Eu me lembro muito bem disso, foi bastante comovente aquela despedida. As Carlitas, elas são também mulheres muito boas, muito capacitadas, só que elas, são assim muito radicais, muito conservadoras. As Servas do Espírito Santo Agora eram ricas em espiritualidade e em formação. Eu alguma coisa que sei devo á elas, lógico minha mãe, meu pai, eles eram pessoas cristãs, católicas, temente a Deus, e como sabemos a nossa formação começa em casa. Com estas santas criaturas, eu aprendi muito, eu trouxe de lá uma enorme bagagem para a vida. Como é difícil Rita, dizer adeus àquela casa querida (D. MERCEDES, 72 ANOS).*

Estas indicativas, com as questões sagradas, o valor em uma crença, ou uma fé fervorosa ressaltada no respeito, na moral, através dos ensinamentos das irmãs. Percepções que permaneceram e apareceram continuamente e que foram e são evidenciados nos contatos como com filhos, netos e com outras crianças.

Portanto, tais conceitos, bem como, o valor da cultura e da tradição foram importantes, acreditando que estes foram à garantia de terem recebido uma boa educação e que são reminiscências que perduram.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história até aqui contada, revelou pelo menos em parte, a constituição dos projetos de civilidade trazidos e ressignificados pela ordem Missionária Servas do Espírito Santo e suas representações no cotidiano da cidade de Guarapuava.

O período estudado compreendeu a época das primeiras reformulações dos ideais católicos, em oposição ao ideal renovador escolanovista à República populista.

No cenário das reformulações educacionais, a vinda de grupos de missionários para o Brasil, conforma uma dimensão histórica - nacional. Os projetos de civilidade, os ideais missionários dos grupos estrangeiros puderam, de alguma forma, se concretizar, uma vez que estes atuaram num vasto campo de trabalho como: saúde, pastoral, comunicação, atendimento a minorias étnicas, famílias, jovens, crianças e idosos. Expandiram as possibilidades de acesso à educação, levando-a para lugares onde não havia instalações escolares, colaborando, neste sentido, para o desenvolvimento educacional do país. Esta colaboração, segundo os missionários, viria pela educação aliada à palavra de Deus. Um discurso oriundo de outras nações que se percebiam mais civilizados em relação ao das populações locais visitadas.

A vinda das primeiras religiosas para Guarapuava, desencadeia um desses projetos da Igreja Católica. A fundação do Colégio Nossa Senhora do Belém, como a primeira instituição confessional de atendimento a meninas, representou o projeto geral católico. Ainda que as missionárias ofertassem o ensino primário, também, aos meninos, foi com a clientela feminina que fortaleceu a representação de uma escola tradicional, com um forte regime disciplinar, visto com bons olhos por alguns dos segmentos da sociedade de Guarapuava.

Destarte, a escola atendia ao anseio dessa população, adequava-se à proposta de uma educação ideal, que promovesse a formação de indivíduos bem polidos e comportados; o perfil civilizado para aquela sociedade.

Neste projeto ideal de civilidade estava a criança, a ‘cera virgem’ o ‘barro a ser moldado’, visando, assim, a tornar a criança um adulto conforme a sociedade o exigia.

Busquei, desse modo, emergir das fontes estudadas, as regras descritas como rígidas, ou contraditórias, as quais estabeleceram normas de conduta para convivência na escola e extra-muros. Nesta perspectiva, a documentação mostrou a valorização dessa educação, os conceitos, que foram sendo construídos com vistas aos projetos de civilidade, delineados pelas irmãs-professoras-leigas, consoante aos da ordem missionária a que pertenciam.

Estes projetos, desde o início, comungaram com o desenvolvimento de uma proposta educacional pedagogicamente orientada. Para tal intento, as irmãs valeram-se de ações didáticas de cunho agradável, divertido e lúdico, e também de práticas para estabelecer limites e regras de condutas, as quais foram apreendidas, num processo de controle e autocontrole e concorreram para normatização de comportamentos dos indivíduos que naquele espaço estiveram.

Todos esses processos apoiaram-se num discurso de concepções de vida civilizada representada pelos bons costumes e pelos ensinamentos da religião, que foram a grande marca do colégio. Considero, aqui, dois discursos das missionárias: *o infalível* e *o falível*. O primeiro representa a pregação pela palavra de Deus, ideal maior; a caridade – amor ao próximo; a esperança da vida eterna. Princípios que não poderiam ser colocados em dúvida, discursos derivados pela sabedoria católica. O segundo discurso indica as relações sociais, este discorrido pela mulher-professora, aquela que aprende com as tensões do cotidiano.

Sob esse foco, todos os ensinamentos transmitidos pelas freiras através das relações travadas com o fundador, professores, os alunos, pais, Estado, enfim, toda essa

interdependência influenciou nas ações com as crianças e jovens. Ressalto que nestas relações, o poder, nas ações estabelecidas, vai sendo exercido por um lado e por outro, sem que cada um dos envolvidos, muitas vezes, tenha a clareza disso, mas há a necessidade do fortalecimento enquanto indivíduo do grupo.

Dessa forma, as tensões, os conflitos, coação, a pressão, as competições fizeram parte desse universo escolar. Ao conviverem nas mais diversas situações, os indivíduos que ali estudaram, foram aprendendo e internalizando uma forma de comportar-se, para aquela sociedade. Assim, compreende-se a interferência do mundo externo no mundo interno, ou como a natureza sócio-cultural se torna a natureza psicológica.

Interferências que ficam claras ao longo do período em que as missionárias permaneceram à frente da comunidade escolar e dos trabalhos da igreja. Esta interferência, pelos projetos trazidos, configurou-se em dois momentos que entrelaçados caracterizaram a instituição por elas fundada: o primeiro pela *religiosidade* explicitada na oração, no catecismo, na primeira comunhão, no crisma, nas procissões, pelas imagens e missas. O segundo pela *escola*, as disciplinas ensinadas, a higiene, as festas, os teatros, os desfiles, os ritos, os trabalhos manuais, o vestuário, os exames e os prêmios.

Algumas dessas referências foram trazidas por uma concepção européia, e em alguns momentos foram evidenciadas. Pontos ressaltados pela ordem, quanto ao modo como os adultos e crianças se comportavam. A despeito desses relacionamentos, a educação das irmãs não pode ser considerada como superior à educação brasileira do período, pois as fontes revelam uma preocupação das religiosas em desenvolver um trabalho muito próximo e/ou igual à educação estabelecida pelo Estado para as crianças brasileiras.

Em contrapartida, com os projetos inscritos pelas religiosas, o Colégio Nossa Senhora de Belém produziu uma cultura escolar religiosa que lhe foi própria. Esta cultura,

representada desde a história do fazer escolar, pelas práticas e condutas, dos conteúdos, das disciplinas, da organização curricular, pelos professores e alunos.

Neste sentido, a escola das irmãs foi pródiga em alguns modelos de como os indivíduos deveriam pensar e agir. A escola fez e transmitiu cultura, atos que possuíam direções, mas não possuíam nem objetivo nem fim. *Seres humanos* civilizando *seres humanos*, um processo longo, que se estende para além...



## FONTES

### Fonte oral

LOURES, M. R. Guarapuava, 2 de nov. de 2005.

### Documentos Eclesiásticos

Cartas Pastorais do Bispo Fundador Arnaldo Janssen às Primeiras SSpS do Brasil.

Compêndio do vaticano II: Constituições decretos declarações. Editora Vozes: Petrópolis, 1971

Livro – Tombo da Igreja Matriz - Guarapuava

### Arquivo do Seminário José - Ponta Grossa

CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO. *Crônicas da Congregação do Verbo Divino em Guarapuava. 1907 – 1959..* Trad. por Pe. Ricardo Kupper. Ponta Grossa, 1993.

### Arquivo da Casa Provincial – Ponta Grossa

IRMÃS SERVAS DO ESPÍRITO SANTO. *Crônicas do Colégio Nossa Senhora de Belém: Guarapuava (1907 – 1955).* Trad. Ir. Cecilie P. Homen. São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Crônicas do Colégio Nossa Senhora de Belém: Guarapuava (1907 – 1955).* Trad. Suzana Kohler. 2006.

### Periódicos

A Cidade (1934 a 1938)

O Guayra (1897 a 1899).

O Pharol (1919 a 1922)

Jornal Folha do Oeste (1938 a 1946)

Jornal Correio do Oeste (1929-1930)

**Acervo Particulares das Ex- alunas**

Fotografias

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. *Ensaio bibliográfico*. Obras coletivas de História Oral. In: *Tempo*. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1997, pp. 206-219.

ALMEIDA, I. B. & RHODEN, Ir. M. A. *Colégio Sant' Ana. 100 anos de Educação e Evangelização em Ponta Grossa: 1905-2005*. Ponta Grossa - PR: Editora Planeta. 2005.

AZEVEDO, F. *A cultura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

BORNEMMANN, F. Arnaldo Janssen: fundador de los misioneros del Verbo Divino. Trad. de *Arnold Janssen der Gründer des Steyker Missionswerkes*. Original. Estella: España, Verbo Divino, 1971

CHORNOBAI, G.Q. *Igreja Católica, educação feminina e cultura escolar em Ponta Grossa(Paraná): A escola norma de Sant' Ana (1947-1960)*. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Paraná, 2002.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

\_\_\_\_\_. *A história cultural*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1990.

\_\_\_\_\_. *A história hoje: dúvidas, desafios, propostas*. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 7. nº13. pp. 97-113.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, vol. 5, nº11. 1991.

GATTI, Jr. D. *Apontamentos sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições escolares*. In: *Revista Cadernos de História da Educação*. Universidade Federal de Uberlândia. Vol. 01. nº1. (Jan/Dez, 2002) Uberlândia: UFU, 2002.

GEBARA, A. *Identidades assumidas e identidades pretendidas: lazer e educação*. Unimep, Piracicaba, 2005.

\_\_\_\_\_. *O tempo na construção do objeto de estudo da história do esporte, do lazer e da educação física*. Anais, do II Encontro Nacional da História do Lazer. Ponta Grossa, 1995.

\_\_\_\_\_. *Conversas sobre Norbert Elias: depoimentos para uma história do pensamento sociológico*. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2005.

GINZBURG, C. *Mitos emblemas sinais: morfologia e história*. 4ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

ELIAS, N & SCOTSON, L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ELIAS, N. *A Sociedade de Corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*/Trad. Pedro Sússekind; prefácio, Roger Chartier. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador. Formação do Estado e civilização*. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

\_\_\_\_\_. *O Processo Civilizador. Uma História dos Costumes*. Trad. Ruy Jungmann. 2<sup>a</sup>. ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX* Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Escritos & Ensaios: Estado, Processo, opinião pública*. Org. Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Trad. em inglês, Sérgio Benvides; textos em alemão, Antonio Carlos Santos; textos em holandês, João Carlos Pijnappel. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. *Mozart: A Sociologia de um gênio*. Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Sociedade dos Indivíduos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_. *Sobre o Tempo*. 1997. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. 1998.

FILHO, M. F. (org) *Instrução elementar no século XIX*. IN. *500 anos do Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1991.

HILSDORF, M.L. *História da educação brasileira: leituras*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2003.

HUIZINGA, J. *El Concepto de la Historia y Otros Ensaio*s. México: Fondo de Cultura Economica, 1992.

JANSSEN, A. *Uma vida a serviço da missão*. Trad. Irmã Noemia Sulzbach. 2003.

KOHLER, R. *Opapa Alberto: Estes Kohler e outros personagens*. Curitiba: Index Consultoria, 2006

KREUTZ, L. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, E. M., FARIA FILHO, L.M., & VEIGA, C.G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2000.

KUHLMANN, JR. M. *As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

LE GOF, J. *História e memória*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

LOMBARDI, J. C. História e historiografia da educação: atentando para as fontes. In:\_\_\_\_\_.*Fontes, História e Historiografia da Educação*.Campinas: Autores Associados, 2004. p.141 a 176.

MAURUTTO, Pe. *Carisma Missionário de Padre Arnaldo Janssen*. SVD.

MARCONDES, G. G. *Guarapuava: história de luta e trabalho*. Guarapuava: UNICENTRO, 1998.

MATOS, E. S. *A dimensão histórica do processo de tecnificação e civilização*. Piracicaba/UNIMEP, 2005.

MELLO E SOUZA, L. *O diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MESQUITA, Z. *Evangelizar e Civilizar: Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: UNIMEP, 2001

MISSIONÁRIOS DA CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO NO BRASIL. Nossa História Nossa Missão: 1895/2000. Sociedade Propagadora Esdeva: Belo Horizonte, 2000.

OLIVEIRA, M.C.S. *Lembranças de infância: que história é esta?* Dissertação de Mestrado da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, 1999.

RENK, V. *A educação dos imigrantes alemães católicos em Curitiba*. Curitiba: Champagnat, 2004.

RIBEIRO, Jr. J. *O que é positivismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 7- 42.

ROMANELLI, O. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

SARAT, M. *Histórias de estrangeiros no Brasil: infância, memória e educação*. Tese de Doutorado da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, 2004.

SIMÕES, J. L. *Escola para elites, cadeias para vadios: relatos da imprensa piracicabana (1889-1930)*. Dissertação de Mestrado da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, 2005.

SOUZA, R. F. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Unesp, 1998.

TEIXEIRA, N. C. Colégio N. S. Belém. *Revista Manjolo*. Guarapuava, n.2, 2002, p.25.

WERLE, F. O.C. História das Instituições Escolares: do que se fala? In: LOMBARDDI, J.C. & NASCIMENTO, M. I. M. *Fontes, História e Historiografia da Educação*. Campinas: Autores Associados, 2004. p.13 a 35.

XAVIER, M. E. *História da educação: a escola no Brasil*. São Paulo: FTD, 1994.

ZULIAN, R. W. *Catolicismo e educação em Ponta Grossa (1889-1930)*. Dissertação de Mestrado. Ponta Grossa, UEPG, 1998.